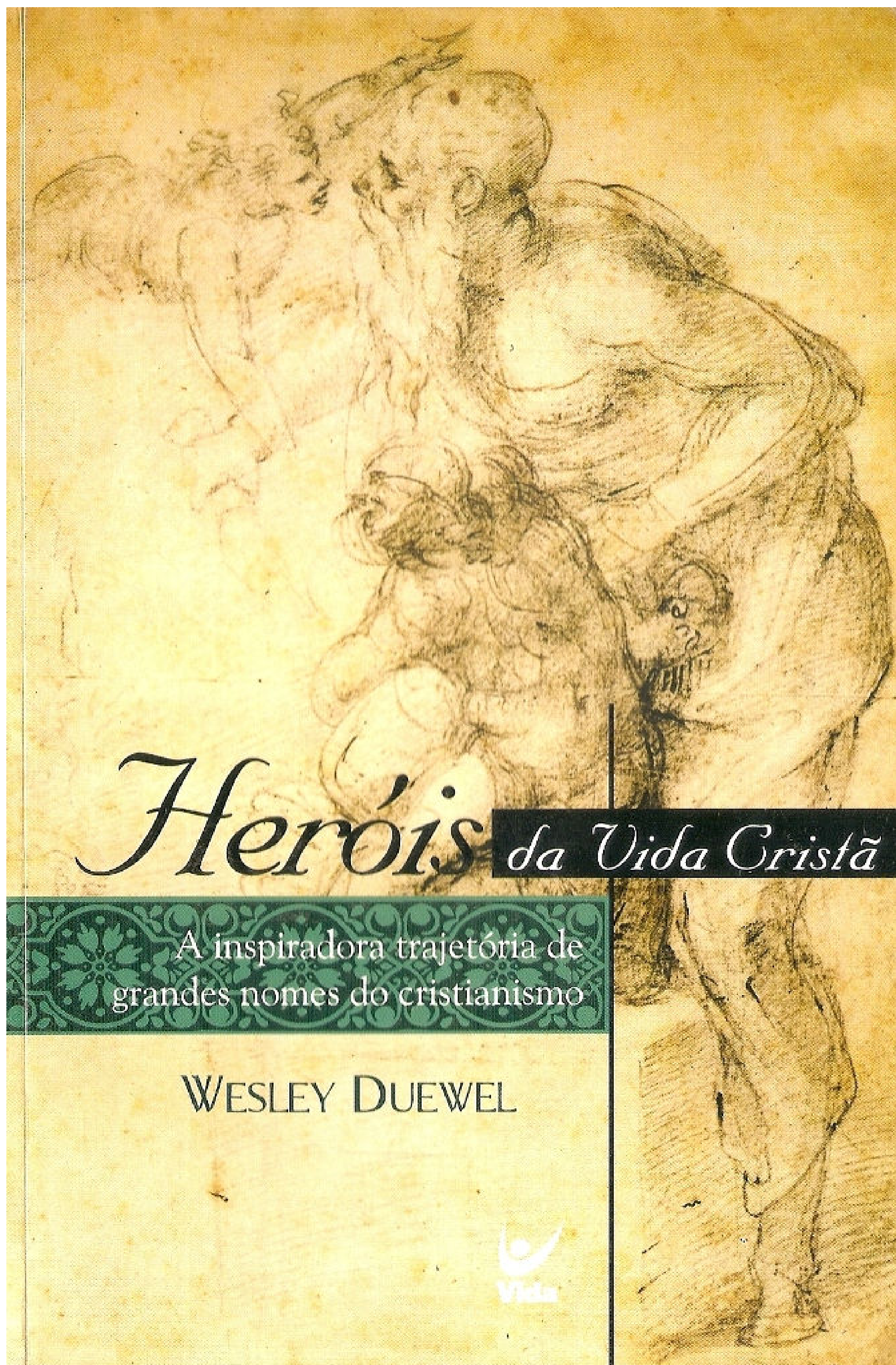



Digitalizado Por: Pregador Jovem



Editora do grupo

Zondervan
HarperCollins



Editora filiada a

Câmara Brasileira do Livro

Associação Brasileira
de Editores Cristãos

Associação Nacional
de Livrarias

Associação Nacional de
Livrarias Evangélicas

Direção executiva
Eude Martins

Supervisão de produção
Sandra Leite

Gerência administrativa
Sérgio Lima

Gerência de comunicação e marketing
Sérgio Pavarini

Gerência editorial
Fabiani Medeiros

Supervisão editorial
Aldo Menezes

Editorias

Obras de interesse geral
Obras para igreja e família
Obras teológicas e de referência
Obras em língua portuguesa
Obras infantis e juvenis
Bíblias

# Heróis da Vida Cristã

## A inspiradora trajetória de grandes nomes do cristianismo

WESLEY DUEWEL

Tradução
James Monteiro dos Reis

Pelo mesmo autor



*A grande salvação de Deus* (Candeia)

*A oração poderosa que prevalece* (Candeia)

*Avalie a sua vida* (Candeia)

*Deixe Deus guiá-lo diariamente* (Candeia)

*Em chamas para Deus* (Candeia)

*Mais Deus, mais poder* (Candeia)

*O fogo do reavivamento* (Candeia)

*O poder de Deus é para você* (Candeia)

*Santificai o jejum* (Candeia)

*Toque o mundo através da oração* (Candeia)


Título do original • *Heroes of the holy life*,
edição publicada pela
ZONDERVAN PUBLISHING HOUSE
(Grand Rapids, Michigan, EUA)





EDITORA VIDA
Rua Júlio de Castilhos, 280 • Belenzinho
CEP 03059-000 • São Paulo, SP
Telefax 0 xx 11 6618 7000
www.editoravida.com.br





Todas as citações bíblicas foram extraídas da
*Nova Versão Internacional* (NVI),
©2001, publicada por Editora Vida,
salvo indicação em contrário.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Duewel, Wesley L.
Heróis da vida cristã : a inspiradora trajetória de grandes nomes do cristianismo / Wesley Duewel; tradução James Monteiro dos Reis. — São Paulo : Editora Vida, 2004.

Título original: Heroes of the holy life
Bibliografia.
ISBN 85-7367-711-2

1. Biografias cristãs 2. Cristianismo 3. Fé 4. Vida cristã I. Título. II. Título: A inspiradora trajetória de grandes nomes do Cristianismo.

03-2708 CDD-270.0922

**Índices para catálogo sistemático**

1. Grandes nomes : Biografia : Cristianismo 270.0922
2. Heróis da fé : Biografia : Criatianismo 270. 0922

# Sumário

*Prefácio* 7

*Prólogo* 9

1. FRANCIS ASBURY 11
Servindo a Deus até a morte

2. DUNCAN CAMPBELL 23
*Primeira parte*
Reavivamento nas ilhas Hébridas

3. DUNCAN CAMPBELL 35
*Segunda parte*
A mão de Deus no reavivamento escocês

4. OSWALD CHAMBERS 45
Cercado pela presença de Deus

5. JONATHAN GOFORTH 63
O homem do reavivamento

6. MADAME GUYON 81
*Primeira parte*
Evangelista santificada e cheia do Espírito

7. MADAME GUYON 91
*Segunda parte*
Escritora inspirada

8. FRANCES RIDLEY HAVERGAL 101
Escritora e cantora cheia do Espírito

9. JOHN HYDE 113
O intercessor de face resplandecente

10. ADONIRAM JUDSON 129
*Primeira parte*
O apóstolo de Deus para a Birmânia

11. ADONIRAM JUDSON 141
*Segunda parte*
Vitória apesar do sofrimento

12. DWIGHT LYMAN MOODY 155
O ganhador de almas

13. EVAN ROBERTS 171
Escolhido para o ministério de reavivamento

14. GIROLAMO SAVONAROLA 187
O reavivalista de rosto resplandecente

15. AMANDA SMITH 197
A ganhadora de almas ungida pelo Espírito Santo

16. JOHN SMITH 211
*Primeira parte*
Consagrado guerreiro de oração

17. JOHN SMITH 221
*Segunda parte*
Intercedendo pelas almas

18. WILLIAM TAYLOR 229
Chama missionária

*Epílogo* 243

*Bibliografia* 245

# PREFÁCIO

NÃO HÁ LEITURA, AFORA A BÍBLIA, que possa trazer mais inspiração e estímulo à devoção cristã que a leitura das histórias de homens e mulheres que caminharam com Deus. Isso faz que a verdade transformadora da doutrina cristã ganhe vida.

Eis o motivo pelo qual este livro pode ser uma grande bênção. Wesley Duewel abre uma janela na vida de alguns santos escolhidos do passado. Ainda que de relance, o leitor verá um pouco dos fatores que, unidos, encheram esses ministérios de graça e glória.

À medida que as narrativas se desenvolvem, sobressai um estilo de vida em comum: a disciplina de orar habitualmente, o constante refúgio na Palavra de Deus, o jejum, a compaixão pelas pessoas, o zelo pela evangelização, a doação sacrificial, o entusiasmo com o reavivamento — traços que reforçaram e compeliram sua santidade.

Uma profunda e permanente consciência da presença do Senhor também era comum na vida deles. Como esses santos são provenientes de culturas e tradições diversas, os detalhes

logicamente diferem em cada caso. Mas a essência da experiência é a mesma. Esses adeptos da fé chegaram a um ponto da vida em que, ao se renderem completamente a Jesus, passaram do egocentrismo ao desprendimento, da fadiga e do desgosto em trabalhar à alegria radiante em servir, da derrota íntima à vitória avassaladora e ao amor transbordante, na plenitude do Espírito.

O que particularizou esses heróis da fé cristã parece estar distante de nós nos dias de hoje, tão acostumados que estamos à mediocridade na igreja. Ainda assim, o amor e o poder que eles evidenciaram é um privilégio pertencente a todos os seguidores de Cristo, independentemente da função exercida. Posso dizer que a leitura dessas narrações do que Deus realizou na vida de outras pessoas me fez querer prosseguir para um nível mais elevado. Estou certo de que isso também acontecerá com você.

ROBERT E. COLEMAN,<br>
Professor Emérito de Evangelismo e Discipulado,<br>
Gordon-Conwell Theological Seminary

# Prólogo

Nas páginas seguintes encontram-se as histórias de catorze homens e mulheres, nossos irmãos em Cristo, que foram tremendamente abençoados e usados por Deus.

Ao longo de toda a vida, fui sendo incentivado pela biografia de pessoas totalmente comprometidas com Jesus Cristo, e passei a acalentar o desejo de partilhar essas histórias com os outros. Oro pedindo que estes capítulos sejam uma bênção em sua vida, à medida que lhe apresentarem alguns dos incríveis filhos de Deus que você desejará procurar e conhecer quando chegar ao céu.

Que Deus o abençoe, tornando-o uma bênção na vida de outras pessoas.

Wesley L. Duewel

# 1

# FRANCIS ASBURY

## *Servindo a Deus até a morte*

### POR DEUS E PELA SANTIDADE

FRANCIS ASBURY (1745-1816) foi um pregador itinerante tão entusiasmado por Cristo que um biógrafo escreveu: "Ele cobiçou todo o nosso continente com uma paixão tal que parecia ansioso por perder a própria vida na realização da obra".[1]

Da Nova Inglaterra às Carolinas e do Atlântico ao Kentucky, Francis cruzou o país a cavalo em busca de almas. Ele cruzou as montanhas Allegheny cerca de sessenta vezes, muitas delas passando por lugares em que a estrada quase não existia. Ora montava em seu cavalo, ora conduzia o animal exausto. Apesar do físico debilitado, das freqüentes doenças e de eventualmente estar com os pés inchados e doloridos devido ao reumatismo, ele sempre seguia adiante. Sua comida na maioria das vezes tinha

[1]Charles LUDWIG, *Francis Asbury:* God's circuit rider, Milford: Mott Media, 1984.

de ser caçada e então assada em uma fogueira. Ele atravessava rios e, não raro, ficava ensopado de chuva. Carregava seus poucos pertences nas mochilas que levava consigo, e, quando não conseguia achar abrigo, descansava a cabeça em uma pedra ou no alforje. Era importunado por carrapatos e mosquitos. Sem se intimidar, encarava os perigos oferecidos pelas feras selvagens. Também enfrentou e escapou de emboscadas preparadas pelos índios.

Já no fim da vida, muitas vezes tinha de ser erguido até a sela. Mesmo quando os amigos tinham de amarrá-lo para que permanecesse sobre a sela, insistia em viajar para pregar em todos os lugares em que houvesse oportunidade. Houve ocasiões em que teve de ser amparado por duas pessoas para poder entregar a mensagem, e algumas vezes pregou sentado. Ele é considerado, com justiça, o pai do metodismo americano.

A mãe de Francis era uma mulher piedosa que gostava muito de ler a Bíblia e os sermões de John Wesley, fundador do metodismo (e quarenta anos mais velho que Asbury), e de George Whitefield (colega de Wesley). Francis começou a ler já com a idade de cinco ou seis anos e logo passou a ler a Bíblia por conta própria. Adorava ler e reler a história de Moisés e outras histórias bíblicas.

O professor da escola do povoado era um tirano e batia diariamente em Francis com seu cinto de couro, a ponto de ele repetidamente implorar para não ir à escola. "Não posso suportar ser espancado todos os dias", reclamava. Mas não havia outro lugar onde obter instrução. Certo dia, Francis tirou a camisa e mostrou à mãe 24 manchas roxas que lhe cruzavam as costas. Chorando, sua mãe disse: "Lembre-se de que, enquanto estás na escola, estou de joelhos, orando por ti". Com a idade de treze anos, ele abandonou a escola.

## SALVO E CHEIO DO ESPÍRITO SANTO

Enquanto isso, Francis começava a buscar ao Senhor nas reuniões de oração em sua casa. Ele também manteve o hábito da

leitura, sendo os diários de Wesley e Whitefield seus favoritos. Converteu-se com a idade de quinze anos. Aos dezesseis, contou que, enquanto orava com um amigo em um velho celeiro, "experimentou um maravilhoso sinal da graça de Deus, que algumas pessoas chamariam de santificação e [...] era de fato muito feliz".[2] A partir de então, Francis jamais recuou. Aos dezessete anos, assumiu a posição de líder espiritual de uma "classe" metodista. Aos dezoito, foi nomeado o "pregador local" dos metodistas. Começou a viajar pelos municípios circunvizinhos, pregando de três a cinco vezes por semana.

Seguindo as recomendações de John Wesley, Francis levantava-se todos os dias às quatro da manhã para orar. Ele então partia em seu cavalo recém-adquirido, Thunder,[3] para visitar os pobres e doentes. Ele não conseguia afastar-se das casas dos necessitados. As tristezas que carregavam eram também dele, e o seu dinheiro também pertencia a eles.

A maior alegria de Francis era ver as pessoas entregarem a vida a Jesus. Ele adorava ver as congregações lotadas, cantando os magníficos hinos de salvação de Charles Wesley e Isaac Watts, com as mãos levantadas e os olhos cheios de lágrimas.

Aos 22 anos de idade, Francis foi "plenamente admitido" por John Wesley, na Conferência Metodista, e já começou recebendo compromissos ministeriais regulares. Escreveu: "Não trocarei minha sela por um assento na Câmara dos Lordes". A primeira conferência à qual compareceu foi em Bristol, onde John Wesley pregou.

## PARA A AMÉRICA

Quando Wesley, durante um sermão, convocou voluntários para pregar o Evangelho na América, Francis deu um salto e levan-

[2]Ibid., p. 36.
[3]Trovão. (N. do T.)

tou-se, chorando copiosamente.[4] Isso significava dizer adeus aos pais e à namorada, para nunca mais tornar a vê-los. Embora estivesse sempre só, optou por passar o resto da vida solteiro. John Wesley confiava em Francis e nomeou-o para a função, mas não lhe deu nada para a viagem. Outros amigos deram-lhe algumas roupas e dez libras. Com isso, ele embarcou em um navio que levaria 54 dias para chegar à Filadélfia.

Francis chegou à Filadélfia em 27 de outubro de 1771 e compareceu a um culto naquela mesma noite. Na noite seguinte, pregou seu primeiro sermão no Novo Mundo. No dia posterior, conheceu uma mulher que carregara seu filho por 22 quilômetros para assistir ao culto e agora partia novamente para casa. Francis ficou profundamente comovido. Ele disse: "Talvez o Senhor a tenha enviado a fim de pregar para nós! Temos de trabalhar com mais afinco. O Novo Mundo precisa desesperadamente do Evangelho".

## PLANEJANDO E IMPLANTANDO IGREJAS

Francis ficou dez dias na Filadélfia e descobriu que, embora os metodistas nos Estados Unidos tivessem organizado várias igrejas, não estabeleceram rotas definidas. Como a viagem até Nova York levava dois dias, Francis planejou pregar pelo caminho. Uma vez em Nova York, ele imediatamente começou a pregar nas casas e nas igrejas. Mas seu coração logo se inquietou. Ansiava ir além dos limites das cidades e encontrar lugares em que pudesse fundar congregações de novos convertidos. Todos os dias ele planejava ou pregava. Estava decidido a iniciar, nos Estados Unidos, o sistema de circuito[5] que John Wesley havia inaugurado na Grã-Bretanha, onde já existiam quarenta circuitos.

[4]Ibid., p. 54.

[5]No metodismo, "circuito" é um agrupamento de igrejas ou congregações numa mesma região. (N. do E.)

A mensagem que Francis pregava aos fiéis de Nova York era: "Portanto, não durmamos como os demais, mas estejamos atentos e sejamos sóbrios". Ele estava perturbado com o fato de os dois líderes metodistas nos Estados Unidos ficarem satisfeitos em permanecer nas cidades. Sentia que o chamado de Deus era para "espalhar a santidade das Escrituras em cada cidade ou vilarejo da América do Norte". Para dar início ao cumprimento dessa visão continental, Francis começou a fazer viagens rápidas pela região vizinha e a realizar cultos em todo lugar em que isso lhe fosse possível. Sonhava e orava pelo estabelecimento de circuitos por toda a América e ansiava por dez pregadores para auxiliá-lo. Logo começou a ir além das cidades, a abrir novas trilhas, a dormir em abrigos temporários e a atravessar rios a nado, sempre planejando alcançar o povoado mais à frente.

Os anos seguintes foram preenchidos por um ministério incessante. Em 1772, antes que tivesse passado um ano da chegada de Francis aos Estados Unidos, John Wesley nomeou-o seu assistente, tornando-o líder de toda a obra metodista no país. Francis tinha apenas 27 anos. Um ano depois, John Wesley enviou Thomas Rankin, pondo-o como superior de Francis. Francis aceitou a mudança com a mais pura boa vontade e continuou a empenhar seu coração e sua alma na realização da obra.

Foi um período difícil para o ministério. Em 1776, os Estados Unidos declararam a independência da Inglaterra, e a guerra estourou. Rankin voltou à Inglaterra, assim como muitos outros líderes metodistas. John Wesley enviou uma carta aos Estados Unidos, insistindo na lealdade à coroa britânica. Isso preocupou muitos americanos, que começaram a ter a sensação de que os metodistas eram desleais.

Embora Francis admirasse Wesley, deplorou sua carta. As pressões dos que consideravam os metodistas desleais aumentaram, e Francis teve de se esconder por algum tempo. Uma carta que Francis escreveu aos amigos na Inglaterra, na qual expressava

sua lealdade aos Estados Unidos, foi interceptada, e quando os líderes do governo descobriram que Francis não era desleal, ele mais uma vez ficou livre para dar continuidade ao seu ministério.

## SUPERINTENDENTE NOS ESTADOS UNIDOS

No ano de 1784, John Wesley nomeou Francis Asbury e Thomas Coke superintendentes da obra nos Estados Unidos. Francis ainda tinha um grande sonho: ver o continente americano evangelizado para Cristo. Coke, no entanto, organizava viagens missionárias para diversas partes do mundo. Cruzou o Atlântico dezoito vezes, morando ora na Inglaterra, ora na Irlanda. Dessa forma, o fardo e a responsabilidade pelos Estados Unidos ficava quase todo sobre os ombros de Francis.

## ABOLICIONISMO

Francis conheceu um ex-escravo chamado Harry Hosier, que fora maravilhosamente salvo, mas era incapaz de ler ou escrever. Deus havia chamado esse guerreiro de oração para pregar. Francis convidou Hosier para acompanhá-lo em algumas viagens, e logo Hosier tornou-se um orador ainda mais popular que Asbury. Isso não causava problema algum para Francis. Tudo o que ele desejava era ver cada vez mais almas serem salvas.

Francis afligia-se com a escravidão. Após almoçar com George Washington, instou-o a assinar a abolição da escravatura. Washington disse-lhe que concordava com seu ponto de vista, mas sentia que não era o momento para a assinatura de um documento daquela natureza.

## O CUIDADO DE ASBURY COM OS PREGADORES ITINERANTES

O ministério e a vida de um pregador itinerante eram tão árduos antes de 1800 que metade dos pregadores de Francis morriam

antes dos 33 anos. De 1800 a 1844, metade deles viveu até os 33. Dos 672 pregadores dos quais temos notícia, dois terços conseguiram prosseguir com seu ministério por doze anos.[5] Eles serviam com o coração e com a alma. Francis exortava seus pregadores: "Devemos alcançar cada canto dos Estados Unidos — principalmente as novas fronteiras. Não devemos temer homens, demônios, animais selvagens nem doenças. Nosso lema deve sempre ser: *Avante!*".[6]

Francis carregava um fardo especial pelos seus pregadores. À medida que ele ia multiplicando as rotas e nomeando pregadores, adicionava o nome de cada um a sua lista de oração diária, a qual somava centenas de nomes. Ele os encorajava a viver de forma simples e a permanecer solteiros, para que pudessem se dedicar ao ministério sem nenhum obstáculo. Deviam pregar sempre ao meio-dia, e os temas deveriam ser sempre o dom da graça, a salvação instantânea e a santificação, pelo enchimento do Espírito Santo e por uma vida de santidade. Ele os aconselhava a manter um cronograma rígido:

1. levantar-se às quatro horas da manhã, todos os dias;
2. orar todas as manhãs das quatro às cinco e novamente à tarde, das cinco às seis;
3. ler todas as manhãs, das seis até o meio-dia, com uma hora para o café da manhã, alimentando a mente e a alma com a Bíblia e com bons livros.[7]

## QUANTO MAIS, MELHOR

Francis estava sempre preocupado com o tempo. Se conseguisse achar dois lugares para pregar durante o dia, ficava feliz. Se

[5]Ibid., p. 158.
[6]Ibid., p. 158.
[7]Ibid., p. 160-1.

achasse três ou mais, melhor. Mesmo que fosse inverno, ele prosseguia. "Devo cavalgar ou morrer", ele escreveu. À medida do possível, durante o tempo em que estava cavalgando, orava ou lia a Bíblia, um comentário bíblico ou outro livro de tema espiritual. Parava em cada casa ou povoado, pregando sempre que encontrava pessoas dispostas a ouvir. Visitava cadeias para evangelizar criminosos condenados e acompanhava-os ao local da execução.

Seguindo o conselho que John Wesley dava aos pregadores, Francis manteve um diário desde o início de seu ministério. Nele, podemos ler citações como estas:

- "O Senhor me capacitou a pregar com energia."[8]
- "Senti a ajuda divina."[9]
- "Há uma considerável obra de Deus."[10]
- "Tivemos uma reunião poderosa."[11]
- "Graças a Deus, minha pregação foi poderosa."[12]
- "Oh, como desejo dedicar toda a minha vida e meus talentos a ele, que derramou seu sangue por mim."
- "Não há nada que eu almeje além da glória de Deus; e nada que tema, além de seu desgosto [...] Ainda que tenha de mendigar de porta em porta [...] serei fiel a Deus, ao povo e a minha alma."[13]

## SANTIDADE AO SENHOR

Francis acreditava que a igreja devia ser formada por crentes renascidos e separados do mundo, que cressem na concreta ação

[8]Ibid., p. 86.
[9]Ibid.
[10]Ibid., p. 87.
[11]Ibid., p. 94.
[12]Ibid., p. 96.
[13]Ibid., p. 78.

purificadora do Espírito Santo após o novo nascimento, que se evidenciaria por uma vida de santidade. Eis outras citações extraídas de seu diário:

- "É pela santidade que meu espírito lamenta."
- "Que o Senhor abençoe seus santos! A santidade é a base de minha alma. Minha mais ardente oração é que não haja em mim nada oposto à santidade."
- "Como anseio santificar-me cada vez mais — viver mais com Deus e para Deus!"
- "Este foi um dia de muito amor e poder de Deus em minha alma. Fiquei só e orei um pouco a cada hora, e Cristo estava perto e muito amoroso."

Francis tinha três grandes estratégias para a evangelização e para uma igreja santificada. A primeira consistia na ampla utilização de pastores itinerantes. A segunda, no uso de conferências trimestrais e anuais. Ele comparecia e presidia tantas quantas fossem possíveis. Uma conferência trimestral comum começava no sábado e prosseguia até o anoitecer do domingo. As pessoas dormiam no chão, nos bancos, ao ar livre, sob as carroças ou na casa de vizinhos. A manhã de domingo iniciava com uma grande e festiva reunião. Era um acontecimento restrito aos fiéis. Pão e água eram passados aos participantes, que comiam e bebiam. Eles testemunhavam, oravam, citavam passagens bíblicas, cantavam hinos e louvaram a Deus. O culto matinal começava às onze em ponto. Iniciava com batismos, seguidos de um longo sermão e da ceia do Senhor. O culto de domingo à noite era, por natureza, evangelístico. Não era incomum centenas de pessoas irem à frente para orar.

A terceira estratégia de Francis para a evangelização eram os acampamentos. O primeiro acampamento interdenominacional ocorreu em Cane Ridge, no Kentucky, no ano de 1801.

Milhares de pessoas de quase todas as denominações vieram tanto de longe quanto das proximidades, e o encontro prosseguia dia e noite. O número de participantes variava de 12 a 25 mil pessoas. Centenas de pessoas prostraram-se diante do poder de Deus. Em alguns momentos, dois, três, quatro e até sete pregadores falavam ao mesmo tempo em diferentes partes da multidão. "O fogo celestial espalha-se em quase todas as direções."[14] Um movimento de reavivamento acendeu-se entre as igrejas, e em muitos lugares os metodistas e os presbiterianos uniram esforços para a realização de acampamentos. Já em 1811, devido ao incentivo de Francis, os metodistas haviam realizado quatrocentos acampamentos por conta própria, e nos dez anos seguintes chegaram perto de mil acampamentos. Entre os que freqüentavam os acampamentos e cantavam os hinos evangélicos estava Nancy Hanks, mãe de Abraham Lincoln.[15]

A essa altura, Francis Asbury já era a pessoa mais conhecida nos Estados Unidos, chegando a pregar na Assembléia Legislativa, em Washington.[16] Seu trabalho espalhava-se rápido e ia longe, mas sua saúde estava cada vez mais debilitada. Apesar disso, seguiu em frente até os últimos dias de sua vida. Quando já não conseguia cavalgar, era levado de charrete até o local do compromisso. Era carregado até a igreja ou casa, onde se sentava para pregar. Ele continuou ganhando almas, ordenando pregadores e indo de acampamentos para conferências.

## MORTE E GLÓRIA

Um ano antes de Francis morrer, ele escreveu: "Os meus olhos estão falhando [...] Este é o meu qüinquagésimo quinto ano de ministério, e quadragésimo quinto ano na obra nos Estados Unidos [...] Mas quer com saúde, quer na vida, quer na morte, boa

[14]Ibid., p. 173.
[15]Ibid., p. 175.
[16]Ibid., p. 182.

é a vontade do Senhor: nele confiarei. Sim, e irei louvá-lo. Ele é a força de meu coração e minha porção por toda a eternidade. Glória! Glória! Glória!".[17] Mesmo em seus últimos dias, ele ainda viajava de charrete e pregava. Em 31 de março de 1816, quando sua voz começava a diminuir, ergueu a mão, enquanto o rosto radiava uma exaltação celestial. "Sua face era como a face de um anjo."[18] A família com quem estava reuniu-se, junto com outros amigos, para um culto. Um de seus cooperadores perguntou: "Você acredita que Jesus é precioso?". Francis estava muito fraco para responder, mas ergueu ambas as mãos. Momentos depois, sua cabeça repousava no colo de seu colega. Ele morreu com 71 anos de idade.

Quando Asbury chegou aos Estados Unidos, existiam 1160 metodistas. Quando ele morreu, havia 214 235. Ele ordenou mais de três mil pastores e pregou mais de dezessete mil sermões. Mais de catorze mil "classes" de metodistas se formaram. O movimento metodista tornou-se a denominação de mais rápido crescimento nos Estados Unidos, havendo um metodista para cada quarenta pessoas.[19]

Asbury foi temporariamente sepultado onde morreu. Seus restos foram mais tarde transportados para Baltimore. Vinte e cinco mil pessoas, fora toda a população de Baltimore, de cerca de cinqüenta mil pessoas, marcharam no cortejo fúnebre por amor a Asbury. Em 1951, a Comissão Nacional de Publicações Históricas do Governo dos Estados Unidos da América escolheu 66 grandes americanos, cujos escritos deveriam ser preservados. Entre eles, estavam George Washington, John Adams, Thomas Jefferson, Abraham Lincoln e Francis Asbury.

[17]Ibid., p. 183.

[18]Maldwyn EDWARDS, *Francis Asbury*, Manchester: Penwork [Leeds], 1972, p. 9.

[19]Charles LUDWIG, *Francis Asbury:* God's circuit rider, Milford: Mott Media, 1984, p. 185.

Em 1924, o presidente Calvin Coolidge inaugurou uma magnífica estátua de bronze de Asbury montado em um cavalo visivelmente cansado. Ela repousa sobre um pedestal de granito de 55 toneladas, em um cruzamento de Washington, DC.

Arnold J. Toynbee, um dos maiores historiadores do século XX, escreveu: "O mundo moderno de língua inglesa foi salvo nos séculos XVIII e XIX pelos metodistas".[20] Isso é verdade. Dentre os maiores e mais santos, destaca-se Francis Asbury.

[20]Ibid., p. 189.

# 2

# DUNCAN CAMPBELL

## *Primeira parte:* Reavivamento nas ilhas Hébridas

DUNCAN CAMPBELL NASCEU em 13 de fevereiro de 1898, em um piedoso lar escocês, nas regiões montanhosas, onde cresceu e se tornou pastor da United Free Church of Scotland [Igreja Livre Unida da Escócia]. Seu pai era líder de música na igreja local. Sua mãe conduzia os filhos nas orações familiares diárias, e depois que todos iam para a escola, sentava-se junto à lareira para orar por eles.

Em 1913, enquanto tocava gaita de fole em um baile, o Espírito Santo convenceu Duncan do pecado pela lembrança de Cristo na cruz. Assim que terminou de tocar, pediu licença e retirou-se do baile. No caminho de cinco quilômetros que o separava de casa, passou pelo local onde semanalmente freqüentava a escola dominical. As luzes estavam acesas, então ele entrou. Seu pai e duas evangelistas — obreiras da The Faith Mission [Missão de Fé], organização interdenominacional de evangelização em lares, que enviava seus "peregrinos" de dois em dois para evangelizar as ilhas Britânicas — estavam realizando uma vigília de oração. Duncan entrou e sentou-se ao lado

do seu pai. Quando este terminou a oração, lá estava, a seu lado, o filho por quem orava!

Quando uma das evangelistas leu Jó 33.14 — "Pois a verdade é que Deus fala, ora de um modo, ora de outro, mesmo que o homem não o perceba" —, Duncan ficou de tal maneira convencido do pecado que se segurou no banco na tentativa de parar de tremer. Levantou-se e deixou o culto. Por duas vezes, antes de conseguir chegar em casa, caiu de joelhos e implorou a misericórdia de Deus. Ao chegar em casa, por volta das duas da manhã, ficou espantado ao encontrar a mãe orando por ele. Duncan foi para o celeiro e começou a orar.

Duncan logo foi capaz de crer na promessa de Deus expressa em João 5.24: "Eu lhes asseguro: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não será condenado, mas já passou da morte para a vida". Exultante, voltou à cozinha e contou à mãe. Eles se ajoelharam ao lado da lareira, e ela exclamou: "Ó Deus, tu ainda és o Deus que responde à oração!".

Duncan continuou a participar das reuniões organizadas pelas duas missionárias. E, nas tardes de domingo, ele e a mãe iam de casa em casa ler a Bíblia e orar com os vizinhos.

Em 1917, Duncan operou uma metralhadora nas forças britânicas durante a Primeira Guerra Mundial e liderou um pelotão durante a campanha dos Flandres. Aproximadamente treze mil soldados britânicos foram mortos em poucas horas. Ele orou: "Ó Deus, tira-me daqui, e eu te servirei com todo o meu ser".

Em abril de 1918, Duncan estava em uma das últimas cargas de cavalaria da guerra. Seu cavalo foi abatido enquanto cavalgava, e ele caiu ao chão seriamente ferido. Embora se alegrasse em Jesus, angustiava-se por ainda haver carnalidade em seu coração. Deitado ali, citava continuamente Hebreus 12.14: "Esforcem-se [...] para serem santos; sem santidade ninguém verá o Senhor". Ele se lamentava por haver ganhado tão poucos para o Senhor.

Então outra carga foi ordenada, e um grupo de cavaleiros canadenses arremeteu, passando sobre ele. A pata de um cavalo atingiu-o na espinha, e Duncan gritou. Quando o inimigo estava sendo perseguido, o canadense cujo cavalo havia ferido as costas de Duncan lembrou-se de seu grito. Retornou e encontrou-o sangrando e orando: "Senhor, torna-me tão santo quanto possível a um pecador salvo" (oração da qual se lembrava, extraída dos escritos de Robert Murray McCheyne, respeitado líder presbiteriano). O Espírito Santo varreu instantaneamente sua alma, purificando-o. Duncan disse: "Naquele momento, senti-me tão puro quanto um anjo". Ele sabia que havia sido cheio do Espírito Santo.

Enquanto estava deitado no posto de triagem de feridos, alegre, Duncan começou a recitar o salmo 103 em gaélico — uma língua antiga, compreendida por muitos escoceses das regiões montanhosas e por alguns irlandeses. Depois de alguns instantes, sete canadenses que também estavam lá foram miraculosamente salvos ao ouvir sua oração. A real e verdadeira presença do Espírito Santo inundava o coração de Duncan. Ele, com o tempo, se recuperou.

Após a guerra, Duncan começou a ir de casa em casa para orar com as pessoas, levando-as ao Senhor. Com o tempo, percebeu que precisava de formação. Matriculou-se em um curso de treinamento para evangelização, de nove meses, na Faith Bible College [Faculdade Bíblica da Fé], em Edimburgo, Escócia.

Tão logo terminou o curso, Duncan dedicou-se com empenho ao Senhor. Em uma comunidade em que os fazendeiros trabalhavam numa colheita atrasada, Duncan cancelou as reuniões por uma semana e juntou-se a eles na lavoura. Depois disso, retomou a evangelização. As reuniões foram imediatamente preenchidas pelas pessoas cujo respeito ele ganhara. Em outra região, realizou reuniões que ficaram abarrotadas, e

as bênçãos de Deus ultrapassaram tudo que ele tinha visto em 25 anos.

Certo dia, Duncan e um companheiro peregrino, que era irlandês, foram visitar um fazendeiro que só falava gaélico, idioma que o peregrino não compreendia. Quando estavam para partir, Duncan convidou o fazendeiro para orar. Embora orasse em gaélico, o peregrino entendeu perfeitamente, repetindo-se, assim, o ocorrido em Pentecoste.

Em uma localidade de uma ilha chamada Skye, o ministério dos Peregrinos estava em dificuldades, enfrentando rejeição. Durante toda uma noite, Duncan orou em um celeiro, enquanto três jovens oraram até as seis da manhã, em outro local, para que Deus agisse com poder. Na noite seguinte, Deus de fato agiu poderosamente. Uma mulher sentiu de tal maneira a condenação de seu pecado que gritou: "Estou perdida! Estou perdida!". Naquela noite, ela foi salva. Famílias inteiras foram conquistadas para Cristo. Alcoólatras foram salvos, libertos e convidados a testemunhar de Cristo. Deus operava nos lares, nas estradas e nas reuniões.

Duncan continuou realizando rápidas campanhas de evangelização, ou "missões", como eram chamadas, até julho de 1925, quando se demitiu da Faith Mission. A essa altura, já estava casado, e deu início a um modesto ministério junto à United Free Church. Em 1930, foi ordenado ministro na ilha de Skye.

Duncan participou do ministério pastoral durante vários anos. Era conhecido por dar ênfase às suas opiniões com um murro sobre o púlpito. Algumas vezes, punha de lado a liturgia do culto e dizia: "O Espírito Santo assumiu o controle deste culto". A congregação então passava a orar até que a presença do Senhor enchesse a igreja. Certa noite, a presença do Senhor era tão real que uma senhora deixou seu lugar por sentir-se indigna de sentar-se ao lado de Deus — pois essa fora sua sensação naquele momento.

Todas as manhãs, antes do desjejum, Duncan costumava passar várias horas lendo, estudando e orando. Visitava, de bicicleta, pessoas em sua cidade e nas cidades vizinhas. Houve uma ocasião em que as pessoas acreditavam ter visto a glória de Deus cobrindo o rosto dele. Com o passar do tempo, no entanto, ficou desmotivado e insatisfeito com o ministério. Ao voltar de uma convenção, dedicou-se aos estudos sempre com uma postura de oração, de joelhos no chão. Deus tocou-o com poder, e ele novamente sentiu o poderoso amor de Deus alcançando-o como as ondas do mar. O Senhor renovou seu chamado para a evangelização e deu-lhe uma visão do inferno, na qual ele viu uma enorme multidão de escoceses sendo tragada pela perdição.

Duncan sentiu que deveria voltar à Faith Mission, embora pastoreasse desde que se casara, 23 anos antes. Nessa época, ele estava com cinqüenta anos de idade, e a missão costumava recrutar como peregrinos apenas pessoas jovens. Mesmo assim, Duncan voltou a evangelizar na ilha Skye. Um ministro disse não ter visto tamanho poder nas reuniões em mais de vinte anos de ministério. Eram realizadas reuniões nos lares, e as pessoas convidavam vizinhos e amigos. Dado o respeito que tinham pelo evangelista, o povo interrompia o trabalho para ouvi-lo. Em um dia, ele chegava a realizar sete reuniões nos lares.

Certo dia, enquanto dirigia sua motocicleta, Duncan escapou de uma tragédia, quando um caminhão e sua moto quase colidiram. O carro arremeteu por uma cerca, indo parar em um campo. Duncan foi lançado da motocicleta, mas não se feriu. Ele jamais contou isso a ninguém, mas alguns meses depois, ao visitar uma mulher que estava acamada, ela disse: "Foi este homem que vi em uma visão". Ela então lhe disse exatamente o dia e a hora em que ele sofrera o acidente e contou-lhe que foi compelida a orar por ele até as duas da manhã daquele dia, quando então se sentiu em paz. Foi o exato momento em que Deus livrou Duncan.

## O DESPERTAMENTO EM LEWIS

Desde o despertamento ocorrido em 1828 até 1939, Deus enviara um reavivamento constante à ilha de Lewis e Harris (ilha de nome duplo), localizada na parte externa das Hébridas, a partir da costa noroeste da Escócia. Em 1949, vários cristãos tornaram a orar para que Deus enviasse o reavivamento. Um pastor sentiu que Deus lhe prometera um reavivamento em sua congregação. A esposa dele teve um sonho no qual via a igreja lotada e um estranho ocupando o púlpito.

No vilarejo de Barvas, o reverendo James Murray MacKay e os líderes de sua igreja oraram durante meses por um reavivamento. Duas irmãs idosas — Peggy Smith (cega e com 84 anos) e Christine Smith (encurvada pela artrite e com 82 anos) — oravam por todos no vilarejo, todas as noites, casa por casa. Embora estivessem fisicamente impossibilitadas de participar dos cultos, trabalhavam na obra do Senhor por meio da oração. No outro lado do vilarejo, sete rapazes oraram três noites por semana, durante meses, para que Deus enviasse o reavivamento.

Certa noite, o Espírito Santo veio sobre os jovens enquanto eles oravam de joelhos. Naquela mesma manhã, o Espírito Santo dera a Peggy Smith uma visão de igrejas lotadas e centenas de pessoas vindo ao encontro de Deus. Ela mandou um recado ao pastor MacKay: "Deus prometeu que enviará o reavivamento. Convoque os presbíteros da igreja para uma oração especial". Eles oraram muitos meses mais.

Em uma convenção na qual o pastor MacKay compareceu, ele pediu que o palestrante lhe sugerisse alguém que considerasse apto a realizar cultos de reavivamento em sua igreja. O palestrante sugeriu o reverendo Duncan Campbell, de Edimburgo, que também falava gaélico. Ao voltar para casa, o pastor MacKay foi ver as irmãs Smith. Peggy contou-lhe que o Senhor lhe havia revelado o nome do pregador que viria — Duncan

Campbell! O pastor entrou em contato com os organizadores da Faith Mission, e Duncan, em pouco dias, pôde liberar sua agenda e ir para lá.

Na segunda noite, a arrebatadora presença do Espírito Santo veio sobre o público, convencendo-o de seu pecado. No fim do culto, havia um silêncio carregado. As pessoas deixaram o prédio. Um jovem diácono passou a mão na cabeça e suspirou: "Sr. Campbell, Deus está impregnando este lugar. Ele vai surgir de repente. Já posso ouvir o trovejar das carruagens celestiais".

Logo as portas da igreja se abriram e do lado de fora estava toda a congregação, dominada pelo Espírito Santo. Eles não queriam ir para casa. Outras pessoas, atraídas pelo poder invisível do Espírito de Deus, começaram a reunir-se, à medida que iam deixando suas casas. Um profundo sofrimento pelos pecados era visível em muitos rostos.

A congregação foi lentamente tornando a entrar na igreja. A formidável presença de Deus convencia o povo de seus pecados, e todos começavam a gemer e a clamar pela misericórdia de Deus. Outros começaram a louvar a Deus ao receber a salvação. Era a resposta a muitos anos de oração. Homens fortes clamavam pela misericórdia de Deus. O povo, por fim, retornou a suas casas, louvando a Deus pela salvação alcançada.

Mas Deus ainda não havia terminado! Por volta das duas da manhã, o povo começou a sair novamente de casa, embora não houvesse nenhuma reunião programada. Muitos foram salvos enquanto oravam nas ruas. Foi uma noite de salvação e reavivamento.

Na mesma noite, as irmãs tornaram a orar pelo vilarejo, casa por casa, até a madrugada. Na noite seguinte, chegaram ônibus de outras partes da ilha, cheios de pessoas que haviam sido informadas do reavivamento. Em poucos dias, pessoas estavam sendo salvas nos lares, nos celeiros, nas tecelagens (onde se tece o famoso *tweed* Harris) e ao lado de montes de turfas.

Deus estava respondendo poderosamente às insistentes orações por um reavivamento nas Hébridas. Nas primeiras vezes em que Duncan pregou em Barvas, o povo de Deus orava durante horas, e às vezes por toda a noite. Então o povo, constrangido pelo Espírito de Deus, afluía para a igreja. Uma vez lotada, enormes multidões se reuniam ao redor dela. Um grande número de pessoas sentiu o convencimento do pecado, e o reavivamento espalhou-se por todas as partes da ilha.

A surpreendente ação do Espírito Santo sempre ocorria. Os jovens, que até então não se persuadiam a ir à igreja, vinham em grande número, convencidos do pecado. Eles rompiam em lágrimas e se derramavam em oração diante de Deus. Os beberrões mais inveterados também eram ganhos para Deus e se tornavam testemunhas de seu poder.

Durante quatro semanas em Barvas, Duncan conduziu quatro cultos todas as noites: às sete, às dez, a meia-noite e às três da manhã. Uma expressão freqüentemente usada naqueles dias era "O poder de Deus invadiu o lugar" ou "O poder de Deus invadiu a reunião".

Cristãos piedosos que vinham derramando o coração diariamente pela salvação dos vizinhos perceberam repentinamente seu fracasso quanto à pureza de coração e começaram a implorar que Deus lhes desse mãos limpas e um coração puro (Tg 4.8). Então o fogo de Deus desceu, e os vizinhos começaram a convencer-se de seus pecados. Duncan acreditava: "não teremos um reavivamento enchendo nossas igrejas de homens, mas enchendo com Deus os que já freqüentam a igreja". O reavivamento espalhou-se por outras partes da ilha, e Duncan dizia que a comunidade estava "impregnada de Deus".[1]

[1]Andrew WOOLSEY, *Duncan Campbell*: a biography, Edinburgh: The Faith Mission, 1974, p. 121. Woolsey era genro de Campbell.

Um homem foi à casa do pastor em busca de oração. O pastor comentou que não o tinha visto durante o culto. Ele respondeu que não comparecera ao culto, mas que "este reavivamento está no ar. Não tenho como fugir do Espírito Santo".[2]

Outro homem, a princípio, recusou-se a comparecer aos cultos. Duncan foi até sua casa e orou por ele. Naquela noite, o homem confessou: "Estou perdido, completamente perdido. Não há nada além do inferno para mim". Ele caiu de joelhos e murmurou algumas frases em oração, pedindo misericórdia a Deus. A alegria de ter os pecados perdoados invadiu sua alma, e ele levantou-se de um salto "arrebatado pelo amor por Jesus e acreditando que estava indo direto para o céu".[3]

Um jovem motorista de ônibus foi de tal forma tomado por Deus que parou o ônibus e implorou aos passageiros que se arrependessem. Declarou que tinha certeza de que alguém ali estava tendo sua última chance de ouvir o chamado de Deus para a salvação. Antes da viagem de volta, um homem que havia estado no ônibus morreu em circunstâncias trágicas.

Um guerreiro da oração que vivia vários quilômetros de distância de Tarbet disse que estava orando no celeiro quando uma luz inundou o ambiente ao seu redor. Foi exatamente quando o Espírito de Deus desceu com poder sobre a reunião, e muitos foram salvos. Alguns foram poderosamente convencidos do pecado enquanto trabalhavam nos campos, outros, enquanto desciam a estrada de bicicleta. Em muitos lugares, houve intensas experiências de conversão.

Duncan iniciou uma série de reuniões em Arnol, mas o povo se mantinha distante. Então os cristãos tiveram uma noite de oração na casa de um dos presbíteros. Já perto da meia-noite, Duncan virou-se para o ferreiro local e pediu-lhe que orasse.

[2]Ibid., p. 122.
[3]Ibid., p. 123.

Ele se levantou e começou a orar. De repente, orou: "Ó Deus, tu prometeste derramar tua água sobre aquele que tivesse sede e inundar a terra seca. E, Senhor, isso não está acontecendo! Senhor, não conheço o coração dos outros que aqui estão em tua presença [...] mas, Senhor, se é que conheço algo sobre meu coração, me coloco diante de ti como um vaso vazio, sedento de ti e de uma manifestação de teu poder". Ele hesitou um pouco, mas continuou: "Ó Deus, tua honra está em jogo, e convido-te a cumprir tua aliança e realizar o que prometeste!".[4]

"Naquele instante, a casa tremeu. Os pratos chacoalhavam nos armários, à medida que ondas e mais ondas do poder divino varriam o lugar!"[5] Um pastor, em pé ao lado de Duncan, disse: "Sr. Campbell, um tremor de terra!". Duncan lembrou-se das Escrituras: "Depois de orarem, tremeu o lugar em que estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo" (At 4.31). A comunidade imediatamente conscientizou-se da presença de Deus, e a salvação alcançou diversos lares nas noites seguintes.

Em outra ocasião, em uma campanha de reavivamento, a atmosfera parecia opressiva, e estava difícil pregar. Duncan pediu ao mesmo rapaz que iniciasse uma oração. Ao começar, ele citou Apocalipse 4. Começou a chorar convulsivamente e bradou: "Ó Deus, tu tens o poder. Libera-o!". Foi como se um furacão do Espírito Santo invadisse o local. Deus derramou suas bênçãos. Alguns choravam, outros oravam com os braços levantados para o céu. Deus chegou e assumiu o controle. O reavivamento espalhou-se.

Enquanto eram realizadas reuniões de reavivamento em determinado lugar, um grupo de catorze rapazes estava em pé, do lado de fora do salão paroquial (que era utilizado para diversos tipos de atividades sociais), fazendo planos para um baile. Enquanto estavam lá, um dos jovens disse: "Tenho a sensação de

[4]Ibid., p. 132-3.
[5]Ibid., p. 133.

que deveríamos aumentar o pedido de cerveja, porque por alguma razão sinto que será o último baile realizado nesta comunidade". Os outros perguntaram-lhe por quê. Ele próprio não era salvo, não tinha Deus, mas disse que de alguma forma sentia que o reavivamento chegaria àquela região e que nunca mais se realizaria um baile naquele local. Repentinamente, o Espírito Santo veio sobre aqueles jovens, e ali mesmo na estrada eles se ajoelharam, clamando pela misericórdia de Deus. Em menos de uma hora, os catorze se converteram.

Alguns anos mais tarde, Duncan sentiu que devia aceitar um convite para visitar aquela comunidade no domingo. No final do culto, ele se dirigiu ao gabinete com o pastor local, onde vários presbíteros da igreja estavam reunidos. O pastor contou-lhe que todos eles, com exceção de um homem de 85 anos de idade e do próprio pastor, haviam se convertido em um reavivamento muitos anos antes. Vários dos presbíteros ali presentes faziam parte do grupo de jovens que estivera um dia do lado de fora do salão da igreja decidindo sobre a cerveja que deveriam comprar para o baile.

Duncan Campbell contou-me que certa noite o culto se estendeu até cerca de uma da manhã. Foi quando chegou a notícia de que o reavivamento havia chegado a outra igreja, a vários quilômetros de distância, e as pessoas lá reunidas aguardavam a chegada de Duncan. Cerca de duzentas pessoas, juntamente com Duncan, partiram pelos campos para tomar um atalho até a igreja lotada. Iam pelo caminho, quando de repente escutaram nos céus uma música celestial. (O mesmo ocorrera durante o reavivamento no País de Gales e também durante o reavivamento de Jonathan Edwards, ainda que pouco seja dito a esse respeito.) Quando isso aconteceu, várias pessoas do grupo que ainda não eram salvas ajoelharam-se e começaram a clamar pela misericórdia divina. Creram firmemente que na vinda de Cristo ocorreria o Juízo Final e temeram que ele estivesse voltando e

os acharia despreparados. Ajoelhadas no vale, 35 pessoas foram salvas.

Deus parecia selar o ministério de Duncan de maneira incomum, porém divina. Talvez aquelas pessoas a quem pregava estivessem vivendo a expectativa de que Deus realmente manifestasse sua presença. Que Deus nos dê um desejo ainda maior por sua obra, quer visível, quer invisível.

# 3

## DUNCAN CAMPBELL

### *Segunda parte:* A mão de Deus no reavivamento escocês

DURANTE O REAVIVAMENTO na Escócia, duas adolescentes, uma com dezesseis e outra com dezessete anos de idade, converteram-se, e Deus colocou no coração delas o anseio de orar pelo seu povo. Um reavivamento havia ocorrido a oitenta quilômetros de sua cidade natal, mas, ao ouvirem a respeito, começaram a orar por sua comunidade. Ainda convidaram outra jovem piedosa para se juntar a elas, a fim de orarem duas noites por semana, das dez da noite às cinco da manhã.

Após várias semanas de oração noite adentro, Duncan Campbell foi acordado às duas da manhã sentindo-se impelido a ir à comunidade onde as garotas estavam orando. Ele não sabia nada a respeito das orações delas. Quando estava a caminho, viu uma jovem chorando ao lado da estrada. Encostou o carro, foi até ela e perguntou-lhe se podia ajudar de alguma forma. Não era incomum naqueles dias de reavivamento ver pessoas, nos mais diversos lugares, ajoelharem-se e arrependerem-se de seus pecados, clamando pela misericórdia de Deus para sua alma. Duncan presumiu que a jovem estivesse sentindo culpa e que poderia estar necessitando de ajuda.

Ela disse: "Não, você não pode me ajudar. Nenhum homem pode me ajudar".

Duncan pegou a Bíblia, imaginando que ler alguma passagem das Escrituras poderia ser de algum auxílio.

Ela então olhou para ele e recitou: "Como uma macieira entre as árvores da floresta é o meu amado entre os jovens" (Ct 2.3). Chorando, ela contou-lhe como estava aflita pelo reavivamento na área de sua igreja e como vinha orando às duas da manhã sobre isso, quando Deus lhe mostrou que o reverendo Duncan Campbell, homem usado por Deus no outro reavivamento, estava vindo para sua paróquia.

Duncan então disse-lhe que era o homem por quem ela estava orando.

A garota imediatamente lançou-se ao pescoço de Duncan e chorou, chorou e chorou. Foram para a igreja dela, e Deus entrou em cena com um poderoso reavivamento.

## BERNERAY

Na segunda-feira da Páscoa de 1952, Duncan estava pregando na Igreja Presbiteriana da Avenida Hamilton, na convenção da Faith Mission. No início do culto, ele escutou o nome "Berneray". Tratava-se de uma pequena ilha com poucas centenas de habitantes ao longo da costa de Lewis.

Duncan olhou ao redor, mas não havia ninguém falando com ele. Ele curvou a cabeça e orou. Mais uma vez, escutou claramente: "Berneray". Mas ainda não havia ninguém falando com ele, e a palavra foi repetida pela terceira vez. A congregação ainda estava cantando quando Duncan se virou para o presidente da convenção, que estava sentado ao seu lado, e disse:

— O Senhor me disse que devo partir imediatamente para Berneray.

— Ora essa! — exclamou, aturdido, o presidente. — Você não pode fazer isso! Você tem uma pregação marcada para amanhã de manhã.

— Mas o que fazer quando o Senhor diz: "Berneray"? — perguntou Duncan.

— Ora, acho que você vai para Berneray — disse o presidente.

Duncan imediatamente pegou a Bíblia, colocou-a na pasta de documentos e desceu da tribuna. Caminhou até o hotel, pôs seus pertences na mala, chamou um táxi e foi para o aeroporto. Quando pediu uma passagem para Berneray, foi informado de que não existiam vôos para lá.

Duncan não foi para casa. Em vez disso voou para Harris e perguntou no aeroporto como fazer para chegar a Berneray. Foi orientado a dirigir-se até a praia e tentar achar um barqueiro que estivesse disposto a levá-lo. Levando a mala consigo, perguntou a um homem que trabalhava em um barco quanto custaria transportá-lo até Berneray. A viagem custaria a Duncan todo o dinheiro que tinha no bolso, deixando-lhe apenas alguns centavos. O barqueiro carregou a mala de Duncan até o barco e levou-o até a costa de Berneray.

Ao chegar a Berneray, o barqueiro pôs a mala de Duncan na praia e retornou a Harris. Um barranco íngreme surgiu diante de Duncan, e ele não conseguia ver o que havia no topo. Mais tarde, contou: "Imagine você: eu nunca havia encontrado ninguém de Berneray, nem mesmo recebido uma carta de lá. Eu jamais havia tido contato com o lugar". Ele pegou a mala e arrastou-a até o topo do barranco. Lá em cima, viu um jovem arando a terra e caminhou com dificuldade até onde ele estava.

Duncan perguntou ao homem:

— Vocês têm uma igreja nesta ilha?

— Mas claro! — ele respondeu.

— Por favor, vá até o pastor e diga-lhe que Duncan Campbell chegou.

— Não temos pastor aqui na ilha — respondeu o homem.

— Vocês têm um presbítero?

— Oh, sim! — ele disse.

— Ótimo! — disse Duncan. — Vá até o presbítero mais próximo e diga-lhe que Duncan Campbell está aqui.

O homem encarou-o como se ele fosse louco. Então ele começou a atravessar o campo. Duncan estava tão cansado que se sentou na mala.

Depois de meia hora, viu o homem andar apressadamente em sua direção.

— O presbítero mandou dizer-lhe que a reunião será às nove em ponto. Ele já enviou os convites, e o seu quarto já está pronto.

Ele pegou a mala de Duncan, que foi seguindo atrás dele.

Quando chegaram à casa do presbítero, este o recebeu calorosamente.

Duncan perguntou-lhe:

— Como você sabia que eu estava a caminho daqui?

O homem ouvira como Deus havia usado a vida de Duncan no reavivamento em Harris. Três dias antes, enquanto Duncan estava pregando em Bangor, na Irlanda do Norte, o ancião passara o dia orando em seu celeiro para que Deus enviasse o reavivamento a Berneray. Deus lhe fez uma promessa — "Serei como orvalho para Israel" (Os 14.5) — e assegurou que Duncan Campbell estaria lá em três dias.

A esposa do ancião ouviu o marido orando no celeiro: "Senhor, não sei onde ele está, mas tu o sabes. E, para ti, todas as coisas são possíveis. Mande-o para esta ilha". O presbítero estava tão seguro da resposta de Deus que já havia avisado a todos.

Naquela noite, o culto foi normal. Na noite seguinte, quando Duncan já estava para sair da igreja, alguém veio até a porta e pediu-lhe que o acompanhasse. Quando ele chegou à porta, deparou com a congregação tomada de tal forma pelo Espírito Santo que não conseguiam ir para casa. Estavam lá, em pé, for-

mando um grupo compacto do lado de fora da igreja. O ancião, agitado, disse ao irmão Campbell: "Ele veio! Ele veio!".

"Venham todos para dentro", chamou Duncan com sua possante voz.

O povo foi lentamente voltando para dentro da igreja. Em poucos minutos, muitos suspiravam e oravam. As almas, sobre-carregadas pelo pecado, começaram a clamar a Deus. Muitos foram salvos e transformados naquela noite e nos dias que se sucederam. A ilha inteira foi sacudida.

Duncan era constante e persistente em suas orações particulares. Procurava conversar todos os dias com Deus. Escritas na contracapa de sua Bíblia, estavam estas palavras de *sir* William Dobbie: "Nunca achei nada que se comparasse à vigília matinal como fonte de bênçãos, quando nos encontramos com Deus antes de encontrar o mundo. É boa coisa falar com Deus antes de falar com as pessoas, ouvir sua palavra antes de ouvir a voz dos seres humanos".[1]

Em abril de 1958, Duncan foi nomeado diretor da Faith Mission Bible College [Faculdade Bíblica da Missão de Fé] em Edimburgo. As manhãs de sexta-feira eram dedicadas à oração. Ele pregava mensagens apaixonadas aos estudantes. Pronunciava o nome de Jesus de forma tão reverente que os estudantes sentiam que estavam em um lugar santo.

Em 4 de março de 1960, Deus se fazia presente nas orações dos estudantes. Um deles disse: "Eu tinha a impressão de que, se levantasse a cabeça, veria a Deus". Muitos choravam enquanto ondas e mais ondas do poder do Espírito Santo eram derramadas. "Então, foi ouvida uma música celestial, que parecia preencher a sala sobre o lugar onde estavam ajoelhados.

[1]Andrew WOOLSEY, *Duncan Campbell*: a biography, Edinburgh: The Faith Mission, 1974, p. 157.

Era inacreditavelmente bela e melodiosa, tanto que nenhuma orquestra poderia reproduzir. Ela nos fazia pensar em Zacarias 3.17: 'Deus ficará contente com vocês e por causa do seu amor lhes dará nova vida. Ele cantará e se alegrará' (NTLH)".[2]

Por duas vezes, antes daquela ocasião, Duncan havia escutado melodias celestiais. Uma vez, enquanto caminhava por um vale nas primeiras horas da manhã, o céu pareceu estar coberto com anjos que louvavam a Deus. Outro ministro do evangelho que estava presente gritava de alegria: "Isto é o céu! Isto é o céu!".

A mensagem de santidade e de reavivamento queimava como fogo no coração de Duncan. Na convenção de Lisburn, na Irlanda do Norte, realizada em 1964, ele foi orar em seu quarto após o café da manhã. O presidente estava sozinho na sala de jantar. De repente, "o esplendor da presença do Senhor pareceu cercar o presidente. Ele sentiu-se tão indigno diante de tal manifestação da presença de Deus que saiu em direção ao jardim. Mas tudo no jardim parecia brilhar com a presença do Senhor. Chorando copiosamente, voltou para dentro. Então Duncan, com a face resplandecente, entrou na sala. 'Deus me deu uma visão de reavivamento para a Irlanda', ele disse. 'Deus visitará a ilha por meio de pequenos grupos de pessoas em oração, em cada região do país'".[3]

A presença de Deus manifestou-se durante todo o dia. Naquela noite, após a mensagem final, Duncan recitou a bênção apostólica. O organista tentava tocar, mas suas mãos não tinham forças para apertar as teclas. Por mais de meia hora, o povo ficou tão tomado pela presença de Deus que ninguém se movia. Então, alguns começaram a chorar e a orar. Naquela quietude celestial, pelo menos quatro pessoas escutaram sons

[2]Ibid., p. 173.
[3]Ibid., p. 180.

indescritíveis vindos do céu. Somente eles os escutavam. Após um dos cultos, um fazendeiro disse: "Você não consegue ouvir Campbell pregar sem ir para casa orar".

Em uma curta seqüência de encontros em Aberdare, sul de Gales, após o segundo culto, uma reunião de oração prosseguiu até as três da manhã. Vários cristãos deixaram de trabalhar no dia seguinte para orar durante o dia inteiro. Naquela noite, depois de Duncan haver pregado por uma hora, seis rapazes que estavam sentados juntos viram a "glória de Deus" descer sobre ele. Foram tomados pelo temor do Senhor e caíram ao chão, chorando. O temor do Senhor arrebatou muitos naquela congregação, e o povo começou a se arrepender e a fazer as pazes uns com os outros. Um dos presentes disse: "Aprendemos que é de Deus, e não do homem, que precisamos hoje".[4]

Em 1967, enquanto Duncan pregava em várias igrejas do Canadá, Deus lhe deu uma visão daquele país inflamado pelo fogo do reavivamento, de costa a costa. Deus mostrou-lhe que começaria pela Igreja Batista Ebenézer, em Saskatoon, Saskatchewan. Três anos mais tarde, o reavivamento canadense irrompeu na igreja que o pastor William L. McLeod vinha preparando havia mais de três anos para ser reavivada. Foi ali que chegou o reavivamento. As bênçãos do reavivamento foram derramadas. Muitos vieram para o Senhor, e duas mil equipes de reavivamento saíram por todas as igrejas do Canadá e do exterior, testificando do poder e da presença de Deus. A Canadian Revival Fellowship [Associação de Reavivamento Canadense] mantém equipes de reavivamento até hoje, e Deus tem derramado bênçãos especiais em muitos lugares.

Embora o corpo de Duncan começasse a enfraquecer em 1971, ele planejou uma agenda para o ano inteiro. Em março de 1972, foi para Lausanne, Suíça, ensinar na escola de evangelismo

[4]Ibid., p. 182.

da JOCUM. Sua última mensagem foi sobre 1Coríntios 9.26: "Sendo assim, não corro como quem corre sem alvo, e não luto como quem esmurra o ar". Suas últimas palavras aos estudantes foram: "Continuem lutando, mas cuidem para que sua luta seja no amor de Jesus". Às duas da manhã, ele sofreu um ataque cardíaco. Resistiu por quatro dias e morreu durante o segundo ataque, em 28 de maio de 1972.

Guardo como um tesouro os momentos que passei com ele, tanto em sua como em minha casa, e aqueles passados na organização de uns poucos cultos ministrados por ele, em sua primeira visita aos Estados Unidos. Os momentos mais caros são os que passei sentado ao seu lado, ouvindo suas histórias sobre reavivamento. Que homem de Deus humilde, ungido e destemido ele era — um instrumento de Deus cheio do Espírito Santo! Que Deus nos dê mais pessoas santas assim nos dias de hoje.

## DÁ-NOS, SENHOR, UM DESEJO AINDA MAIOR

Dá-nos, Senhor, um desejo ainda maior
que tudo o que já experimentamos.
Ajuda-nos a esperar em harmonia
até que teu poder seja revelado.
Mantém a nós, teus filhos, de joelhos,
rogando a ti, com poderosas súplicas,
até que tuas bênçãos sejam derramadas
e que, como o mar, venham cobrir todo o nosso ser.

Dá-nos um sentimento de urgência
que não possa ser ignorado.
Dá-nos um desejo tal de ver tua obra realizada,
a ponto de nada mais nos importar.
dá-nos fome e sede de almas,
até esse desejo quase arrebentar nosso coração;

a ponto de desejarmos ser amaldiçoados (Rm 9.3)
caso essas almas não cheguem a ti!

Senhor, começa agora tua poderosa obra.
Põe em ação teu poderoso braço.
Ó Deus! Não deixes que venhamos a nos esquivar,
nos conformando a esta época!
Revela o grandioso poder de teu Espírito.
Vem sobre tua igreja nessa hora!
Opera em nós, Senhor, fortalecendo-nos
até tomarmos os domínios de Satanás.

Ajuda, para que cada um de nós faça sua parte.
Senhor, que não venhamos a falhar.
Guia de forma clara cada coração,
até vencermos os mais altos montes.
Usa-nos como te aprouver.
Senhor, não recusaremos fardo algum,
mas leva-nos para onde nos possas usar
e prevalecer poderosamente.

Envia sobre nós, como prometeste,
o Espírito Santo quando nos ajoelharmos.
O que mais precisamos é de tua sagrada operação,
até que todos os homens sejam convencidos do pecado.
Senhor, ainda estamos no tempo da graça.
Tem misericórdia de nossa raça moribunda.
Que teu reavivamento ocorra em todos os lugares,
e que teu milagre se revele.
Wesley Duewel[5]

[5]Escrito na Faith Mission Bible College, em Edimburgo, em 20 de outubro de 1958, após uma conversa com o reverendo Duncan Campbell.

# 4

## OSWALD CHAMBERS

*Cercado pela presença de Deus*

### CONFIANDO EM DEUS PARA TUDO

OSWALD CHAMBERS NASCEU no lar de um pastor batista em Aberdeen, Escócia, em 24 de julho de 1874. Foi um dos nove filhos de Clarence e Hannah Chambers, ambos batizados por Charles Spurgeon. Tempos depois, Clarence inscreveu-se na escola de pastores e foi ordenado pastor batista por Spurgeon.

Já na infância, Oswald tinha fé e confiança fabulosas em seu Pai celestial e permaneceu com esse espírito de fé e simplicidade até o fim da vida. De maneira absolutamente natural, ele pedia as coisas a Deus e esperava pela resposta. Toda noite, subia as escadas orando. Seus familiares freqüentemente ficavam ao pé da escada para escutá-lo orar. Quer ele pedisse porquinhos-da-índia na infância, determinado livro na juventude, quer uma passagem de trem ou recursos para viajar ao Japão na idade adulta, Oswald simplesmente pedia a Deus e ficava esperando a resposta.

Quando estava com sete anos de idade, Oswald começou a freqüentar a escola, onde desenvolveu seu talento natural para o

desenho. Isso tornou-se sua maior alegria na escola. Certa noite, já com doze anos de idade, enquanto caminhava com seu pai para casa após terem escutado um sermão de Spurgeon, Oswald disse que, se Spurgeon tivesse feito um convite, ele teria entregue sua vida ao Senhor.

— Você pode fazer isso agora, meu rapaz — respondeu o pai.

Bem ali, na rua, Oswald foi salvo e desde então viveu para seu Senhor. Ele logo foi batizado e se juntou à Igreja Batista. Pouco depois, começou a ensinar na escola dominical.

Dois obreiros da Associação Cristã de Moços (ACM) levaram Oswald consigo para visitar alojamentos de trabalhadores de baixa renda. Daquele dia em diante, Oswald passou a dedicar grande parte de seu tempo à evangelização daquele povo, entre os quais era possível achar até mesmo ex-presidiários. Aos dezoito anos, Oswald matriculou-se em uma escola de artes de Londres, onde se licenciou. Com isso pôde lecionar e obter seu sustento.

Em 1895, Oswald retornou à Escócia, onde cursou artes na Universidade de Edimburgo. Começou um relacionamento de amizade com Gertrude Hobbs, que alguns anos mais tarde veio a tornar-se sua esposa. Durante suas muitas caminhadas, discutiam a relação da vida cristã com a arte, a música e a poesia.

(O mundo cristão tem uma grande dívida para com Gertrude, — a quem Oswald chamava de Biddy. Ela manteve ao longo dos anos um registro taquigráfico completo e cuidadoso de sermões, aulas e cartas de Chambers. Após a morte prematura de Oswald, Gertrude publicou seus registros. A biografia dela reúne muitas dessas ocorrências e citações.)[1]

[1]Bertha CHAMBERS, *Oswald Chambers:* his life and work, London: Simpkin Marshall, 1938. Exceto quando existir a devida observação, as citações deste capítulo foram extraídas dessa biografia.

## O CHAMADO PARA O MINISTÉRIO

Uma noite, enquanto Oswald orava em uma colina, ele ouviu a voz de Deus dizer-lhe: "Eu o quero a meu serviço — mas não preciso de você para realizá-lo". O chamado de Deus foi tão evidente e claro que ele imediatamente decidiu abandonar sua carreira no campo das artes e obedecer à voz Deus. Ele escreveu ao pai contando que estava se matriculando na faculdade a fim de preparar-se para o ministério. Seu pai ficou extasiado.

Em 1897, com 23 anos de idade, Oswald matriculou-se na Faculdade de Dunoon (Escócia), uma pequena faculdade batista orientada por princípios de fé. Os funcionários da faculdade não contavam a ninguém sobre suas necessidades. Quando não havia alimento, os professores e os alunos uniam-se para sondar o coração, a fim de verificar quem havia entristecido ao Senhor, ou por que os recursos não haviam entrado. Esse princípio estava perfeitamente de acordo com a própria vida de fé e oração de Oswald.

Oswald escreveu ao pai: "Não sou virtuoso nem digno, nem mesmo penso que o seja, mas a aliança da paixão de meu Mestre está em minha alma, e sou impelido pela persistente misericórdia e pelo amor de Deus. Como posso, para minha própria condenação, desobedecer à sua voz, que é tão clara?".

De acordo com David McCasland, autor de uma biografia mais recente de Chambers, a designação "Bertha Chambers" como a biógrafa se constitui em erro. Gertrude não se identificou como autora ou compiladora do livro. Ela escreveu um prefácio, que assinou com as iniciais "BC" — Biddy Chambers. No entanto, ela foi erroneamente identificada como Bertha Chambers (nome de uma das irmãs de Chambers) quando o livro foi registrado na Biblioteca de Londres. Esse erro perdurou, apesar das várias tentativas de corrigi-lo. Bertha não teve nada que ver com a publicação e distribuição dos livros de Oswald. Curiosamente, Oswald também tinha uma irmã chamada Gertrude, provavelmente o motivo de ele haver escolhido um apelido para a esposa. Ao contrário de Bertha, Gertrude esforçou-se grandemente para promover o trabalho de Oswald publicado por Biddy.

## LIÇÕES NA FÉ

Enquanto esteve na faculdade, Oswald tornou-se amigo íntimo de William Quarriar, fundador de um orfanato, um sanatório para tuberculosos e um ministério, em Glasgow, os quais eram mantidos por fé. Com o tempo, os ministérios de Quarriar cresceram a ponto de atender mais de 1 500 crianças em três unidades na Escócia e no Canadá. Nas noites de sexta-feira, Oswald e Quarriar oravam juntos pelos recursos de que Quarriar precisaria para a semana seguinte, sem nunca contar a ninguém sobre suas necessidades ou mesmo recorrer a mecanismos de arrecadação. Oswald aprendeu a contar com Deus em todas as suas necessidades.

Oswald permaneceu na faculdade nove anos, onde atuou parte do tempo como conferencista a partir do segundo ano, e mais tarde como monitor. Ele assegurava que, desde seu novo nascimento, ainda na infância, ele "desfrutava maravilhosamente da presença de Jesus Cristo, mas foram necessários vários anos até que me entregasse completamente a sua obra".

A sobrinha de Oswald revela como ele ambientava as crianças: "Ele costumava realizar reuniões familiares de oração conosco à noite, antes de irmos dormir. Suas orações eram muito semelhantes a uma conversa normal com um pai amoroso. A naturalidade de sua relação com Deus impressionava as crianças. Ele nunca orou de maneira diferente, fosse domingo, no púlpito, fosse em qualquer outra ocasião ou com qualquer outra pessoa.

"Se quisesse dar um conselho, ele escolhia um hino atraente que todos conhecíamos e adaptava uma letra a fim de abordar o assunto. Certo dia, quando eu, que era filha única, deixei de executar uma simples tarefa doméstica, ele levantou a voz repentinamente e cantou em uma melodia conhecida:

> É melhor lustrar que choramingar.
> É melhor fazer isso sem perda de tempo.

É melhor lavar a louça do chá
do que ficar de cara feia perto da porta da cozinha!"[2]

## CHEIO DO ESPÍRITO

Na época em que Oswald atuava como monitor na Faculdade Dunoon, o dr. F. B. Meyer deu uma palestra sobre o papel do Espírito Santo na vida do crente. Oswald disse: "Decidi ter aquilo tudo e fui para meu quarto pedir a Deus pura e simplesmente pelo batismo no Espírito Santo — o que quer que aquilo significasse". Nos quatro anos que se seguiram, Deus usou a vida de Oswald na conversão de outras pessoas. Mas, em seu coração, Oswald ainda não estava satisfeito.

"Nos três últimos meses daqueles anos, os acontecimentos chegaram ao ápice. Eu estava ficando completamente desesperado. Então Lucas 11.13 tomou conta de mim [...] Deus leva o indivíduo até o total desespero". Em uma pequena reunião, enquanto a congregação cantava um hino, Oswald, pela fé, invocou a plenitude do Espírito. Ele não sentiu nenhuma mudança espetacular, mas sabia que estava na dependência de Deus.

Oswald foi convidado a pregar em uma reunião e, no final, quarenta pessoas vieram à frente para buscar ao Senhor. Ele ficou tão impressionado com o que havia acontecido que, ao sair dali, foi conversar com o reverendo McGregor, diretor da Faculdade Dunoon.

McGregor perguntou a Oswald: "Você não se lembra de ter clamado pelo dom do Espírito Santo, baseado na palavra de Jesus, e de que ele disse: 'Mas receberão poder...'? Esse é o poder que vem do alto".

Oswald escreveu: "Estes últimos cinco anos realmente têm sido como estar no céu. Toda glória seja dada a Deus! As profundezas abissais do coração do homem estão sendo preenchidas com o

[2]Ibid., p. 85.

amor de Deus, chegando mesmo a transbordar. O amor é o início, o meio e o fim. Quando o Senhor vem, tudo o que você vê é 'somente Jesus, eternamente Jesus'. Quando se sabe o que Deus fez por nós, o poder e a tirania do pecado se vão, e vem sobre nossa vida a radiante e indizível libertação do Cristo que habita em nosso ser".

## MINISTÉRIO INTERNACIONAL

Em 1905, Oswald conheceu o bispo Juji Nakada, um dos fundadores, juntamente com Charles Cowman, da Oriental Missionary Society [Sociedade Missionária Oriental] (atualmente chamada de OMS International), no Japão. Eles partilhavam a mesma visão e se uniram na realização de reuniões pela santidade cristã em várias partes das ilhas Britânicas. Nakada convenceu Oswald a acompanhá-lo aos Estados Unidos, a fim de realizarem acampamentos e convenções.

Nakada descreveu a vida de oração de Oswald Chambers: "Ele foi um magnífico homem de oração. Apesar da violência com que o mar atingia o navio mesmo ancorado, ele virava as páginas do livro em que registrava os nomes daqueles por quem orava. Dia e noite, nunca parava de orar e de interceder por eles, embora às vezes não se sentisse muito bem".[3] Oswald certa vez escreveu em seu diário: "Eu realmente creio que este é o fundamento de meu ministério: a oração intercessória".

Oswald e Nakada fizeram da God's Bible School [Escola Bíblica de Deus] e da Missionary Training Home [Casa de Treinamento Missionário] em Cincinnati, Ohio, seu quartel-general nos Estados Unidos. Oswald lecionou lá por vários meses e conheceu os Cowmans, com quem Nakada havia iniciado uma obra missionária e um seminário em Tóquio. Mais tarde, Oswald

[3]Ibid., p. 82.

estabeleceu sua sede japonesa no Seminário Bíblico da OMS em Tóquio, que havia sido fundado por Nakada e pelos Cowmans. Deus fez de Oswald uma grande bênção para o Japão e deu-lhe uma visão missionária.

## A PERCEPÇÃO DA PRESENÇA DE DEUS

Oswald escreveu de Cincinnati em 4 de fevereiro de 1907: "Já tivemos aqui alguns momentos de grande bênção. Deus está tão próximo que em alguns momentos as bênçãos de nosso Pai são mais do que podemos suportar. Já sentiu isso? Não me é difícil compreender como os santos encontrarão com o Senhor nos ares, pois quando o Senhor derrama grandemente suas bênçãos neste lugar e nosso corpo físico parece estar em brasa com o fogo de Deus, é admirável que não subamos. E, quando ele vier, seremos todos transformados em um piscar de olhos".[4]

Em 16 de fevereiro de 1907, Oswald escreveu: "Ao obedecer às orientações do Espírito Santo, possibilitamos que Deus responda às orações de outras pessoas. Quero dizer com isso que nossa vida, minha vida, é a resposta à oração de alguém, que pode ter sido feita séculos atrás [...] Tenho a inexprimível compreensão de que minha vida é uma resposta à oração de muitos e que Deus está me abençoando e permitindo que eu seja uma bênção tão-somente em razão de sua graça soberana, sem nenhuma relação com meus méritos, a não ser o fato de eu ser ousado o bastante para confiar em suas orientações, e não nos ditames de minha sabedoria ou de meu bom senso. O significado de 'meu Pai' tem sido maravilhoso nos últimos tempos. O acesso que temos pela oração é tão indescritivelmente agradável e natural que sou simplesmente inundado por uma paz profundamente arraigada a minha alma".[5]

[4]Ibid., p. 93.
[5]Ibid., p. 95.

Um amigo escreveu: "Ouvi-lo orar era estar na presença de Deus. Assim como Murray McCheyne e Samuel Rutherford, ele parecia viver uma comunhão ininterrupta com Deus". Outro amigo escreveu sobre sua "espiritualidade radiante, oriunda de seu viver contínuo na presença de Deus".[6]

## A UNÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Em 7 de abril de 1907, Oswald escreveu: "Ontem tivemos um dia magnífico. Na hora da pregação, Deus vem sobre nós de maneira indizível. Ontem Deus me tomou de modo que me sentia admirado com minhas próprias palavras. Eu podia ver o que Deus estava claramente operando em meu coração e em minha alma. Oh, que o poder de Deus seja cada vez mais derramado e cada vez com mais eficácia! É um ardor que me devora". Então, em 19 de abril, ele escreveu: "Este tem sido um dia abençoado. Minha sala tem sido o refúgio dos oprimidos e dos que padecem com o pecado. Estou admirado diante de nosso Senhor. Eles se achegam, e nada além do Espírito de Deus poderia tê-los atraído. Chegam aos prantos e saem abençoados e em júbilo. É indescritivelmente sublime ver as almas partirem sob as bênçãos do batismo com o Espírito Santo e com fogo. Alguns simplesmente riem, riso o mais sincero e abençoado que já se ouviu, uma versão moderna de 'então a nossa boca encheu-se de riso'". E "que desgraças e fardos as pessoas carregam! Senti-me compelido a dirigir um estudo bíblico intitulado O *exercício do sofrimento* neste domingo, e Deus abençoou minha própria alma".[7]

Oswald fez o seguinte registro em 6 de maio: "Ontem tivemos um dia maravilhosamente abençoado. Dirigimo-nos ao tabernáculo na colina às dez e meia, e não saímos até as dezessete horas. Muitas almas foram libertas. Houve choro, risos e todos

[6]Ibid., p. 153.
[7]Ibid., p. 104.

os benditos sinais daqueles momentos de reavivamento que o Senhor traz de forma tão misteriosa e repentina sobre seu povo. É uma ótima opção abrir todas as janelas da alma para o céu e viver em adoração. Oh, é magnífico encontrar por todo este continente pessoas famintas de Deus!".

No dia seguinte, Oswald escreveu: "Nesta manhã, comecei a conduzir uma reunião de oração às nove e acabei de deixá-la: são dezessete horas, e ela ainda está em pleno andamento [...] simplesmente um enorme culto diante do altar durante todo o tempo, sem pregações e sem hinos, apenas oração, confissão de pecados e comunhão com Deus. Bendito seja Deus, pois ele pode desenterrar as almas de maneira maravilhosa. É uma obra abençoada e gloriosa. Você se esquece de seu desjejum e das refeições por dois dias seguidos. Esqueci-me completamente de minhas refeições para orar e alegrar-me em Deus. O jejum é uma prática agradável quando você nem se dá conta do que está fazendo. Vivemos uma época digna de ser lembrada".[8]

## NO JAPÃO COM A OMS

Em 10 de julho de 1907, Nakada embarcou com Oswald no navio Empress of Japan, rumo ao Japão. Em 27 de julho, aportaram em Yokohama, onde Charles Cowman e E. A. Kilbourne aguardavam para levar Oswald para a escola bíblica da OMS. Ele ficou maravilhado com a extensão e a organização da obra da OMS, com a devoção dos colaboradores japoneses e com as formidáveis reuniões de que participou. Ele escreveu: "A coisa toda me absorveu e cativou de tal forma que eu me sentia como a rainha de Sabá. O trabalho é impressionante. Eu não sei o que esperava, mas jamais tive a expectativa de ver uma obra tão elaborada e primorosamente organizada como esta".[9]

[8] Ibid., p. 105.
[9] Ibid., p. 117.

Oswald escreveu a seu irmão Franklin: "Nunca imaginei ou vi algo nem ao menos parecido com isso. Nakada é um pregador poderoso aqui. É maravilhoso assistir ao culto no altar. Aparecem de cinqüenta a cem pessoas sem que haja nenhuma forma de persuasão, e então os trabalhos começam. Todos os obreiros ficam de joelhos com suas Bíblias, e o ensino prossegue durante horas, pois aquelas pessoas nada conhecem sobre a revelação cristã. Ficam a noite toda se for necessário, e é maravilhoso quando realmente alcançam seu objetivo. Deus sela este povo de uma forma que parece raramente fazer em nossa terra natal [Inglaterra] ou nos Estados Unidos. A fé que demonstram é maravilhosa, e Deus corresponde a isso, mas é simplesmente por demais desconcertante avaliar e falar sobre isso tudo".[10]

Após um período de muitas bênçãos no Japão, Oswald e os Cowmans partiram para a Inglaterra. Oswald apresentou os Cowmans ao povo de Deus naquele país, especialmente aos líderes e aos membros da League of Prayer [Liga de Oração]. Este haviam exercido enorme influência na vida de Oswald, trazendo-o para a luz e para a experiência de santidade. A vinda dos Cowmans propiciou a criação de uma unidade da OMS Interna-tional nas ilhas Britânicas, com a qual essa entidade vem mantendo uma parceria desde aquela época.

## A VIDA NA PLENITUDE DO ESPÍRITO

Durante os vários anos que se seguiram, Oswald viajou aos Estados Unidos durante o verão para pregar em escolas bíblicas e acampamentos. Um pastor inglês escreveu sobre seu encontro com Oswald e Nakada: "Sempre que penso neles, ainda me sinto abençoado pela alegria que seu rosto irradiava". O grande impacto daquela grande reunião foi o próprio testemunho de Chambers. Ele nos faz lembrar o apóstolo Paulo, um líder e

[10]Ibid., p. 119.

professor de primeira linha. Foi Oswald Chambers que me transmitiu com maior profundidade o significado da cruz".[11]

Sobre aqueles dias, Rosa Gardener escreveu: "Todas as recordações que possuo de Oswald Chambers são de um homem cheio do Espírito Santo e sempre, a todo momento, apaixonado por seu Mestre".[12]

A senhorita Carrier disse: "No domingo, após o almoço, o sr. Chambers disse que tiraria uma soneca de dez minutos antes do culto da tarde. Eu disse: 'Você me parece bem sonolento. Será que vai conseguir dormir por um período tão curto?'. Com seu jeito determinado, ele disse: 'É claro que sim. Pedirei que meu Pai celestial me conceda um sono de dez minutos, e ele me acordará na hora exata'. Nem preciso dizer que foi exatamente isso que aconteceu! Ele se sentia seguro com relação a Deus e testemunhou disso dormindo e acordando".[13]

## ANSIOSO PELO TOQUE DO ESPÍRITO

Oswald desejava uma vida espiritual profunda. Ele dizia: "Vejo igrejas, planos, iniciativas missionárias e movimentos pela santidade, tudo rotulado com o nome de Deus, mas com tão pouco de sua Pessoa! Meu desejo é que, a cada suspiro, a cada pregação, eu possa torná-lo mais próximo e mais real para os homens. Só vale a pena viver se for por ele [...] Sinto-me ansioso e com um enorme desejo de estar com o Senhor [...] O chamado está em mim, sendo algumas vezes insuportavelmente forte".

Oswald ansiava ver seu ministério produzir resultados espirituais. Em 8 de janeiro de 1909, ele registrou: "Creio que seria impossível viver, se o Senhor não me usasse para salvar e santificar vidas. [...] Se eu ao menos pudesse dizer-lhe como o

[11] Ibid., p. 137.
[12] Ibid., p. 145.
[13] Ibid., p. 155.

conheço [...] A beleza de nosso Senhor me influencia cada vez mais. Como são poucos aqueles dentre nós que se preocupam em agradar seu coração. Afinal, como me comporto quando o escuto dizer: 'Dê-me de beber'? Que meu Senhor nunca deixe esfriar meu anseio de ser um copo em suas mãos, para saciar sua sede real. Apenas um interesse toma conta de minha mente, e é que o Senhor seja bem-sucedido em seus intentos [...] Cada vez mais é apenas ele, não a evangelização, mas apenas Deus e a obediência a ele. Busco apenas ser leal a ele; nada mais".[14]

## A VIDA NA PRESENÇA DE DEUS

John Thatcher, de Inverness, Escócia, amigo de Oswald, escreveu: "Ouvi-lo [a Oswald] orar era estar na presença de Deus. Como Murray McCheyne e Samuel Rutherford, ele parecia viver em constante comunhão com Deus".[15]

Oswald fez a seguinte anotação em 15 de dezembro de 1908: "Meu Senhor Jesus Cristo torna-se, a cada dia, mais grandioso e fundamental em minha mente e em meu coração".[16]

A sra. Howard Hooker observou: "Durante os seis meses que antecederam seu casamento, em 1910, Oswald Chambers usou nossa casa como sede. Durante esse período, ele foi uma preciosa fonte de inspiração, tanto para mim quanto para meu marido. Seus sonhos eram tremendos, e ele vivia de acordo com eles [...] Chambers tinha uma constante percepção da presença de Deus, e conseqüentemente a transmitia aos outros. Reparávamos que isso ocorria não só nos momentos mais felizes, mas também em seu dia-a-dia e nos momentos mais críticos de seu ministério. Adorávamos tê-lo em nossa casa. Ele nos ensinava

[14]Ibid., p. 164.
[15]Ibid., p. 158.
[16]Ibid., p. 163.

tanto! Ele brincava com nossos filhos, e nada o deixava mais feliz que engatinhar pelo quarto das crianças, fingindo ser um leão ou um tigre, e ser dominado triunfantemente por uma garotinha ou por um garotinho a quem ele permitia que o provocasse impiedosamente".[17]

## REITOR DA DUNOON COLLEGE

Após o casamento, Oswald assumiu a reitoria da Dunoon College, onde permaneceu de janeiro de 1911 a julho de 1915. A faculdade procurava ajudar seus estudantes a viver de acordo com o lema da longa trajetória de Oswald: "Meu máximo para o mais elevado". Um de seus alunos escreveu: "Sua vida era verdadeiramente cheia do Espírito Santo, e a paixão que lhe queimava no peito era sua devoção ao Salvador. Em suas pregações, ele enfatizava continuamente a importância de 'uma entrega apaixonada e pessoal a Jesus Cristo' e a necessidade de mantermos um relacionamento com ele, a qualquer custo. Este era o segredo de sua força a serviço de Deus: ele vivia o Sermão do Monte".[18]

Outro estudante observou: "[Chambers] era um homem de oração, e o ambiente de toda a faculdade ficava impregnado da presença de Deus".

Outro estudante declarou: "Eliseu é mencionado como 'o homem de Deus', e o sr. Chambers sempre foi esse homem para mim [...] Um dos fatores mais importantes naqueles dias era o modelo tremendamente elevado que tínhamos diante de nós; nada menos que nosso melhor era suficiente".

Um estudante recorda: "O que mais me impressionava na vida do sr. Chambers, e que cresce em mim desde sua morte, é que ele jamais passava a impressão de que seu eu estava no

[17]Ibid., p. 170,1.
[18]Ibid., p. 188.

comando, e sim seu Senhor e Mestre. Ele nos conduzia a um conhecimento mais profundo de Jesus Cristo [...] Dentre muitos acontecimentos, um se destaca em minhas lembranças e demonstra o que ele constantemente afirmava — que o discípulo de nosso Senhor deve ser parecido com ele. Certa noite, ao caminhar com ele por um pequeno vilarejo, o sr. Chambers simplesmente parou e com a maior naturalidade orou, pedindo as bênçãos de Deus sobre o vilarejo. Parecia ser o que nosso Senhor teria feito enquanto esteve sobre a terra".[19]

Outro escreveu: "Entrar naquela sala era como adentrar o céu. E então o sr. Chambers falava, levando-nos diretamente à Deus. Descobri mais tarde que isso era típico dele. Em todas as palestras e reuniões, ele nos conduzia à presença de Deus".

## O MINISTÉRIO NO EGITO

Em 1915, a escola bíblica fechou pelo período que seus funcionários pensavam duraria a guerra. Oswald ofereceu-se para ir ao Egito com as forças aliadas, na função de capelão da ACM. Durante dois anos, ele trabalhou entre os soldados, nos acampamentos no deserto da força expedicionária egípcia.

As cabanas da ACM que Oswald havia erguido nas areias do deserto eram um lar longe do lar para os soldados que conseguiam escapar por algumas horas, comprar refrigerantes e escrever cartas para casa. Ao anoitecer eles vinham para ouvir as pregações de Oswald. Os soldados não eram de forma alguma pressionados a comparecer, mas os homens freqüentemente vinham sentar-se aos pés de Oswald para ouviu suas palestras e seus estudos bíblicos. Logo em frente era armada uma tenda, para onde ele se dirigia todas as manhãs, a fim de estar a sós com Deus. O seu momento de oração solitária ia das 5h30 até às 7h30. "Era lá que ele obtinha o resplendor que lhe brilhava

[19]Ibid., p. 201,2.

na face e a mensagem, que era mais afiada que uma espada de dois gumes, que penetra até o ponto de dividir juntas e medulas".[20]

Muitas das vezes em que alguém dizia "Isto não pode ser feito", Oswald dizia "Vamos orar sobre isso", e logo o problema era resolvido. Seu diário traz, em 13 de outubro de 1915, as seguintes palavras: "Faz pouco menos de uma hora que não adoro a Deus por sua maravilhosa obra em minha vida e pela plena consciência de que não mereço isso [...] Sua vontade é verdadeiramente o que se pode conceber de mais agradável e perfeito".

Oswald sentia que a intercessão era sua grande obra no Egito. Em 8 de outubro de 1916, ele escreveu: "Cada vez mais me convenço de que a oração é a essência da obra e que a descoberta da verdade de Deus e a libertação das almas são forjadas pela pregação e pela oração com absoluta fé nos fundamentos da redenção". Ele posteriormente mencionou: " 'Intercessão' foi a palavra extraordinária mediante a qual Deus me chamou, e que mais uma vez está sendo enfatizada".

## A PRESENÇA DE ANJOS

Às vezes, Oswald ficava muito consciente da presença dos anjos. Durante sua viagem de navio aos Estados Unidos, em 11 de novembro de 1906, ele escreveu: "Meu sentimento mais constante talvez seja o da escolta de hostes de anjos, em resposta às orações de muitos santos em minha terra natal. Sinto como se houvesse um cuidado especial ao redor deste barco. Tenho a impressão de ouvi-los na brisa e de sentir o toque deles em meu corpo".

Em 3 de dezembro de 1916, no Egito, Oswald anotou: "Esta noite, ao caminhar por entre nossas posições, solitário neste

[20]Ibid., p. 251.

imenso deserto e sob a sublime abóbada celeste e suas maravilhosas estrelas, percebi mais uma vez a singular sensação da presença de anjos. A mesma sensação que senti repetidamente na primeira vez em que fui ao exterior. É bem diferente da certeza de ser guardado por Deus, tratar-se da fabulosa sensação da presença dos anjos. De qualquer forma, é assim que sinto, e agradeço a Deus por isso".[21]

## A DOENÇA E A MORTE REPENTINAS

No outono de 1917, o general Allenby estava se preparando para fazer a última investida e capturar Jerusalém. Oswald se preparava para seguir com as tropas quando desenvolveu uma apendicite. Por erro de diagnóstico, Chambers morreu de peritonite em 15 de novembro de 1917, com 43 anos de idade.

Seu ministério, no entanto, sobreviveu porque sua esposa transformou as extensas anotações dele em vários livros, que abençoaram muitas pessoas ao redor do mundo. Ela escreveu: "Seus escritos eram apenas o derramar de uma paixão pela santidade e um intenso relacionamento íntimo com o Senhor".

O presbítero de Salisbury, bispo J. E. Fison, disse o seguinte a respeito de Oswald: "É impressionante ver em Oswald Chambers um homem que experimentou uma 'segunda bênção' absolutamente nítida de santificação e ainda assim morreu, não para negar o valor fundamental de Lucas 11.13 — 'Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai que está nos céus dará o Espírito Santo a quem o pedir!', texto que sempre usamos no trabalho individual —, mas para desenvolvermos fé e dependência ainda maiores das inesgotáveis riquezas da pessoa de nosso Senhor".[22]

[21]Ibid., p. 282.

[22]W. D. LAMBERT, *Oswald Chambers*: an unbribed soul, Burslem, Stoke-on-Trent, Inglaterra: MOVE Press, 1975, p. 77.

Fison ainda disse: "Deus lhe deu a mais absoluta liberdade e ainda assim tomava continuamente conta de cada detalhe de sua vida. Oswald refletia a voz de seu Mestre. Ele continuamente voltava às aves do céu e aos lírios e, no espírito de Mateus 6.25, ele soltava um enfático 'Nego-me a preocupar-me'. Foi isso que manteve seu espírito tão inocente e infantil durante todo o seu relacionamento com as tropas no Egito".[23]

O corpo de Oswald foi sepultado com honras militares, entre os túmulos dos soldados no antigo Cairo. Na lápide, está escrito: "Crente em Jesus Cristo", a descrição que ele fazia de si. Além disso, encontram-se estas palavras de Lucas 11.13: "Quanto mais o Pai que está nos céus dará o Espírito Santo a quem o pedir!".[24]

Oswald viveu cada dia o título de seu livro mais conhecido: *My utmost for his highest* [*Meu máximo para o mais elevado*].

Em um de seus primeiros poemas, Oswald escreveu:

> Mais preciosa que tudo que está mais perto,
> mais preciosa que o precioso ou o mais precioso de todos,
> mais preciosa que a vista,
> mais preciosa que a luz,
> é a comunhão com Jesus.[25]

[23]Ibid, p. 79.

[24]V. Raymond EDMAN, *They found the secret*, Grand Rapids: Zondervan, 1984, p. 37.

[25]David MCCASLAND, *Oswald Chambers*: abandoned to God, Grand Rapids: Discovery House, 1993, p.. 296.

# 5

# JONATHAN GOFORTH

*O homem do reavivamento*

## UM JOVEM ENTUSIASMADO COM DEUS

JONATHAN GOFORTH NASCEU perto de London, cidade de Ontário, no Canadá, em 10 de fevereiro de 1859. Ele renasceu aos dezoito anos de idade e imediatamente buscou meios de servir ao Senhor. Todos os domingos pela manhã ficava na porta da igreja oferecendo a cada pessoa um folheto evangélico. Ainda jovem começou a realizar cultos vespertinos aos domingos em uma velha escola.

Já na juventude, Jonathan sentiu o chamado para o ministério. Durante os dois anos que antecederam seu ingresso na Knox College [Faculdade Knox] em Toronto, onde se prepararia para o pastorado, levantava duas horas mais cedo a cada manhã, a fim de ter um período ininterrupto de estudos bíblicos. Sua Bíblia era o que possuía de mais valioso, e ele a lia continuamente.

Desde a primeira vez em que ouviu um pregador, Jonathan sentiu-se chamado à obra missionária. Começou a ler tudo o que lhe caía nas mãos sobre missões e ainda procurava passar aos outros essa visão.

Ao entrar na Knox College, Jonathan ficou tremendamente desapontado e escandalizado ao descobrir que os alunos não procuravam ser ganhadores de almas e riam das histórias de suas tentativas de ganhar prostitutas e outros pecadores nos bairros mais humildes. Em seu primeiro domingo na faculdade, começou um ministério entre os encarcerados. Às vezes, não tinha dinheiro suficiente para comprar um selo postal, mas aprendeu a confiar em Deus para suas necessidades.

Durante os anos que ficou na faculdade, Jonathan pregou na periferia, indo de casa em casa, conduzindo, às vezes, em uma única tarde, duas ou três pessoas a Cristo. Em uma rua, ele pregou em dezessete bordéis, levando várias jovens prostitutas a Cristo. Em um verão, ele evangelizou 960 lares.

A primeira missão evangelística de Jonathan foi em uma área com vinte quilômetros de largura por 35 de comprimento, com quatro pontos de pregação. Ele visitou cada uma das casas nessa área. Logo os locais de culto não comportavam o número de participantes.

Durante esse período, Jonathan conheceu a que viria a ser depois esposa, Rosalind, que também estava envolvida no trabalho missionário urbano em Toronto.

## OS PRESBITERIANOS CANADENSES PENETRAM A CHINA

A denominação de Jonathan, a Canadian Presbyterian Church [Igreja Presbiteriana Canadense], não possuía nenhum trabalho na China nem tinha planos para aquele país. Jonathan então decidiu que iria pela China Inland Mission [Missão para o Interior da China]. No entanto, seus colegas de faculdade achavam que ele deveria ser enviado pela sua denominação e votaram unanimemente por apoiá-lo. Jonathan comprou centenas de cópias de um livro sobre a China escrito por Hudson Taylor e enviou-os aos pastores presbiterianos. Em junho de 1888, a Igreja Presbiteriana do Canadá decidiu iniciar um trabalho na China,

e Jonathan foi indicado, com outra pessoa, para participar da primeira leva de missionários.

Em outubro, logo após ser ordenado, ele casou-se com Rosalind Bell-Smith. Os Goforths partiram de Vancouver para a China em 4 de fevereiro de 1888. O coração de Jonathan ansiava por almas para Cristo, e ele começou a orar por dez mil almas chinesas. Eles seguiram para Chefoo (atual Yantai), no interior da China, e logo mergulharam no estudo da língua. Na segunda semana de estadia, sua casa pegou fogo, destruindo a maior parte de seus pertences.

Em setembro, Jonathan acompanhou um missionário de outra instituição em uma viagem de inspeção ao sul da província de Honan [Henan], onde sentiram a condução de Deus. A Missão para o Interior da China havia dez anos tentava sem sucesso entrar naquela província. Hudson Taylor escreveu a Jonathan: "Irmão, se você pretende entrar naquela província, deverá seguir de joelhos".[1] Essas palavras tornaram-se o lema de Jonathan e seu grupo ao partirem para o norte de Honan.

Em julho de 1889, houve um surto de disenteria. Várias pessoas morreram, incluindo Gertrude, o bebê dos Goforth. Jonathan teve de viajar oitenta quilômetros para encontrar um cemitério onde estrangeiros pudessem ser enterrados. (Gertrude foi a primeira de onze filhos, cinco dos quais morreram na infância.) Logo lhe nasceu um filho, Donald, que morreu com dezenove meses de idade, ao cair de uma varanda.

## A AJUDA DE DEUS COM O IDIOMA

Por meses a fio, Jonathan estudou a complexa língua da China, mas os idiomas sempre foram difíceis para ele. Progredia de forma desconcertantemente lenta, e os chineses diziam não conseguir

[1]Rosalind Goforth, *Goforth of China*, Grand Rapids: Zondervan, 1937, p. 80.

entendê-lo quando pregava. De repente, em um dia em que tentava pregar, as palavras, frases e expressões começaram a inundar-lhe a mente, e ele foi capaz de se fazer entender. Algum tempo depois, descobriu que um grupo de estudantes da Knox College havia se reunido em uma sala para orar especialmente por ele. Todos sentiram a presença de Deus de forma grandiosa e tiveram a certeza de que Deus havia feito algo a favor de Jonathan. Daquele momento em diante, Jonathan tornou-se bastante fluente naquela língua.

## ESCAPANDO DA MULTIDÃO

Pouco tempo depois, Jonathan escapou por pouco de uma multidão enfurecida, a primeira de muitas. Durante meses, teve muita dificuldade para ser ouvido. Circulavam boatos, e alertas espalhados por funcionários do governo avisavam o povo de que os missionários raptavam criancinhas e lhes retiravam os olhos e o coração, com os quais faziam remédios poderosos.

Por fim, Jonathan apelou ao ministro do governo britânico em Pequim, o qual se comunicou com as autoridades chinesas, solicitando que parassem de espalhar mentiras sobre os missionários. Foi promulgado um edital por todos os vilarejos, informando o povo de que os estrangeiros estavam lá mediante um tratado e que qualquer um que os importunasse seria devidamente punido. Embora isso causasse uma mudança de atitude, Jonathan procurava sempre ficar encostado à parede, a fim de evitar um ataque pelas costas. As condições de vida eram miseráveis na aldeia onde os Goforths estavam, mas foi o único lugar que conseguiram encontrar.

## MUDANÇA PARA CHANGTE

Depois de dois anos, os missionários sentiram que Deus os queria na principal cidade de Changte (atual Changde), e tiveram permissão para partir em 1894. Vinte e quatro horas antes de che-

gar à cidade, já haviam recebido 32 ofertas de imóveis, incluindo o local que mais desejavam. Mas naquele verão toda a região foi inundada. A água chegou a dois metros, e quase todos os bens dos Goforths foram destruídos.

## O PRIMEIRO COLABORADOR CHINÊS

Jonathan e Rosalind oraram quase sete anos, crendo que conseguiriam iniciar a obra em Changte. Trabalhavam dia e noite, chegando quase à exaustão. Jonathan pediu a Deus que mandasse alguém para ajudar na pregação, realizada na capela. No dia seguinte, um viciado em ópio que se convertera chegou trajando trapos. Estava desnutrido e horrivelmente pálido. Ele e a família vinham comendo folhas para sobreviver. Jonathan prontamente mandou que fosse preparada uma boa refeição para o homem, cujo nome era Wang Fulin. Seria a resposta às suas orações? Duas horas depois, o mendigo estava limpo e vestia roupas de Jonathan. Desde o primeiro dia, os Goforths sentiram o poder do Espírito ungindo aquele ex-viciado.

Jonathan e Wang Fulin pregavam em média oito horas por dia. O ex-viciado testemunhava sobre como Deus o havia livrado do ópio. O povo freqüentemente ficava sentado quase metade do dia para ouvir as mensagens, e muitos eram convencidos de seus pecados. Jonathan experimentava uma extraordinária unção do Espírito Santo, e sentia o poder do Senhor sobre ele como nunca antes.

## A CAPACITAÇÃO DIÁRIA DO ESPÍRITO SANTO

Em abril de 1896, Jonathan escreveu que, nos cinco meses anteriores, vinha experimentando manifestações diárias do poder do Espírito Santo. Pelo menos 25 mil homens e mulheres ouviram a pregação do evangelho — que durava em média oito horas por dia. Em algumas ocasiões, cinqüenta mulheres

ou mais estavam no jardim ouvindo Rosalind. Muitas vezes, dez a vinte delas eram tocadas pelo Espírito Santo e buscavam a salvação.

## "ABERTO AO PÚBLICO"

No outono de 1897, os Goforths terminaram de construir uma casa mais adequada. Tinha aparência chinesa por fora e canadense por dentro. Os chineses ficavam espantados com os pisos de madeira, as janelas com vidros, a mobília importada, o órgão, a máquina de costura (que eles chamavam "alfaiate de ferro") e até com a bomba que trazia água do poço em um balde. Eles chamavam o pequeno triciclo de Paul "carroça autopropulsionada". Multidões afluíam para ver a construção e seu impressionante conteúdo. Paul, o terceiro filho, dava demonstrações com seu triciclo pelo jardim. Florence, a quarta filha, empurrava Helen para frente e para trás em um carrinho de bebê. Para espanto do povo, Jonathan propôs-lhes que, se quisessem ver a casa e seu interior, teriam de ficar e ouvir o evangelho. Os visitantes roubavam tudo em que podiam pôr as mãos, escondendo as coisas nas enormes mangas.

O maior comparecimento foi em um dia de 1899, quando 1 835 homens passaram pela casa, e Rosalind recebeu cerca de quinhentas mulheres. Jonathan pregou até o anoitecer. Ele havia avisado que receberia 150 pessoas por vez, mas, antes que pudesse impedi-los, quinhentas já haviam entrado. Rosalind normalmente demonstrava o funcionamento do órgão. Mas houve um dia em que ela estava tão ocupada que o próprio Jonathan teve de demonstrá-lo. Sem saber tocar, apertou com as mãos tantas teclas quanto lhe foi possível, e apertou o fole com toda a força. Os chineses ficaram maravilhados e disseram: "Ele toca melhor que a esposa".

Deus usou a hospitalidade dos Goforths para romper o preconceito e convencer os chineses de que os missionários não

tinham nada perigoso na casa. A decisão de manter a casa "aberta ao público" abriu-lhes muitas portas, e as pessoas diziam: "Fomos a sua casa, e você a mostrou a nós e nos tratou como amigos". Eles então traziam uma cadeira para Jonathan e uma mesa para apoiar a Bíblia e freqüentemente serviam-lhe chá.

Ruth Isabel, a sétima filha, nasceu no dia de ano-novo, em 1898. Em outubro de 1899, Grace Muriel, a sexta filha, que estava doente havia mais de um ano com o que ficou provado ser um grave caso de malária e inchaço do baço, morreu nos braços do pai, logo após ter olhado em seus olhos e sorrido. Rosalind estava de joelhos no quarto ao lado, orando para que Gracie não morresse vítima de convulsões, o que havia ocorrido com seus filhos Gertrude e Donald.

No dia seguinte, Paul foi encontrado gravemente doente com sarampo e disenteria, mas Deus lhe poupou a vida. Durante várias semanas, o próprio Jonathan caiu gravemente doente com um severo ataque de icterícia, e Rosalind quase morreu de exaustão e pelas enfermidades.

Ainda assim, o povo se reunia todas as noites para ouvir a mensagem do evangelho. Quando os missionários paravam de pregar, o povo gritava, cem ou duzentos ao mesmo tempo: "Fique! Conte-nos mais!". Em maio de 1900, já havia comunidades cristãs em mais de cinqüenta aldeias.

## SALVOS MILAGROSAMENTE DOS BOXERS

A virada do século trouxe à China a terrível Revolta dos Boxers, movimento ativista xenófobo, fortalecido pelo rancor da Guerra do Ópio de 1839 a 1842, que fora provocada pela Inglaterra e havia forçado a China a fazer concessões. Os chineses ressentiam-se da influência européia e ocidental, especialmente com relação à Inglaterra, França, Alemanha e Rússia. A Igreja Católica também provocava muitos ressentimentos. A revolta resultou em uma sociedade xenófoba secreta, chamada em inglês os "Boxers".

Em junho de 1900, os Boxers ocuparam Pequim, e por oito semanas perseguiram os cristãos estrangeiros e chineses até a morte. O cerco foi rompido por uma força internacional formada por tropas inglesas, francesas, russas, americanas, alemãs e japonesas. Os levantes ocorreram em muitas partes da China. Os Estados Unidos insistiram em que a integridade administrativa e territorial da China fosse preservada, embora a China fosse forçada a indenizar as nações estrangeiras. Os Estados Unidos investiram parte disso na concessão de bolsas de estudo a estudantes chineses.

Os cristãos foram os que mais sofreram na Revolta dos Boxers. Centenas de capelas católicas e igrejas protestantes foram destruídas. Durante os motins, pelo menos cinco bispos católicos, 311 padres e provavelmente mais de trinta mil católicos foram mortos.[2] Outros milhares foram torturados.

Pelo menos 108 missionários protestantes (incluindo 21 da Aliança Cristã e Missionária, e onze da Missão para o Interior da China) e mais de trezentos filhos de missionários foram assassinados.[3] É nesse cenário que devemos imaginar o milagre da proteção de Deus e o livramento do grupo dos Goforths.

Eis o que aconteceu. Florence, que estava com sete anos de idade, contraiu meningite e morreu em 19 de junho de 1900. Quase imediatamente, chegaram duas mensagens do cônsul americano em Chefoo — com alguns dias de atraso — ordenando que partissem para o sul. Um grupo de três missionários, cinco mulheres, quatro crianças e três criados partiu em 27 de junho, em uma rústica carroça de madeira, no que prometia ser uma fuga de dez dias. Eles depararam com multidões furiosas que gritavam: "Mata! Mata!", e uma fuzilaria de pedras e balas.

[2]Kenneth Scott LATOURETTE, *A history of Christian missions in China*, Taipei: Cheng-Wen, 1970, p. 512.

[3]Ibid., p. 516,7.

Jonathan gritou: "Levem tudo, mas não nos matem". Seu braço esquerdo foi cortado em diversos pedaços por uma espada, seu chapéu foi feito em pedaços, e um golpe de espada quase lhe penetrou o crânio. Um golpe jogou-o ao chão, mas ele então ouviu uma voz nítida, provavelmente de um anjo, que dizia: "Não tema, estão orando por você".[4]

Quando já estava perdendo a consciência, Jonathan viu um cavalo galopando em sua direção. Quando recobrou a consciência, o cavalo estava caído e dava coices tão furiosos que afastava a multidão. Uma multidão de pessoas começou a saquear as carroças, e lutavam entre si pelos despojos. Os sapatos de Rosalind foram arrancados e roubados. Mais uma vez, os Goforths foram apedrejados.

Os missionários alcançaram uma aldeia, onde lhe deram um quarto e cuidaram de suas feridas. Nove pessoas amontoaram-se em uma carroça, onde antes só cabiam três. Quando chegaram a uma cidade maior, foram novamente apedrejados, mas encontraram pousada. A multidão gritava: "Mata! Mata!". Depois de cerca de duas horas, a multidão exigiu que se alinhassem na pequena varanda do lado de fora do quarto. Foram insultados e ridicularizados, mas nenhuma arma foi usada contra eles.

Alguns soldados foram enviados para levar os missionários a um lugar extremamente perigoso. Entretanto, ao subir nas carroças, tanto eles quanto os carroceiros caíram no sono, e os animais foram para o lado errado. Quando os soldados acordaram, estavam longe de seu destino, mas isso salvou a vida do grupo. Naquele dia, eles foram parados pelo menos uma dezena de vezes por multidões furiosas, mas escapavam e prosseguiam.

Eles chegaram a outra cidade fortificada e encontraram outra turba, mas naquele exato momento dois funcionários chine-

[4]Rosalind GOFORTH, *Goforth of China*, p. 135.

ses bem vestidos abriram caminho por entre a multidão, reconheceram Jonathan e convenceram a multidão de que aqueles eram bons estrangeiros. Os dois jovens funcionários forneceram-lhes bandagens anti-sépticas e um acompanhante, que os levou para fora daquela região. Os missionários estavam quase mortos de cansaço, mas continuaram viagem por mais 24 horas. Eles conseguiram tomar barcos que os levaram até Xangai, onde foram postos em um navio para o Canadá.

Após alguns meses de ministério no Canadá, os Goforths ficaram sabendo que alguns missionários estavam retornando para reabrir o trabalho no norte da China. Jonathan deixou a família e retornou. Em maio de 1902, mandou buscar a família. Em primeiro de julho, Rosalind pegou seus cinco filhos (Paul, Helen, Ruth, William e Amelia), com idades que iam de oito meses a dez anos, e partiu de volta para a China. Jonathan iria encontrá-los em Xangai, mas ficou extremamente enfermo — com febre tifóide — no interior. Só depois de uma viagem de duas semanas, finalmente chegou — uma sombra de si mesmo, pois havia perdido muito peso.

Jonathan levou a família rio acima em uma casa flutuante. Então seguiram por terra firme, novamente de carroça. Ele se sentiu levado a abrir uma nova base, mas Rosalind se recusou por causa das crianças — eles já haviam enterrado quatro filhos na China. Jonathan insistiu em que estariam mais seguros seguindo a vontade de Deus.

Duas das crianças caíram doentes com disenteria. William recuperou-se, mas Amélia não. Mesmo assim, os Goforths deram início a um intenso programa de reuniões e começaram a implantar igrejas.

Por volta de 1904, uma família britânica desconhecida enviou-lhes vários panfletos sobre o reavivamento galês. Deus deu a Jonathan uma visão sobre o reavivamento na China. Um amigo, missionário na Índia, enviou-lhes um panfleto que continha

parte das pregações de Charles Finney sobre o reavivamento. Jonathan disse: "Se Finney está certo, e acredito que está, vou descobrir o que são essas leis [de reavivamento] e obedecer-lhes, não importa o custo".[5] Ele mandou buscar no Canadá três livros sobre oração e reavivamento. Um deles era *Finney's lectures on revival* [*Pregações de Finney sobre o reavivamento*].

Deus aos poucos começou a trazer reavivamento à China, e ele se expandiu. Em 1907, Jonathan foi escolhido para acompanhar o secretário da Junta de Missões da Canadian Presbyterian Home [Casa Presbiteriana Canadense], que estava visitando a China. Jonathan viajou com ele para a Coréia, a fim de verificar relatos de reavivamento na obra presbiteriana naquele lugar. O reavivamento galês havia saltado para a Índia, por meio do trabalho realizado pelos presbiterianos galeses, e então da Índia para a Coréia. Eles descobriram que o reavivamento excedia os relatos que haviam recebido.

Quando Jonathan voltou à China, passou a contar em todos os lugares a história do reavivamento na Coréia. Em todos os lugares solicitavam que voltasse, a fim de realizar campanhas de reavivamento de dez dias. Ainda assim, passou-se quase um ano antes que ele pudesse retornar. Quando o fez, Deus levou-o a 1) contar a história da Coréia e do reavivamento, 2) a pregar sobre o Espírito Santo e 3) a fazer que a cruz de Jesus Cristo fosse fundamental. Seu *slogan* era: "Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito" (Zc 4.6). Deus abençoou de tal forma o ministério de Jonathan na Manchúria que começaram a chegar solicitações para que pregasse em várias partes da China e em diversas sociedades missionárias.

No ano seguinte, o presbitério de Jonathan decidiu liberá-lo para a obra de reavivamento em tempo integral durante algum tempo, e Rosalind preparou-se para levar os filhos de volta ao

[5]Ibid., p. 179.

Canadá durante esse período especial de seu ministério. Ela perguntou ao marido:

— Se eu fosse de repente acometida de uma doença incurável e telegrafássemos para você voltar, você voltaria?

Jonathan relutantemente respondeu que esperava jamais ter de enfrentar uma situação daquele gênero.

Ela insistiu.

— Voltaria?

Após pensar um pouco ele respondeu:

— Se nosso país estivesse em guerra com outro país, e eu estivesse no comando de uma importante unidade de combate, me seria permitido deixar meu posto por razões familiares?

— Não — respondeu ela. — O rei e o país vêm em primeiro lugar.

Ele lembrou-a de que, quando se casaram, prometeram que Deus estaria em primeiro lugar em seu relacionamento.

Uma semana depois, Rosalind e seus seis filhos (incluindo a décima filha, Mary, e o décimo primeiro, Johyn) partiram para o Canadá.

Deus usava Jonathan poderosamente em todos os lugares. Seu ministério devia começar primeiramente com a igreja. Em Changte, depois de várias pregações, um homem começou a orar. Nos instantes que se seguiram, um após o outro começaram a clamar pela misericórdia de Deus. Pouco depois, todo o grupo estava clamando pela misericórdia e pelo perdão de Deus. Era como uma repentina tempestade de oração. Culto após culto, pela manhã, à tarde e à noite, Deus assumia o controle, e o povo confessava suas necessidades espirituais, e um após o outro recebiam perdão, purificação e poder.

Reuniões de oração eram realizadas antes das reuniões gerais e entre os cultos. E, naqueles dias, orações e mais orações eram respondidas. Perto do fim do encontro de dez dias, as reuniões duravam quase o dia inteiro, com apenas curtos interva-

los para as refeições. Missionários e chineses, pastores e o povo — todos se humilhavam, clamando pela misericórdia e pelo perdão de Deus. Centenas de pessoas compareciam aos cultos e mandavam mensagens a pessoas nas cidades vizinhas, exortando-as a também comparecer. O livramento e a liberdade de coração resultavam em semblantes cheios de alegria. Todos transbordavam de amor pelos demais. Missionário com missionário, chinês com chinês e missionário com chinês — todos eram um em Cristo Jesus.

No início de 1909, logo após maravilhosas reuniões na área de Pequim, Jonathan partiu para a Inglaterra, pois a Missão para o Interior da China havia organizado reuniões gerais em Londres. Ele foi levado para ver uma inválida, que era conhecida como grande intercessora. Ela contou-lhe sobre como vinha intercedendo por ele, desde que iniciara as reuniões na Manchúria. Ela lhe entregou seu caderno de orações, e falou-lhe sobre três ocasiões especiais em que Deus a havia constrangido poderosamente a interceder por ele. Quando Jonathan viu as datas no caderno, ficou profundamente comovido. Ele descobriu que aquelas foram as três ocasiões em que Deus havia operado com enorme força e poder na Manchúria![6]

No ano em que passou de licença no Canadá, Jonathan participou de cultos agradáveis, mas no geral foi decepcionante para ele. Ele não encontrou a fome espiritual nem a abertura para o reavivamento. Seus relatos também não tiveram o acolhimento que ele esperava. A caminho da China, participou de conferências extraordinárias na Irlanda do Norte, dez dias no tabernáculo de Charles Spurgeon, em Londres, e uma semana como um dos palestrantes na Convenção de Keswick. Os administradores de Keswick convidaram-no a passar um ano pregando na Inglaterra, concedendo-lhe todo o apoio. Quando Jonathan telegrafou

[6]Ibid., p. 204.

ao seu presbitério na China, solicitando permissão, responderam-lhe que seu campo missionário era na China.

Jonathan ansiava por missionários chineses para ajudar na obra, orava por eles e pelos recursos para mantê-los, pois a junta de missões não tinha intenção de aumentar o orçamento. Os Goforths voltaram felizes ao seu posto e ao ministério. Ele trabalhou incansavelmente até que, por um período de três meses, teve furúnculos e abcessos. O médico disse a Jonathan que ele estava a caminho do túmulo, a menos que descansasse um pouco. Então ele voltou para o Canadá.

Em 1917, Jonathan voltou à China, a fim de dedicar-se parcialmente ao seu posto de trabalho e parcialmente à obra de reavivamento. O liberalismo e o modernismo tornaram-se um problema, então Jonathan se demitiu da junta de missões. Eles generosamente permitiram-lhe que se mudasse para outro local, e o lar dos Goforths foi tomado por um substituto enviado pela junta.

Nos dois anos que se seguiram, os Goforth passaram por vários lugares, permanecendo em média cinco dias em cada um. Ele deu uma palestra para a Aliança Cristã e Missionária sobre a vida cheia do Espírito, e ia a todos os lugares para os quais era convidado. Então veio um convite para realizar reuniões sobre vida espiritual para o exército do general cristão Feng Yuhsiang. Houve um dia em que Jonathan falou para cerca de mil soldados. O marechal chorou quando ele orou pelo país e por ele. Um após o outro, seus oficiais oraram e choraram pela China. Deus concedeu maravilhosas reuniões durante o ano em que Jonathan passou trabalhando com os soldados do exército do general Feng.

Quando a fome de 1920 chegou ao centro-norte da China, mais de 120 mil dólares em fundos de auxílio, levantados pelos Goforths, foram repassados aos necessitados. E mais de três mil chineses foram ganhos para o Senhor. Mas Rosalind também ficou muito doente. A equipe de Goforth era formada por

Rosalind em uma cadeira, enquanto o marido caminhava ao seu lado, pelos evangelistas, por três professoras de Bíblia e pelos animais que carregavam seus pertences. Esse era o cortejo que seguia de um lugar para outro. A região era muito escarpada para carroças. Garotos com bonés patrióticos lideravam o cortejo. Vendedores de rua levantavam-se reverentes à passagem do grupo. Nos lugares em que haviam sido insultados durante a Revolta dos Boxers, eram agora honrados. Tinham públicos grandes e atentos durante o dia e multidões à noite. Milhares de pessoas ouviram o evangelho naqueles dias.

Jonathan voltou para um período de licença no Canadá, somente para descobrir a crise de união que a igreja vivia. Ele passou o verão em reuniões missionárias e convenções nos Estados Unidos.

Jonathan já estava perto dos 68 anos, quando sua comissão o encarregou de voltar à China e abrir novo campo. Rosalind precisava de cuidados médicos, mas não conseguiu conter-se por muito tempo, então eles voltaram para a China. Nos seis meses seguintes, um promissor campo missionário bateu-lhes a porta na cara cinco vezes. Mas pelo menos a porta da Manchúria se abriu. Os dois Goforths, duas mulheres solteiras e um jovem novato abriram um campo em Szepingkai. Começaram com pregações, sete horas por dia. Tinham um colaborador chinês, e outro chinês lhes emprestava dinheiro. No primeiro mês, cerca de duzentos chineses se decidiram por Cristo.[7]

Jonathan teve de extrair um dente com um dentista japonês, mas contraiu uma infecção viral na mandíbula inferior com graves complicações. Durante quatro meses não pôde comparecer à capela. Seu filho Fred veio para a China e datilografou os acontecimentos contados por Jonathan, finalizando o livro intitulado *By my Spirit* [*Pelo meu Espírito*].

[7]Ibid., p. 279.

A essa altura, Jonathan já havia nomeado trinta evangelistas para ajudá-lo na obra. Ele não pedia contribuições financeiras, mas confiava que o Senhor lhes daria o sustento. A missão não fornecia ajuda financeira para o novo trabalho, mas em 1930, quando pediram que os Goforths retornassem ao Canadá para um período de licença e tratamento médico para Rosalind, Deus lhes enviou dinheiro. Eles o usaram para sustentar os colaboradores enquanto estavam fora.

Durante esse período de licença, Jonathan teve de fazer mais de uma intervenção cirúrgica nos olhos, devido a um problema de catarata. Mesmo assim, voltou à Manchúria e realizou campanhas de reavivamento em vários lugares. Durante seis meses, em 1932, realizou encontros de reavivamento em várias partes do campo missionário na China. Também dirigiu poderosas reuniões em Changte, onde ele e sua família tinham vivido muitos anos. Então, em março de 1933, ele teve um deslocamento de retina no olho esquerdo. Indo para Pequim, fez diversas operações durante quatro meses, sem que houvesse melhora. Ele agora estava completamente cego, mas a ajuda de um auxiliar chinês lhe permitiu continuar trabalhando. Problemas financeiros na junta de missões canadense levou ao corte parcial do apoio que davam ao campo missionário, reduzindo-o para 48 dólares por mês. Por fim, as igrejas foram forçadas a se auto-sustentarem.

Jonathan já estava com 75 anos. Ele e a esposa retornaram ao Canadá para um período de licença. A junta agendava reuniões intensas, de oito a dez por semana. Jonathan iniciou o mês de outubro de 1936 com uma agenda lotada de encontros. Na noite de 7 de outubro, pregou uma longa mensagem sobre o reavivamento na Coréia. Quando Rosalind acordou, no dia seguinte, o veterano da cruz de 77 anos de idade estava no céu. Durante os últimos meses de Jonathan, diversas pessoas repararam como a glória de Deus parecia repousar sobre sua face enquanto ele falava. Agora ele estava experimentando a plenitude gloriosa da presença do Senhor.

No funeral de Jonathan, na Knox Presbyterian Church [Igreja Presbiteriana de Knox], o pastor, dr. John Inkster, disse: "Ele era um homem embriagado por Deus — completamente entregue e consagrado. Acima de tudo, era humilde. Foi batizado com o Espírito Santo e com fogo. Era cheio do Espírito porque era vazio de si mesmo — por isso possuía um poder que prevalecia junto a Deus e aos homens. Ele sabia o que significava fazer, no Espírito Santo, uma oração de fé. Parecia-se com Paulo mais que com qualquer outro homem na Bíblia".[8]

[8]Ibid., p. 349.

# 6

## MADAME GUYON

### *Primeira parte:* Evangelista santificada e cheia do Espírito

TALVEZ NENHUM ESCRITOR DO século XVII tenha sentido amor tão fervoroso por Jesus, tenha tido um coração tão crucificado com ele e uma vitória tão estupenda sobre o egocentrismo por meio da santificação pela fé como a mística francesa conhecida como Madame Guyon.

Ela nasceu em 13 de abril de 1648, como Jeanne Marie Bouvières de la Mothe. Seus pais eram aristocratas franceses, além de católicos romanos extremamente devotos e muito respeitados. Jeanne viveu e morreu católica romana, sem ter sido afetada pela Reforma, que começara na Alemanha um século antes. Deus levou-a em sua peregrinação espiritual à experiência da salvação pela fé e posteriormente à santificação pela fé. Ela passou muitos anos encarcerada devido a suas crenças, mas continuou fiel ao Cristo que amava tão apaixonadamente.

Madame Guyon amadureceu na graça pela fidelidade, em meio a grandes sofrimentos, às perseguições e por fim ao cativeiro. Sua vida de santidade influenciou grandemente muitas pessoas na Europa, e seus escritos inspirados afetaram profundamente o arcebispo católico romano Fénelon, os quacres e John Wesley.

Logo após seu nascimento, Jeanne quase morreu de uma grave doença. A partir desse momento, várias vezes ao longo de sua vida Satanás parecia tentar destruí-la fisicamente por meio de doenças, acidentes e ameaças. Seus pais colocaram-na em um convento das ursulinas quando contava apenas dois anos e meio de idade, e a maior parte de sua vida, até seu casamento, foi passada em diversas instituições católicas. Quando estava em casa, sua mãe passava pouquíssimo tempo com ela, deixando-a a cargo dos criados. Uma meia-irmã, que tinha mais idade e era freira, dedicou-lhe amor especial e ensinou-lhe sobre Deus.

Com quatro anos de idade, Jeanne desejava ser mártir cristã, e as freiras se divertiam, dizendo que iriam sacrificá-la para Jesus. Elas chegaram a segurar uma espada sobre sua cabeça, enquanto Jeanne se ajoelhava sobre um pano. Ela implorava para ir para casa, mas logo ficava novamente doente. Quando já estava com quase sete anos, foi colocada em outro convento. Jeanne orava em uma pequena capela dedicada ao menino Jesus, e às vezes jejuava durante o café da manhã e colocava sua comida atrás da imagem de Jesus, a fim de agradá-lo.[1]

Aos nove anos, Jeanne quase morreu de hemorragia. Foi removida para outro convento, onde ficava completamente abandonada, vindo a emagrecer bastante. Passava quase todo o tempo lendo uma Bíblia que havia achado, e começou a decorar grande parte dela.

Quando estava com onze anos de idade, Jeanne era alta e bela para sua idade. Sua mãe a vestia esplendorosamente, e vários pretendentes pediram-na em casamento, apesar da tenra idade. Seu pai recusava. Um primo, a caminho do campo missionário na China, visitou sua casa, e ela ficou extremamente impressio-

[1]Abbie C. MORROW, *Sweet-smelling myrrh*, Cincinnati: God's Revivalist Office, s.d., p. 174

nada. Quando podia, ela passava o dia inteiro lendo e orando. Escreveu o nome de Jesus em um pedaço de papel, e com fitas e um alfinete prendeu-o ao peito, conservando-o por longo tempo.

## UM CASAMENTO TRÁGICO

No início da adolescência, Jeanne passou por altos e baixos espirituais. Sua família mudou-se para Paris quando ela tinha quinze anos de idade, imergindo na moda, na cultura e na alegria da cidade. Jeanne era alta, bela, polida e muito sociável. Sua mente brilhante atraía as pessoas. Muitos homens procuraram casar-se com ela, e, quando ela estava com dezesseis anos de idade, seu pai forçou-a a casar-se com um homem de 38 anos, rico e da alta sociedade, chamado Jacques Guyon. Jeanne não teve escolha, nem mesmo o conheceu, senão alguns dias antes do casamento.

Jeanne foi morar com a sogra, que governava a casa, incluindo o marido de Jeanne, como uma tirana. Jeanne vivia reprimida de manhã à noite, pressionada a ficar quieta e vigiada pela sogra. Sua nova família desprezava seus modos refinados. Raramente lhe era permitido visitar os pais, e, quando voltava, era criticada pela invejosa sogra, que tentava irritá-la de todas as formas possíveis.

Jacques e Jeanne tiveram cinco filhos.

Logo após o casamento, porém, Jacques caiu doente. Jeanne foi impedida de cuidar dele, e uma enfermeira foi contratada. Ela ficava do lado da sogra e contra Jeanne. Jacques nunca se restabeleceu completamente e morreu doze anos depois.

Em meio a esse casamento infeliz, um piedoso franciscano veio à região de Jeanne "buscar almas". Ela contava então vinte anos de idade. Numa conversa, ela lhe contou sobre suas lutas e os anseios de seu coração. Deus usou as palavras do religioso para levá-la à experiência do novo nascimento pela fé em Cristo, em 22 de julho de 1668.

A situação de Jeanne não se alterou, mas a paz de Deus inundava seu coração. Ao ver sua vida transformada, os amigos da sociedade a ridicularizavam e perseguiam. A sogra tornou-se mais cruel que nunca e até obteve relativo sucesso em voltar Jacques contra Jeanne. Ela sofria em silêncio. Ainda lutava contra a altivez no coração e contra o gosto em atrair a atenção dos outros. Em alguns eventos sociais para os quais ela e o marido eram convidados, ela participava demasiadamente do espírito mundano dos convivas e mais tarde chorava diante de Deus. Por três meses ela não sentiu a presença de Deus.

Jeanne pediu a Deus que lhe tirasse o orgulho, a qualquer preço. Deus respondeu, deixando-a contrair varíola. A sogra deixou-a sem assistência até que estivesse à beira da morte. Por fim, ela se recuperou, mas sua elogiada beleza fora destruída pelas cicatrizes da doença. Ela alegrou-se com isso, imaginando que agora dominaria o orgulho. A partir de então, Deus começou a ajudá-la a escrever poesias religiosas.

O filho favorito de Jeanne contraiu a doença e morreu. A morte do filho foi sucedida pelo falecimento do pai, e alguns dias depois, de uma filha. O aniversário do novo nascimento de Jeanne se aproximava. Uma amiga muito querida, freira devota, escreveu-lhe sugerindo que observasse seu aniversário espiritual de forma especialmente consagrada, com oração, caridade e uma aliança matrimonial com Jesus. A freira preparou um documento para a ocasião.

Embora esse contrato de consagração possa parecer estranho para nós, Deus utilizou-se desse recurso inusitado para levá-la a uma experiência de santificação pela fé. Temos abaixo uma cópia da aliança matrimonial que ela copiou, assinou e selou com seu anel:

22 de julho de 1674

Eu, a partir deste momento, tomo Jesus para mim. Prometo recebê-lo como marido. E me entrego a ele, embora seja indigna de ser

sua esposa. Peço-lhe, neste casamento de espírito com espírito, que eu tenha uma mente como a dele — mansa, pura, altruísta e de acordo com a vontade de Deus. Comprometo-me, ao tornar-me sua, a aceitar, como minha porção neste casamento, as tentações e tristezas, as cruzes e tribulações que ele suportou.

Jeanne M. B. de la Mothe Guyon.[2]

Por essa época, um grupo de homens havia tramado um plano diabólico para extorquir grande soma de dinheiro de Jacques Guyon. No grupo, estava o irmão mais velho do rei da França e meio-irmão de Jeanne, padre La Mothe. Seu marido temia de tal forma o membro da família real, que se recusou a lutar. Jeanne, entretanto, após longo período de oração, compareceu perante o juiz no dia do julgamento e explicou tudo de forma tão clara que o juiz solucionou o caso e isentou o sr. Guyon.

Isso agradou imensamente o marido, pois lhe poupou enorme soma de dinheiro. Eles viveram felizes durante os últimos meses de vida do marido. Ela ficou ao lado dele dia e noite, em seus últimos 24 dias. Jeanne enviuvou aos 28 anos de idade, com três filhos. Tentou reconciliar-se com a sogra, mas não obteve sucesso. Então mudou-se com os filhos para uma pequena casa, e jamais tornou a ter notícias da sogra.

## UMA EXPERIÊNCIA MAIS PROFUNDA

Certo dia, dois anos após sua conversão, enquanto Jeanne e seu criado atravessavam uma ponte próxima à catedral de Notre Dame, em Paris, um monge pobre subitamente juntou-se a eles e começou a falar de coisas espirituais. Ele parecia conhecer a história, as virtudes e os defeitos dela. Jeanne disse: "Ele fez-me entender que Deus não requer apenas um coração que possa ser

[2]Thomas C. Upham, *Life, religious opinions and experience of Madame Guyon*, Londres: Allenson, p. 94-5.

considerado perdoado, mas um coração que possa, em certo sentido, ser corretamente denominado *santo*; que isso não era o suficiente para escapar do inferno, mas que Deus também exigia a sujeição das iniqüidades de nossa natureza e a mais absoluta pureza e engrandecimento da conquista cristã".[3]

Jeanne declarou: "O Espírito de Deus dá testemunho do que ele disse. As palavras desse extraordinário homem, que eu jamais vira antes e a quem nunca tornei a ver, penetraram em minha alma". Ela resolveu: "A partir deste dia e desta hora, se possível for, pertencerei inteiramente ao Senhor. O mundo não terá mais nenhuma parte de mim".[4] Foi nessa época que ela pareceu ter tido a experiência da santificação pela fé.

## TREVAS E PROVAÇÕES

Cerca de dois anos antes da morte de Jacques, Jeanne adentrou um período de seis anos de tristezas, vazio, trevas e provações. Ela perdeu a percepção da presença de Deus, e enquanto passava pela "escura noite da alma", teve de apoiar-se apenas na fé. Nenhum conselheiro religioso parecia capaz de compreendê-la ou ajudá-la.

Depois de quase sete anos, Jeanne sentiu-se impelida a escrever sobre seu caso ao padre La Combe, amigo de seu irmão que lhe fora apresentado alguns anos antes. Ele lhe explicou a diferença entre tristeza e pecado. Deus estava retirando todo o suporte terrenal, mas não a havia abandonado. Ela ainda não se sentia satisfeita. Em julho de 1680, escreveu ao padre La Combe, pedindo-lhe que fizesse de 22 de julho, aniversário de seu novo nascimento, um dia separado para orar por ela. Ele orou e jejuou naquele dia, como ela havia pedido. Deus respondeu à oração e retirou as trevas, e ela pôde então viver como em Gálatas

[3]J. Gilchrist LAWSON, *Deeper experiences of famous Christians*, Anderson: Warner Press, 1911, p. 97.

[4]Ibid., p. 98.

2.20: "Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim".

Certo dia, em uma igreja, Jeanne foi abordada por um padre que lhe disse:

— Faça o que Deus lhe deu a conhecer.

— O que mais Deus poderia querer de mim, além de tomar corretamente conta de meus filhos? — ela perguntou.

Ele respondeu que não conhecia o caso dela, mas que ela deveria estar disposta a deixar os filhos, se fosse necessário, para fazer a vontade de Deus.

Durante o resto da vida de Jeanne, seu meio-irmão, padre La Mothe, tentou dominá-la e obter sua fortuna para uso próprio. Ele espalhava boatos sobre ela de tempos em tempos, acusava-a de heresia diante das autoridades católicas e fazia de tudo para colocá-la sob seu poder. Jeanne evitou-o, escapando com a filha de seis anos de idade, uma piedosa mulher e dois criados. Ela deixou os outros filhos sob os cuidados de uma pessoa que os educaria. Jeanne partiu de Paris em julho de 1681 e deu início ao último período de sua vida, que até sua morte foi errante e marcada por prisões, perseguições e exílio.

## DEUS ABRE UM MINISTÉRIO MAIS AMPLO

A primeira parada de Jeanne foi em um convento em Gex, cidade francesa próxima à fronteira suíça. Ela não estava certa sobre o que Deus queria que ela fizesse, mas pensou que talvez fosse a produção e aplicação de pomadas nos enfermos e necessitados. O único desejo que havia em seu coração era fazer a vontade de Deus. Estava tão absorta na paz e na alegria de sua experiência cristã que nem mesmo pensava em como deveria chamá-la. Aos poucos, Deus mostrou-lhe que era a santificação pela fé.

Deus começou a levar pessoas espiritualmente famintas até Jeanne, e ela logo viu-se dando aconselhamento do início da

manhã até tarde da noite. O padre La Combe, que havia sido uma bênção tão grande em sua vida, foi visitá-la. Deus mostrou a ela que ele não estava em santificação. Ela pôde, após certo período, levá-lo à certeza da maravilhosa experiência da santificação: pureza interior, purificação e poder, sem ira nem ressentimento. A partir de então, ele passou a ser seu amigo e defensor, mesmo quando todos se voltaram contra ela.

La Combe pregou intrepidamente a "nova doutrina", apesar de as autoridades católicas não acreditarem na salvação pela fé, muito menos na santificação pela fé.[5] La Combe foi investigado pela igreja e estigmatizado como herege. Não obstante, ele não temeu e continuou pregando. Por isso, os opositores de Jeanne a cercaram, até ela ter de partir com a filha e hospedar-se em outro convento. Ela ficava absorta na Palavra de Deus durante vários dias. Jeanne já havia decorado grande parte dela.

A respeito de sua nova experiência, Jeanne escreveu: "Fui, por assim dizer, reconduzida à vida perfeita, e completamente liberta [...] Ele retornou a mim com pureza e glória indizíveis [...] Obtive tal harmonia com a vontade de Deus que agora poderia dizer que não possuo apenas a consolação, mas o Deus da consolação; não apenas a paz, mas o Deus da paz".[6]

Ela acrescentou: "Como um coração em santidade está sempre em harmonia com a providência divina, não tenho nenhuma vontade além da vontade divina". E ainda: "Uma característica desse mais profundo nível de experiência com Deus é a sensação de pureza interior. Minha mente desfruta tamanha união com Deus e tamanha unidade com a natureza divina que nada parece poder arruiná-la ou diminuir sua pureza".[7]

[5]MORROW, *Sweet-smelling myrrh*, p. 174.
[6]UPHAM, *Life, religious opinions and experience of Madame Guyon*, p. 126.
[7]Ibid., p. 130.

Um escritor disse:

> Sua alma estava tomada pelas chamas da unção e do poder do Espírito Santo. Em todos os lugares, era assediada por multidões de almas sedentas e famintas, que afluíam para ela em busca do alimento espiritual que não conseguiam com seus pastores habituais. Surgiam reavivamentos religiosos em quase todos os lugares que ela visitava, e por toda a França cristãos sinceros começavam a buscar essa experiência mais profunda ensinada por ela. O padre La Combe começou a espalhar a doutrina com grande unção e poder. Então o arcebispo Fénelon foi levado a uma experiência mais profunda, por meio das orações de Madame Guyon, e também começou a espalhar esse ensinamento por toda a França.[8]

Madame Guyon levou muitas pessoas a abandonarem o materialismo e a iniqüidade e a consagrar a vida inteiramente a Deus. No entanto, líderes católicos e padres mundanos condenavam seus ensinos e se recusavam a andar na luz. Eles começaram a perseguir Madame Guyon, o padre La Combe, o arcebispo Fénelon e todos os que ensinavam a "nova doutrina" de "puro amor", ou a "completa morte do egocentrismo".[9]

[8]LAWSON, *Deeper experiences of famous Christians*, p. 103.
[9]Ibid.

# 7

## MADAME GUYON

### *Segunda parte:* Escritora inspirada

DEUS USOU PODEROSAMENTE a caneta de Madame Guyon. Somente seus comentários espirituais sobre a Bíblia preencheram vinte volumes. Seus poemas eram grandes bênçãos para muitas pessoas, sendo freqüentemente citados. Correspondia-se com muitas pessoas, aconselhando-as e conduzindo-as à vitória espiritual. Quando o fim da vida de Madame Guyon já estava próximo, o padre La Combe insistiu em que ela escrevesse sua autobiografia.

Madame Guyon escreveu um tratado chamado *Método breve de oração*, que uma autoridade católica viu sobre a escrivaninha dela, pediu para ler e então publicou. Foi amplamente distribuído, uma vez que havia corações famintos por toda parte. Um grupo de monges andarilhos comprou 1 500 cópias para distribuir. Então, a Igreja Católica considerou-a herege, e ela teve de fugir para a Itália. Fisicamente debilitada, ela, sua filha e duas criadas que ela havia conduzido ao Senhor foram carregadas em liteiras com as cortinas fechadas por traiçoeiros caminhos montanhosos.

Madame Guyon refugiou-se por três meses na casa de uma mulher pertencente à nobreza, em Turim, Itália. Deus então a fez voltar pelo mesmo caminho perigoso até Grenoble, França. Ela não suportava permanecer escondida e logo, tal qual nos lugares em que já havia estado, estava orando e aconselhando uma enxurrada de almas famintas que vinha até sua porta. Utilizou parte de sua fortuna para fundar um pequeno hospital. Em pouco tempo, a oposição tornou-se tão perigosa que ela se viu obrigada a fugir para Marselha.

O navio em que viajava Madame Guyon naufragou, mas ela escapou com vida. Depois de apenas oito dias, foi forçada a voltar à casa de sua amiga, a marquesa de Purnai, em Turim. Ela conseguiu chegar a Nice de liteira, mas os homens recusaram-se a continuar o transporte. Ela seguiu pelo mar, em uma tentativa de vencer parte do caminho até Turim, mas um terrível temporal transformou uma viagem de barco de um dia em terrível tempestade de sete dias. Ela então seguiu por terra, mas foi atacada por um bando de assaltantes.

Quando o bispo de Verceil tomou conhecimento de que Madame Guyon havia chegado à cidade, recepcionou-a, pondo-a temporariamente na casa de sua sobrinha, onde a marquesa veio visitá-la. Madame Guyon mais uma vez ficou seriamente doente. Foi obrigada a retornar a Paris, onde se reuniu com a filha de nove anos e sua governanta, que fora como uma filha espiritual em Grenoble. Ela finalmente chegou a Paris em 22 de julho de 1686, aniversário de seu nascimento espiritual.

Em Paris, Madame Guyon alugou uma casa e reuniu os três filhos. Seus escritos agora já eram conhecidos por toda a França. Pessoas espiritualmente sedentas voltaram a pro-curá-la, sobretudo muitas damas da nobreza. O padre La Combe continuava a pregar a "nova doutrina" da santificação pela fé. O meio-irmão de Madame Guyon fez-lhe oposição, e o padre La Combe foi preso e encerrado na Bastilha, dentre muitos

outros lugares, passando aprisionado 27 anos, até sua morte.[1]

Menos de três meses após a prisão do padre La Combe, o meio-irmão de Madame Guyon condenou-a como herege, e ela ficou presa nove meses. Uma de suas amigas, sendo íntima da rainha, apelou a favor de Madame Guyon, e o rei determinou sua libertação. Ela passou a aconselhar as damas da nobreza em Paris, e era com freqüência recebida pela rainha no palácio de Versalhes. Sua filha casou-se com um homem de família piedosa, e ela viveu dois anos com a filha.

Em 1692, Madame Guyon alugou uma casa em Paris, passando a aconselhar os que buscavam auxílio espiritual. Ela novamente foi perseguida e interrogada por bispos e arcebispos, que tentavam provar que ela era herege. Nesse período de grande tensão, ficou seriamente doente durante quarenta dias.[2]

## OS ANOS NO CATIVEIRO

Madame Guyon ficou presa seis meses em Meaux, sendo então libertada. Em 27 de dezembro de 1695, foi novamente presa, junto com sua fiel governanta. Elas foram levadas para Vincennes.[3] Madame Guyon compunha hinos religiosos, e sua governanta os memorizava. Depois de um ano, foram levadas a uma prisão em Vaugirard, onde permaneceram por dois anos. O tratamento dispensado a Madame Guyon era cada vez mais rude. Em 1698, foi confinada em isolamento em uma masmorra da Bastilha, onde foi mantida por quatro anos. Seus inimigos a envenenaram na prisão, e ela sofreu os efeitos do veneno por muitos anos.

[1]Abbie C. MORROW, org., *Sweet-smelling myrrh*, Cincinnati: God's Revivalist Office, s.d., p. 174.

[2]Ibid., p. 48.

[3]Ibid., p. 189.

Madame Guyon certa vez declarou: "Enquanto era prisioneira em Vincennes, encontrava-me em absoluta paz. Entoava louvores de júbilo, que a governanta que me acompanhava havia decorado com a mesma rapidez com que eu os havia composto. Juntas, cantávamos louvores a ti, meu Deus! As pedras de minha prisão pareciam rubis, eu as apreciava mais que o vistoso brilho do mundo vão. Meu coração era cheio da alegria que dás àqueles que te amam, em meio às maiores tribulações".[4] A seguir, uma das músicas que ela compôs:

### DEUS ESTÁ AQUI

Fortes são os muros ao meu redor,
que me guardam por todo o dia;
mas eles, que dessa forma me aprisionaram.
Não podem manter Deus afastado:
até os muros de minha masmorra são queridos
porque o Deus que amo está aqui.

Os que me oprimem sabem
que é difícil ficar só;
mas não sabem que Deus me pode abençoar,
vindo por entre as grades e pedras.
Ele faz as trevas de minha masmorra resplandecerem,
enchendo meu coração de prazer.

Em 1702, quando já contava 54 anos de idade, Madame Guyon foi libertada. Ela obteve permissão para visitar sua filha, a condessa de Vaux. Após uma curta visita, foi enviada ao exílio em Blois, que distava 160 quilômetros de Paris, pelo resto de sua vida. Ela faleceu ali, em 9 de junho de 1717, aos setenta anos de idade.

[4]Ibid., p. 190.

## ENSINADA PELO ESPÍRITO E INSPIRADA EM SEUS ESCRITOS

A comunhão entre Madame Guyon e Cristo era tão íntima e carinhosa e sua alegria e paz tão transbordantes que às vezes sua cela parecia um palacete. Muitos de seus livros e poemas — sessenta volumes ao todo — foram escritos enquanto estava na prisão. Alguns de seus poemas foram traduzidos para o inglês por William Cowper.

Sobre sua produção literária, ela dizia:

> Fui inspirada a ler as Sagradas Escrituras de forma especial. Quando comecei, sentia-me impelida a ler uma passagem, e imediatamente recebia sua interpretação. Eu a escrevia, seguindo em frente com uma celeridade inconcebível. Antes de escrever, eu não sabia o que estava para colocar no papel. Após ter escrito, não me lembrava de nada do que havia composto nem conseguia utilizá-lo no auxílio de outras almas, mas Deus me concedia, no momento em que lhes falava, sem que houvesse tempo para refletir, todo o necessário. Dessa maneira, o Senhor fez-me prosseguir na explicação do sentido intrínseco e sagrado das Escrituras. Eu não possuía outros livros além da Bíblia. Ao escrever sobre o Antigo Testamento, utilizava-me de passagens neotestamentárias sem que fosse preciso procurá-las. Eu as recebia junto com a explicação. Também, ao escrever sobre o Novo Testamento, utilizando-me no processo de passagens veterotestamentárias, estas eram-me dadas da mesma forma. O tempo de que dispunha para escrever era escasso e restringia-se ao período da noite, restando-me apenas uma ou duas horas de sono. O Senhor fez-me escrever com tanta pureza que era obrigada a parar ou recomeçar conforme ele determinava. Nesse aspecto, ele me pôs à prova de todas as maneiras...[5]

[5]Ibid., p. 156,7.

Eu continuava escrevendo com uma velocidade espantosa, pois a mão mal podia acompanhar a rapidez com que o Espírito ditava. O copista não conseguia transcrever em cinco dias o que eu escrevia em uma noite. Tudo o que há de bom nisso vem somente de Deus. Tudo o que foge a essa virtude procede de mim mesma. Durante o dia, eu mal tinha tempo de comer, por causa do grande número de pessoas que se amontoavam ao meu redor. Escrevi sobre Cantares em um dia e meio, além de receber várias visitas.

Grande parte do comentário sobre o livro de Juízes foi perdida. Desejando fornecer o livro completo, reescrevi as partes perdidas. Mais tarde, elas foram encontradas. Verificou-se então que as explicações que dera antes e depois estavam perfeitamente coerentes entre si, o que surpreendeu grandemente pessoas de grande conhecimento e mérito, que testaram a verdade disso.

Um conselheiro do Parlamento, servo de Deus, ao encontrar sobre minha mesa um tratado sobre oração que escrevera havia muito, pediu-me que lhe emprestasse. Ele, por sua vez, o emprestou a amigos a quem imaginou que seria útil. Todos queriam cópias, por isso ele decidiu imprimir. Fui solicitada a escrever um prefácio, e dessa forma o pequeno livro foi impresso — o mesmo que tem feito tanto barulho e servido de pretexto para várias perseguições. Esse conselheiro era um de meus íntimos amigos em Cristo. O livro foi editado cinco vezes, e nosso Senhor o tem abençoado grandemente. Aqueles virtuosos monges pegaram 1 500 deles.[6]

Estava espantada comigo mesma. Não havia nada para o qual eu não estivesse apta ou no qual não fosse bem-sucedida. Os que observavam isso diziam que eu possuía uma capacidade prodigiosa. Sou consciente de que possuía habilidades medíocres, mas em Deus meu espírito desfrutava uma qualidade que nunca possuíra.

[6]Ibid., p. 158,9.

> Experimentei um pouco da situação dos apóstolos, após terem recebido o Espírito Santo.[7]

Madame Guyon sentia uma união quase mística entre sua vontade e a vontade de Deus, vivendo o desejo de Jesus, de que seu povo fosse um com ele e com o Pai (Jo 17.21).

## ATAQUES DE SATANÁS

Satanás não apenas levou Madame Guyon a enfrentar graves acidentes, mas às vezes lhe aparecia em visões assustadoras, sacudia sua cama por até quinze minutos ininterruptos e quebrava objetos em seu quarto.[8] Ainda assim, ela calmamente seguia em sua vida de oração e obediência. Apesar de um manuseio descuidado e às vezes deliberadamente negligente de seus papéis e descobertas nas mãos de outras pessoas, Deus, em uma série de espantosos feitos da providência, protegia-os e devolvia-os a ela.

## A ORDEM DE FÉ

Madame Guyon ficou presa por um total de dez anos, sendo então exilada. Ainda assim, recusava-se a deixar de conduzir os outros à maravilhosa salvação que tinha em Cristo. Deus algumas vezes honrou sua fé, e as pessoas por quem ela orava eram curadas. Ela fazia uma oração de fé e então pela fé ordenava que a doença se fosse, o que muitas vezes trazia resultados instantâneos para os que correspondiam com fé.

Ela também foi curada pela fé. Certa vez, quando estava violentamente enferma e se contorcia de dor, o padre La Combe foi visitá-la, achando que iria morrer. De repente, ela sentiu-se

[7]Ibid., p. 109.
[8]Ibid., p. 116.

levada a erguer a mão e ordenar que a morte a abandonasse. Foi curada instantaneamente.

## UNGIDA PARA O MINISTÉRIO

Algumas vezes, Madame Guyon abandonou-se completamente nas mãos de Deus, recusando-se a fazer planos para si. Deus orientava seus amigos em Cristo a dizer-lhe o próximo passo a tomar e proporcionava contatos e pregações a centenas de pessoas. Quando viúvas, criadas, homens mundanos, padres, monges e até bispos vinham a ela, Deus dava-lhe o discernimento de suas necessidades e as palavras que devia falar.

Quando os que vinham eram espiões, fingindo-se fiéis, Deus revelava a Madame Guyon seus verdadeiros propósitos e fechava-lhe a sua boca, de forma que ela não conseguia falar uma palavra sequer. Eles saíam zombando e chamando-a de tola, incapaz até mesmo de falar. Tão-logo se retiravam, Deus lhe abria a boca, e ela continuava a orar e a pregar aos outros.

## ENSINANDO AS PESSOAS A ORAR

Madame Guyon ensinou muitas pessoas, inclusive jovens mulheres, esposas trabalhadoras espancadas pelo marido, a orar a Deus com o coração.[9] Os padres e monges ficavam tão irados com ela que proibiam o povo de orar. Diziam que a oração era somente para o clero e que se recusariam a lhes perdoar os pecados, a menos que parassem de orar. Alguns monges fizeram campanha contra Madame Guyon, ordenando que seus livros sobre oração fossem trazidos ao centro das cidades e queimados em público. Os cidadãos testemunhavam a transformação na vida das pessoas que oravam e rebelaram-se até que o bispo se posicionasse, dizendo que os monges haviam ido longe demais.

[9]Ibid., p. 151.

Nesse ínterim, Deus enviou outros monges a Madame Guyon, e ela pôde conduzi-los a Cristo. Até mesmo autoridades superiores da mesma irmandade católica dos monges foram completamente transformadas. Um dos principais dentre eles, que era monge havia quarenta anos, disse que o livro de Madame Guyon lhe havia ensinado a orar.[10] Certa ocasião, ela listou entre seus mais recentes "filhos" em Cristo "um grande número de freiras, jovens virtuosas, homens mundanos, sacerdotes, monges, três párocos, um cônego e um vigário". Ela poderia ter acrescentado vários bispos e arcebispos.

## UMA VIDA DE CONTENTAMENTO

Madame Guyon escreveu um poema chamado *A litle bird I am* [*Sou um passarinho*], enquanto estava presa na masmorra da Bastilha. O poema expressa seu contentamento com a vida, independentemente da situação enfrentada. Nele, lemos:

Sou um passarinho,
encarcerado e longe dos campos.
E em minha gaiola me sento e canto
para aquele que aqui me colocou.
Satisfeita em ser prisioneira
porque isso agrada ao meu Deus!

Como não tenho mais nada a fazer,
canto o dia inteiro.
E ele, a quem mais amo agradar,
ouve minha canção.
Ele tomou e atou minhas asas esvoaçantes,
e ainda se curva para me ouvir cantar.

[10]Ibid., p. 155.

Tens ouvido para ouvir,
e um coração para amar e abençoar.
E, embora minhas notas fossem sempre tão rudes,
não lhes darias menos atenção.
Porque, enquanto elas são proferidas, tu o sabes
que é o mais doce e tenro amor que as inspira.

Minha gaiola me confina,
e não posso voar para fora.
Mas, ainda que minhas asas estejam fortemente atadas,
meu coração está livre.
Os muros de minha prisão não podem controlar
o vôo, a liberdade da alma.

Oh, é bom pairar
acima dessas trancas e grades,
em direção a ele, cujo propósito adoro,
cuja providência amo,
e em tua poderosa vontade encontrar
a alegria e a liberdade da mente.[11]

Apesar de seus constantes sofrimentos e anos na prisão e de poucas vezes ter podido orar com os que partilhavam sua doutrina e seu compromisso, Madame Guyon, ou Jeanne Marie Bouvières de la Mothe, tornou-se uma das maiores líderes cristãs de todos os tempos. A história de sua vida, seu hinos e seus livros influenciaram milhares de pessoas ao longo de três séculos.

[11]Ibid., p. 192.

# 8

# FRANCES RIDLEY HAVERGAL

*Escritora e cantora cheia do Espírito*

FRANCES RIDLEY HAVERGAL NASCEU em 14 de dezembro de 1836, de piedosos pais ingleses. Seu pai era ministro da Igreja da Inglaterra e exímio músico e compositor. Ela foi a caçula de seis filhos, uma criança bela e vivaz de cachos dourados, a favorita da família. Ela adorava fazer travessuras e subir em árvores; era muita ativa.

## CRIANÇA PRECOCE

Frances era precoce, tanto mental quanto espiritualmente. Gostava de sentar-se no colo do pai enquanto ele lia a Bíblia, e adorava cantar louvores. O afortunado lar era abençoado pelas orações, modos joviais, bons exemplos e amor de ambos os pais.

Aos três anos de idade, Frances já lia livros mais simples. Aos quatro, era fluente na leitura da Bíblia e na escrita. Aos sete, escrevia poesias. Começou também a estudar outros idiomas em tenra idade e com o tempo tornou-se proficiente em alemão, francês, grego, hebraico, italiano, latim e galês.

Frances foi profundamente convencida do pecado aos seis anos de idade, mas não contou a ninguém durante dois anos. Em vez disso, buscou refúgio na Palavra de Deus e na oração. Aos oito, conversou com um ministro sobre suas necessidades espirituais, mas ele não a conduziu ao Senhor, disse-lhe apenas que fosse uma boa garotinha e orasse. Durante mais cinco anos, ela viveu convencida de seu pecado, amando ao Senhor, mas sem ter a certeza da salvação. Durante esse período, quando Frances estava com doze anos, sua mãe morreu. As últimas instruções que sua mãe lhe deu, quando já estava para morrer, foram: "Ore para que Deus a prepare para o que ele tem para você".

Antes que Frances completasse catorze anos, foi posta em um internato para meninas na Inglaterra dirigido por uma mulher piedosa. Um reavivamento irrompeu na escola. Muitas das garotas nasceram de novo e ficavam tão felizes que "o rosto delas cintilava com um brilho celestial".[1] Frances sentia-se mais profundamente condenada por seus pecados do que nunca, pois ainda não estava convicta de sua salvação, embora orasse ardentemente. Um dia, Frances confidenciou sua situação a uma amiga, Caroline Cooke, que mais tarde veio a ser sua madrasta. A senhorita Cooke insistiu em que Frances se entregasse imediatamente a Jesus. Frances de súbito a deixou, correu escada acima e caiu de joelhos. Ela finalmente descobriu o segredo.

Confiou completamente em Jesus, e transbordava de certeza e júbilo. Certa vez, escreveu: "A partir daquele instante, os céus e a terra pareciam brilhar — depositei minha confiança no Senhor Jesus".[2]

A partir daquele momento, Frances tornou-se uma ousada testemunha de Jesus por onde quer que fosse. Quando passou a

[1]J. Gilchrist LAWSON, *Deeper experiences of famous Christians*, Anderson: Warner Press, 1911, p. 314.

[2]Ibid., p. 315.

freqüentar um internato particular na Alemanha, era a única garota renascida ali e teve de enfrentar perseguição por parte das "mundanas". Ela testemunhava e orava em uma campanha solitária pela salvação das outras meninas. Aos dezessete anos, sua educação formal estava completa.

Aos 22, Frances já havia memorizado todos os evangelhos, epístolas, Apocalipse, Salmos e Isaías. Mais tarde, memorizou os profetas menores.

## POETA, CANTORA E INSTRUMENTISTA

Frances pedia ao Senhor que a guiasse e inspirasse em seus escritos, para dar-lhe cada palavra e até mesmo a rima de sua poesia. Deus a inspirava repetidamente. Seu espírito meigo era notório às pessoas, e a profunda espiritualidade de tudo o que escrevia deu-lhe um ministério extremamente solicitado. Ela enviou alguns de seus poemas a revistas cristãs, e o pai compôs melodias para alguns deles. Frances também foi compositora. Era pianista singularmente talentosa e interpretava a obra de Handel, Beethoven e Mendelssohn sem precisar ler a partitura. Solista contralto, cantava em concertos filarmônicos, para o deleite e aplauso das multidões, mas ainda assim comprometia-se a somente cantar músicas sacras, que entoava para a glória de Deus.

Aos 21 anos de idade, ao contemplar em uma galeria de arte em Dusseldorf, Alemanha, a famosa pintura de Cristo de Albrecht Dürer, *Ecce homo* [*Contemple o homem*], ficou tão profundamente comovida, que escreveu o adorável hino:

Morri na cruz por ti:
Morri pra te livrar!
Meu sangue, ali, verti,
E posso te salvar.

Morri! morri na cruz por ti:
— Que fazes tu por mim?

Morri! morri na cruz por ti:
— Que fazes tu por mim?

Vivi assim por ti,
Em dor, em dissabor,
E tudo fiz aqui
Pra ser teu Salvador.

Sofri na cruz por ti,
A fim de te salvar.
A vida consegui,
Que tu irás gozar.

Eu trouxe a salvação,
Dos altos céus louvor.
É certo meu perdão,
É grande o meu amor![3]

## O TESTEMUNHO CONSTANTE

Frances valia-se de todas as oportunidades possíveis para testemunhar. Certa manhã, nos Alpes, encontrou um lugar tranqüilo ao lado de um riacho que descia a montanha. Começou a escrever um poema sobre Deus, mas disse ao Senhor que estava desejosa de escrevê-lo se ele não tivesse mais nada para ela fazer. Havia escrito apenas as primeiras quatro linhas do poema, quando um trabalhador rural parou ao seu lado para beber água no riacho. Ela começou a falar-lhe sobre a Água da Vida. Poucos minutos depois, os dois filhos do homem chegaram por entre os arbustos e sentaram-se ao lado do pai, ouvindo-a partilhar o evangelho. Assim que os três partiram, ela retomou o poema, mas não havia escrito duas linhas quando um dos garotos retornou, agora com sua irmã, para que ela também ouvisse o evangelho.

[3]Morri na cruz por ti, Harpa Cristã, Rio de Janeiro: CPAD, s. d., hino n. 569.

## CHEIA DO ESPÍRITO

Por vários anos Frances desejou uma experiência cristã mais profunda, plena e rica. Orava e ansiava ser preenchida pelo Espírito Santo. Em 1865, escreveu: "Oh, que ele faça de mim um vaso consagrado, digno de ser usado pelo Mestre!". Em todos os lugares por onde ia, ansiava pela experiência mais profunda que via retratada na Palavra de Deus.

Sua irmã, Maria, conta como Frances finalmente recebeu o completo poder e a purificação de uma vida cheia do Espírito Santo. No final de 1873, quando Frances estava com 37 anos, alguém lhe enviou um livreto intitulado *All for Jesus* [*Tudo para Jesus*], que descrevia a experiência espiritual plena que ela desejava. Sobre isso, Maria escreveu:

> Ela era consciente de que por muitos anos vinha amando ao Senhor e regozijando-se em seu serviço, mas sua experiência não era completa. Não ía além de uma conversa ou de uma caminhada consagrada a Deus, como o esplendor constante e o contínuo deleite na vida separada para Deus. *Tudo para Jesus*, ela descobriu, tratava objetivamente da necessidade e do anseio de sua alma. Ao escrever uma carta em resposta ao autor, ela disse: "Há muito tempo anseio por um ensino mais profundo e pleno em meu coração. *Tudo para Jesus* tocou-me profundamente [...] Sei que amo a Jesus, e existem momentos em que sinto esse amor com tanta intensidade que não tenho palavras para descrevê-lo. Também me regozijo nele como meu 'Mestre' e 'Soberano', mas quero aproximar-me ainda mais, ver em minha vida a concretização de João 14.21 e conhecer 'o poder de sua ressurreição', mesmo que venha a participar de seus sofrimentos. E tudo isso, não somente para minha alegria, mas também para a alegria de outros [...] Pois quero que Jesus fale comigo, que me diga 'muitas coisas', para que eu possa falar por ele aos outros com verdadeiro poder. Não é o conhecimento de doutrinas, mas *estar com* ele que trará isso".[4]

[4]*Deeper experiences of famous Christians*., p. 318,9.

Um dos famosos hinos compostos por Frances destaca seus sentimentos:

Senhor, fala comigo, para minha voz,
ecoar com vivacidade tua verdade.
Como tu buscaste, deixa-me buscar
teus filhos enganados, perdidos e solitários.

Ó, usa-me, Senhor, usa sempre a mim,
conforme tua vontade, onde e quando quiseres.
Até que eu veja tua bendita face,
teu repouso, tua alegria, tua porção gloriosa.

Frances sabia que Deus a guiara até aquele momento. Então, em 2 de dezembro de 1873, ela foi tocada pela promessa de Deus em 1João 1.7: "O sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado". Com júbilo, testificava: "Vejo tudo isso e tenho a bênção".[5] Nas próprias palavras de Frances, a nova experiência, instantaneamente, "levara-a a uma vida integral sob a luz do sol. Com relação a tudo o que já havia anteriormente experimentado, não passava de pálidos e passageiros vislumbres do sol de inverno, em comparação com a plenitude da glória do sol de verão".[6]

Maria escreveu: "Os efeitos práticos disso foram bastante evidentes no sincero e incondicional serviço que ela prestava diariamente ao seu Rei. E também na maior alegria e inabalável obediência em sua vida pessoal, o mais indefectível de todos os testes".[7]

Frances então escreveu o hino que começava assim:

Estou confiando em ti, Senhor Jesus,
confiando somente em ti;
confiando em ti para plena salvação,
poderosa e gratuita.

[5]Ibid., p. 319.
[6]Ibid., p. 319-20.
[7]Ibid., p. 320.

Frances explicou o significado do hino:

> Não estaríamos limitando 1João 1.7, quando nos referimos a essa passagem somente para a "remissão dos pecados que estão no passado", em vez de captar a notável simplicidade de "nos purifica de todo pecado"? "Todo" significa *tudo*, e, assim como devemos confiar nele para sermos limpos das máculas dos pecados passados, devemos também confiar que ele nos limpará de toda corrupção presente. Sim, toda! Caso contrário, estaremos desprezando essa promessa tão preciosa, e recusar-se a recebê-la completamente arruína sua aplicação e poder. Então limitamos o poder de Deus para nos sustentar, atentamos mais para nossa fragilidade que para sua onipotência [...] Foi esta palavra, "purifica", que abriu a porta da própria glória, da esperança e da alegria para mim. Eu jamais havia visto a força do tempo, de um presente contínuo, sempre o presente, não um presente que no momento seguinte se torna passado. A purificação é contínua, e não tenho palavras para expressar a alegria que sinto por isso. Não se trata de apenas chegar e ser limpo na fonte, mas de permanecer na fonte, para que haja a possibilidade e as condições necessárias a uma limpeza contínua.[8]
>
> Por que deveríamos reduzir as promessas de Deus ao nível que temos experimentado até aqui, ao que Deus "pode fazer", ou mesmo ao que pensávamos que ele poderia fazer por nós? Por que não receber as promessas de Deus, sem dúvidas no coração, do modo como são?[9]

Em outra oportunidade, Frances escreveu a Maria:

> Chega-se à mesma conclusão, partindo-se de quase todos os lugares. Pegue Filipenses 4.19: "necessidades". Bem, qual a grande necessidade e desejo de minha alma? Certamente, neste momen-

[8]Ibid., p. 321.
[9]Ibid.

to (tendo sido justificada pela fé e recebido a certeza da salvação), é ser santificada pelo contínuo poder santificador do Espírito de Deus; evitar entristecer o Senhor Jesus; evitar pensar ou fazer qualquer coisa que não esteja de acordo com sua santa vontade. Oh! É *disso* que preciso! E foi dito: "O meu Deus *suprirá* todas as necessidades de vocês"; agora, vamos nos voltar e dizer que "todas" não significa realmente tudo? Tanto em relação às ordenanças quanto no que diz respeito às promessas, parece-me que qualquer coisa que não seja crer em ambas *como são* não passa de outra maneira de dizer: "Foi isso mesmo que Deus disse?" [...] Um dos momentos mais intensos de minha vida foi quando percebi a força desta palavra: "purifica". A impensável e inesperada sensação de seu cumprimento em minha vida, por meramente crer nela em sua plenitude, era simplesmente indescritível. Jamais experimentei algo assim, com exceção do céu.[10]

## A COMPOSITORA DE HINOS

Os poucos anos que restavam a Frances foram os mais abençoados e frutuosos de sua vida. Seus melhores hinos foram escritos após essa poderosa experiência espiritual. Pouco tempo depois, ela escreveu seu famoso hino *Consagração*. Sobre esse hino, ela escreveu:

Talvez lhe seja interessante conhecer a origem do consagrado hino *Consagração*. Por um período de cinco dias, saí em visita a uma família. Na casa, moravam dez pessoas, algumas não convertidas, por quem havia muito eu orava, e algumas convertidas, mas sem desfrutar da alegria no Senhor. Deus pôs uma oração em meu coração: "Senhor, dá-me todos os que são desta casa!". E foi o que ele *fez*! Antes que partisse, toda a casa havia sido abençoada. Na última noite de minha visita, estava por demais feliz para dor-

[10]Ibid., p. 321-2.

mir. Passei a maior parte da noite orando e renovando minha consagração. Espontaneamente, esses versinhos foram se formando, rimando e tocando meu coração, até culminarem com: "Sejam só em teu louvor".[11]

A ti seja consagrada
minha vida,
ó meu Senhor!
Meus momentos e meus dias
sejam só em Teu louvor.

Sempre minhas mãos se movam
com presteza e com amor,
e meus pés velozes corram
a servir-Te, ó bom Senhor!

Minha voz agora toma
para o Teu louvor cantar;
toma os lábios meus, fazendo-os
a mensagem proclamar.

Minha prata e ouro toma,
nada quero Te esconder;
minha inteligência guia
tão somente em Teu saber.

A vontade minha toma,
sujeitando-a a Ti, Senhor,
de meu coração fazendo
o Teu trono, Salvador!

Meu amor e meu desejo
sejam só Teu nome nonrar;
faze que meu corpo inteiro
eu Te possa consagrar.[12]

[11]Ibid., p. 323.
[12]*Salmos e hinos com músicas sacras*, hino n. 333, trad. Leônidas Philadelpho Gomes da Silva.

Frances usava todos seus talentos para o Senhor. Ensinava na escola dominical; regia coros de igrejas; dava palestras em acampamentos; testemunhava em encontros realizados nos lares mais abastados, para turistas e aldeões em estações de férias nas montanhas e para as garotas que trabalhavam na lavanderia; liderava a União de Oração da ACM; dava aulas de hinologia em elegantes escolas para moças. Quer falasse em inglês, quer em francês, quer em alemão, sua temática era sempre a mesma.

Os lucros das publicações dos poemas, hinos e livros de Frances eram generosamente doados para o sustento da obra de Deus nos lares ou em campos missionários.

> O Senhor mostrou-me outro pequeno passo, que eu logicamente dei com o maior prazer. "Toma meu ouro e minha prata" agora significa enviar todos os meus adereços para a Church Missionary House [Casa da Igreja de Missões], onde serão vendidos para mim. Não tinha a menor idéia de que possuía uma joalheria dessas, quase cinqüenta peças foram empacotadas. Desnecessário dizer-lhe que nunca tive tanto prazer em fazer um pacote.[13]

Frances doara todas as suas jóias para missões.

Durante um acesso de febre tifóide, escreveu o hino *A paz de Deus*, que descrevia sua vida cheia do Espírito Santo. Ela aparentava maior fragilidade durante seus últimos anos, mas em meio à doença e ao colapso físico, seguia cantando, evangelizando, dando palestras e trabalhando para Jesus. Quanto mais prosseguia na vida cheia do Espírito Santo, mais gloriosa e preciosa se tornava essa plenitude.

> Como um rio calmo, vai correndo a paz
> com que Deus, aos crentes, a alma satisfaz,

[13]Clara McLeister, *Men and women of deep piety*, Cincinnati: God's Bible School and Revivalist, 1920, p. 234.

é perfeita e cresce, meiga em seu poder,
Sempre mais profunda, dominando o ser.

No Senhor firmado, tem o crente a paz,
a completa bênção, comunhão veraz.

No bendito abrigo da divina mão
não há inimigo, não se vê traição.
Ventos de cuidado, sombras de pesar,
nunca a santa calma poderão turbar.

São os nossos dias, de prazer ou dor,
raios derramados pelo Sol de amor.
pondo a confiança plenamente em Deus,
sempre o acharemos amparando os seus.[14]

Em 1875, Frances escreveu à irmã: "Maria, não há nenhuma dúvida a respeito da bênção que Deus me enviou em 2 de dezembro de 1873. É muito mais marcante que minha conversão, de cuja data não me recordo. Estou sempre feliz, e é *imensa a paz*".[15]

## FRENTE A FRENTE COM JESUS

Em um dia de maio de 1879, Frances presidia uma reunião ao ar livre de abstenção de bebidas alcoólicas. Um súbito vento gelado a fez tremer até os ossos. Ela imediatamente ficou prostrada com febre, tremores e peritonite. Quando seus amigos expressavam solidariedade, ela dizia: "Não se preocupem! Vou para casa mais rápido! A vontade de Deus é deliciosa. Ele nunca se engana". Ela pediu que seu texto favorito fosse posto em sua lápide: "O sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado".

[14]*Salmos e hinos com músicas sacras*, hino n. 375, trad. Robert Hawkey Moreton.

[15]J. Gilchrist LAWSON, *Deeper experiences of famous Christians*, Anderson, p. 325.

Quando sua hora chegou, o médico e a família de Frances estavam ao lado de sua cama. Ela pediu-lhes que cantassem algum de seus hinos e disse: "Desde que passei a confiar inteiramente em Jesus, tenho sido tão feliz! Não tenho palavras que expressem quão encantador e estimado ele é para mim".

O médico disse-lhe:

— Você está seriamente doente. A inflamação está aumentando.

Frances respondeu:

— Foi o que pensei. Mas, se estou partindo, é bom demais para ser verdade.

— Adeus — disse o médico. Não tornarei a vê-la.

— Então, acha realmente que partirei? — ela perguntou.

— Sim — respondeu o médico.

— Hoje?

— Provavelmente.

— Fabuloso! — exclamou Frances. — Bom demais para ser verdade! É magnífico estar tão perto dos portões do céu!

Ela então teve repentinas convulsões, devido à doença. "Os tremores cessaram. A enfermeira a amparava carinhosamente, e ela afundou nos travesseiros e cruzou as mãos sobre o peito, dizendo: 'Pois bem, está acabado! Bendito repouso!'. Ela então passou a olhar fixamente para cima. Nada menos que divino poderia ter refletido tamanha glória em sua face. Assistimos durante dez minutos àquele encontro quase visível entre ela e seu Rei. Seu semblante era de felicidade, como se já estivesse conversando com ele. Ela então tentou cantar, mas sua voz falhou. E, enquanto seu irmão encomendava sua alma às mãos do redentor, ela faleceu".[15]

"Sejam só em teu louvor" foi o lema de Frances Ridley Havergal tanto na vida quanto na morte.

# 9

## JOHN HYDE

*O intercessor de face resplandecente*

JOHN HYDE É MAIS CONHECIDO como Hyde de Oração, "o apóstolo da oração" e "o missionário que nunca dorme". Seu pai, dr. Smith Hyde, foi pastor presbiteriano, extremamente religioso, que exerceu o pastorado por dezessete anos em Carthage, Illinois. A sra. Hyde, mãe de seis filhos, era uma linda cristã. John nasceu em 9 de novembro de 1865. O dr. Hyde orava insistentemente, fosse no púlpito, fosse em casa, para que Deus enviasse trabalhadores para a colheita. Deus ouviu o pedido, e três dos próprios filhos de Smith Hyde optaram pelo serviço cristão.

Quando estava no último ano do McCormick Theological Seminary, John ouviu o chamado para ser missionário. Sua alma estava em chamas. Ele falava sobre missões, orava sobre missões e desafiava pessoalmente os colegas a partir para as missões. Ele os levava um a um a passeios, ocasiões em que argumentava sobre a necessidade de trabalhadores para a obra de Deus. Na formatura em 1892, 26 dos 46 formandos já se haviam comprometido com o trabalho missionário.

Em 15 de outubro de 1892, John e outros cinco missionários presbiterianos partiram em um navio para a Índia. Ao entrar no camarote, encontrou a carta de um pastor amigo de seu pai que gostava muito de John. Ao abrir a carta, que era de despedida, John leu: "Caro John, não deixarei de orar por ti, até que sejas cheio do Espírito Santo". John sentiu-se imediatamente insultado, e seu orgulho ficou ferido. "Senti-me sobremaneira furioso, amassei a carta, joguei-a a um canto do camarote e subi ao convés muito irritado. A idéia ali implícita era a de que eu *não* era cheio do Espírito!"[1]

Com raiva, John ficava caminhando para cima e para baixo no convés. Ele conhecia a vida de santidade do remetente. O homem amava-o profundamente, e John também o amava. No fundo de seu coração, John sentia que o amigo de seu pai estava certo. Não estava realmente apto a ser missionário. Ele voltou ao camarote, ajoelhou-se, pegou de volta a carta amassada e a leu e releu.

## NA PLENITUDE DO ESPÍRITO

Após muitos dias de luta em oração, John estava determinado a ser cheio do Espírito, não importava o custo. Estava decidido a ser um excelente missionário, com amplo domínio do idioma. Então disse ao Senhor que estava disposto a fracassar na proficiência da língua e ser um missionário tranqüilo e pacato, desde que pudesse ser cheio do Espírito.

Embora alcançasse uma consagração mais completa, ainda não havia auferido a vitória que buscava. Certo dia, compareceu a um culto ao ar livre, onde o missionário contava sobre como Cristo salvava do pecado. Ao término da pregação, um homem perguntou ao orador se Cristo realmente o havia salvo

[1]Basil MILLER, *Praying Hyde*: a man of prayer, Grand Rapids: Zondervan, 1943, p. 17.

de todo pecado. John sabia que, se respondesse honestamente àquela pergunta, teria de dizer *não*. Havia um incômodo pecado na vida de John. Então foi para seu quarto e orou: "Ou me salvas desse incômodo pecado, ou retorno aos Estados Unidos para dedicar-me a outra ocupação".[2] Ele tinha consciência de que não poderia pregar a vitória sobre o pecado se ele mesmo não a alcançara.

Enquanto orava, Deus lembrou-o de 1João 1.9. Ele sabia que já havia confessado. Sabia que Deus era fiel e naquele momento, pela fé, clamou pela santificação completa, mencionada por Paulo em 1Tessalonicenses 5.23. Imediatamente, Deus colocou em seu coração que ele conseguiria fazê-lo e que havia planejado uma obra na Índia para ele. "O Senhor me salvou, e desde então não tenho tido dúvida alguma disso. Mas agora posso levantar e testemunhar sem hesitação da vitória concedida por ele — e adoro testemunhar sobre isso."[3]

O reverendo Pengwern Jones, amigo de John, contou que, quando ouviu seu testemunho sobre como fora purificado e cheio do Espírito, seu rosto exibia a glória de Deus. "Jamais me esquecerei de seu rosto enquanto me contava aquelas coisas!"[4] Por repetidas vezes, nos anos que se seguiram, a glória de Deus pôde ser vista no rosto de Hyde de Oração, pois a partir daquele momento o poder do Espírito passou a habitá-lo de modo inusitado.

## MINISTÉRIO JUNTO AOS POVOADOS

Os primeiros anos do ministério de John na Índia não foram dignos de nota. Com muito esforço, John tornou-se um bom orador, tanto em Urdu quanto em Punjábi. Ele atuava como missionário junto aos vilarejos, indo de um povoado o outro a

[2]Ibid., p. 19.
[3]Ibid.
[4]Ibid., p. 20.

pé ou em uma carroça, com os colegas indianos. Levava sua pequena barraca consigo, aonde quer que fosse.

Por ser solteiro, John nunca teve casa própria, mas ficava na casa de outros missionários. Isso quando não estava percorrendo os vilarejos ou morando em sua barraca. Seu último pedido foi que levantassem fundos para missionários como ele, a fim de que tivessem residência permanente. No entanto, ao longo de seus de-zenove anos na Índia, ficou absolutamente à vontade em sua barraca, e a oração a tornava a ante-sala do céu.

John falava lenta e tranqüilamente, sendo de certa forma difícil de ouvir. Dava tanta importância ao estudo bíblico, que seu progresso no idioma era lento. Quando a junta de missões o reprovou, ameaçando mandá-lo de volta aos Estados Unidos, ele respondeu: "Devo colocar o que é mais importante em primeiro lugar". Ele imaginou que sua deficiência talvez pudesse atrapalhá-lo, então apresentou sua demissão ao Sínodo. Mas, quando os aldeões da área ficaram sabendo, fizeram uma petição junto ao Sínodo para que não aceitasse sua demissão, dizendo: "Ainda que ele não fale o idioma de nossos lábios, ele fala o idioma de nosso coração".[5]

## A MISSÃO DE ORAR PELO REAVIVAMENTO

Durante o terceiro ano de John na Índia, Deus incumbiu-o de orar pelo reavivamento. Durante os cerca de dez anos que se seguiram, ele continuou intercedendo fielmente pelo reavivamento até que Deus respondesse. A região na qual trabalhava era quase desabitada, e os resultados que ele viu foram mínimos.

De tempos em tempos, John enfrentava a oposição dos nãocristãos, que queriam impedir que o evangelho fosse pregado aos pobres e às castas inferiores. Eles o roubavam, tentavam impedir que fosse atendido pelos carregadores de água e amea-

[5]Ibid., p. 23.

çavam derrubar-lhe a barraca. Mas John prosseguia em sua jornada pelos vilarejos e aldeias, permanecendo dias e às vezes semanas em uma área, para só então seguir rumo a outra.

John convenceu-se de que assim como Jacó lutou com Deus por sua família, a Índia também precisava de alguém disposto a lutar para que nela houvesse avanço e colheita espiritual. "Decidi pedir a Deus que me desse um verdadeiro Israel, alguém que lutasse com Deus, um príncipe vencedor." Enquanto orava com seu amigo Paterson, John sentiu que Deus lhe concedia poder para assumir o papel do Israel vencedor. Apesar disso, sentia-se incapacitado para o novo papel. "Como conheço pouco sobre o amor e o poder de nosso Salvador [...] Há um grande poder na oração, mas sei tão pouco sobre esse poder e tendo tão pouca coragem para apropriar-me dele!" Ainda assim, John Hyde estava tão certo de que Deus queria que ele fosse um Israel para a Índia que declarou: "Meu coração está feliz e descansado sobre tudo isso. Conheço uma palavra somente — "obediência".[6]

John amava o povo indiano e vivia no meio deles, muitas vezes comendo com eles e auxiliando-os em momentos de dificuldades. Era sempre paciente com eles — intercedendo pelos não-cristãos, pessoas que haviam caído em pecado, cristãos que sucumbiram à idolatria ou que se envolviam em disputas. Reunindo-os ao seu redor, ele não os censurava, mas dizia: "Vamos orar". Então ajoelhava-se, algumas vezes orando duas ou três oras antes de levantar-se.

Em 1897, John começou a vislumbrar algum alento em seu ministério. Em 1898, escreveu: "Todos os sábados, nossa missão inteira reúne-se para orar pelo derramamento do Espírito Santo sobre nós".[7] Em 1899, John passou noites inteiras em oração, apesar de estar fragilizado fisicamente. Ele escreveu:

[6]Ibid., p. 37.
[7]Ibid., p. 42.

"Tenho visto pouco ou nenhum resultado [...] este ano, tenho me sentido levado a orar pelos outros como jamais no passado. Nunca soube o que era trabalhar o dia todo e depois orar a noite inteira a Deus por alguém".[8] Apesar de os resultados serem modestos, ele sabia que o dia da colheita de Deus acabaria chegando e ficava satisfeito em sacrificar seu tempo e a si mesmo.

Em 1901, John escreveu: "Creio que deve ser um momento de mobilização pentecostal, ou mesmo de uma porção dobrada do espírito do Pentecoste. Compreendo que Deus está ordenando que se ore pelas almas, derramando o espírito de graça e súplica".[9] Passou então a exortar compatriotas a que acordassem para o poder da oração. Cada vez mais, clamava para que Deus enviasse o reavivamento.

Em 1902, após dez anos na Índia, John partiu de licença. Em todo lugar que falava, sua principal preocupação era ensinar a necessidade da plenitude do Espírito e implorar que orassem pela Índia. Ele voltou à Índia com a visão renovada.

## A UNIÃO DE ORAÇÃO DE PUNJÁBI

No início de 1904, o espírito de reavivamento veio sobre um internato presbiteriano de garotas. De lá, espalhou-se para o Presbyterian Theological Seminary [Seminário Teológico Presbiteriano], que ficava próximo. O dr. W. B. Anderson convocou os guerreiros da oração para que se reunissem em abril a fim de interceder pela Índia. John Hyde, R. McCheyne Paterson e um pequeno grupo reuniram-se para interceder. Todos ficaram comovidos com os hábitos de oração de John. Eles formaram a Punjab Prayer Union [União de Oração de Punjábi], por ser esse o nome da província em que John trabalhava. Os que aderiram concordaram em orar pelo reavivamento e por mais

[8]Ibid.
[9]Ibid., p. 43.

poder do Espírito Santo em sua vida e em seu trabalho, em separar meia hora para interceder se possível logo após o meio-dia, e ainda em orar pelo despertamento espiritual até que este viesse.

A União de Oração convocou todos os obreiros cristãos a fim de que se reunissem em Sialkot no final de agosto para uma convenção sobre vida cristã. John e Paterson iniciaram um período de trinta dias de intercessão para preparar o caminho do Senhor. Nove dias depois, um amigo e parceiro de oração juntou-se a eles: George Turner. Durante trinta dias e trinta noites, oraram para que fosse derramado o espírito de Deus.

## A CONVENÇÃO DE SIALKOT

No início da convenção, duas salas de oração foram abertas — uma para mulheres e outra para homens. Desde o primeiro dia, em nenhuma das salas havia lugares vagos. John permaneceu lá a maior parte do tempo. Muitos indianos também passaram horas na sala de orações.

John pregou na convenção sobre a plenitude do Espírito Santo, e, enquanto falava, Deus revelou-lhe seu plano de santificação pela fé com mais profundidade que em qualquer outra ocasião. John então sentiu que deviam testemunhar publicamente com maior freqüência. Na noite seguinte, ele foi convidado a liderar um encontro de oração de homens. Nessa reunião, sentiu-se compelido a confessar aos presentes como havia lutado contra o pecado no passado e como Deus lhe concedera a vitória completa. Após cerca de quinze minutos, ele disse: "Vamos orar". Todos prostraram-se sobre o próprio rosto, ao modo indiano. Um por um, os homens começaram a levantar-se, a confessar seus pecados e a orar por vitória. O encontro estendeu-se por horas. O reavivamento havia começado.

A convenção de Sialkot de 1905 viu ainda mais poder de Deus em ação. John, o orador principal, pregou sobre o poder e o papel do Espírito como principal testemunha. "O Espírito Santo está em primeiro lugar em seus púlpitos?", perguntou

aos pastores. Em um dos cultos, adentrou com júbilo o salão e disse três palavras em urdu e então em inglês, repetindo-as três vezes: "Ó Pai celestial!". De repente, foi como se o Espírito Santo varresse a audiência como uma onda: "Veio do céu um som, como de um vento muito forte".[10] O amor de Deus fora derramado. Abundavam confissões de pecados, lágrimas, louvores e gritos de alegria, à medida que as pessoas alcançavam vitória espiritual. A oração continuou noite e dia todos os dez dias.

## A CONVENÇÃO DO PRANTO

Na convenção de 1906, Deus revelou por meio de John como Cristo hoje vive para interceder e como quer que partilhemos de sua aflição pelo mundo. John repetidamente chorava pelos pecados da Índia e do mundo. A visão de almas indo para o inferno sem Cristo comoveu o coração de indianos e missionários. Momentos depois, toda a assembléia chorava, intercedendo pelos perdidos, e a reunião estendeu-se por toda a noite.

O esforço em oração perdurou na convenção de 1907, intercalado com manifestações de alegria e louvores a Deus. A última mensagem de John na convenção foi sobre a oração angustiada de Paulo em Romanos 9.1-3, na qual o apóstolo dizia que desejava ser amaldiçoado por amor de seu povo. Toda a assembléia comoveu-se e chorou de angústia pela Índia.

Durante o ano de 1908, John orava e jejuava desesperadamente pelos não-cristãos de Punjábi e de toda a Índia. Sua preocupação pela salvação das almas era tão intensa que perdeu o apetite e dormia muito pouco. Ainda assim, mostrava-se sempre prestimoso com os outros, e as crianças eram atraídas para ele. Ele sempre tinha tempo para falar e orar

[10] Ibid., p. 78.

com o povo. O brilho em seu rosto dava testemunho da comunhão que desfrutava.[11]

## UMA, DUAS E QUATRO ALMAS POR DIA

Durante a convenção de 1908, apesar dos medíocres resultados espirituais do ano anterior, após horas de intercessão, Deus levou John a clamar, pela fé, por uma alma por dia durante o ano seguinte. Isso significava dias de jejum e noites de oração. No final do ano, no entanto, Deus o ajudará a ser mais de quatrocentas pessoas ganhas para Cristo e batizadas.

Na convenção de 1909, Deus usou John com mais poder do que nunca. O missionário enfatizou a necessidade do amor do Getsêmani e do Calvário e da intercessão no Getsêmani. Disse que os cristãos não precisavam ter o próprio coração comovido, mas que o coração comovido de Deus se revelasse neles. Se o ego fosse crucificado, morto e enterrado com Cristo, o novo homem seria despertado, ressuscitado e assentado com Cristo nos lugares celestiais, partilhando do trono de Deus (Ef 2.6). Naquela convenção, John orou vários dias, até receber a promessa de duas almas por dia. Quando a convenção anual seguinte se reuniu, mais de oitocentos não-cristãos haviam se convertido a Cristo e batizados.[12]

Antes da convenção de Sialkot de 1910, John orou durante algumas semanas, até estar seguro de que no ano seguinte Deus lhe daria quatro almas por dia. Deus usou-o por toda a Índia, em conferências e no reavivamento em muitas das cidades mais importantes. Ele também continuou viajando pelo seu distrito. Passou muitas noites em oração, antes da convenção de 1910, pedindo que o poder de Deus estivesse presente. Na convenção, pregou

[11]Ibid., p. 88, 93.
[12]Ibid., p. 102.

com grande paixão e energia, e o povo notava que seu rosto parecia quase transfigurado pela glória de Deus.

Naquele ano, Deus realmente deu a John quatro almas por dia. Ele havia "lutado em oração" por eles. Nos dias com menos de quatro convertidos, ele ficava muito preocupado durante a noite e examinava o próprio coração. Dizia que quase invariavelmente descobria que não havia louvado ao Senhor o suficiente, e então, quando punha o louvor em dia, o Senhor rapidamente completava o número de almas que faltava.

Naquele ano, John aprendeu a orar por suas viagens pelos vilarejos e aldeias de maneira ainda mais específica. Era muitas vezes levado a orar e reivindicar, pela fé, por um número específico de almas para um determinado dia. Deus sempre lhe dava o número exato. Em mais de uma ocasião, o número prometido por Deus foi dez.

## DANDO ADEUS À ÍNDIA

Com o corpo sempre debilitado, John ficou seriamente doente em 1911. Um médico de Calcutá examinou-o e descobriu que seu coração se deslocara totalmente da esquerda para a direita. Em 11 de março, seu trabalho na Índia encerrou-se, e ele partiu para a Inglaterra, e então para casa.

Enquanto estava em Gales, na casa do amigo Pengwern Jones, que estava de licença, ouviu falar da missão de pregação do dr. Wilbur Chapman em Shrewsbury. Chapman, antigo colaborador de D. L. Moody, realizava campanhas evangelísticas por todo mundo havia cinqüenta anos e foi o primeiro diretor do Winona Lake Bible Conference [Conferência Bíblica do Lago Winona], em Indiana.

Chapman, porém, deparou com um certo desinteresse por sua missão. Eram poucos os pastores locais que cooperavam de todo o coração. O comparecimento era extremamente reduzido. Chapman ficou sabendo que um missionário americano, conhe-

cido como Hide de Oração, havia começado a orar para que seu ministério fosse abençoado. Chapman disse que, quase instantaneamente, a maré mudou. Naquela noite, o salão ficou lotado, e cinqüenta homens renderam-se a Jesus Cristo quando o convite foi feito. Enquanto iam deixando o lugar, Chapman virou-se para John e disse: "Sr. Hyde, quero que ore por mim". Ele levou John até sua sala. Chapman descreve o que ocorreu:

> Ele veio a minha sala, trancou a porta, caiu de joelhos e aguardou cinco minutos sem que nenhuma sílaba lhe saísse dos lábios. Podia ouvir meu próprio coração batendo e sua pulsação. Senti lágrimas quentes correrem pelo rosto. Sabia que estava com Deus. Então, com o rosto voltado para cima e coberto de lágrimas, ele disse: "Ó Deus!", e continuou parado por pelo menos mais cinco minutos. E então, quando soube que estava falando com Deus, abraçou-me os ombros, e do fundo de seu coração surgiram súplicas pelos homens dos quais eu nunca ouvira falar. Ao levantar, sabia o que era *realmente* orar. Temos saído por todo o mundo e retornado para cá, crendo que a oração é poderosa, e agora cremos nisso como nunca.[14]

John ficou uma semana com Chapman, lutando em oração pelos cultos. Então voltou para a casa do amigo Jones. Estava tão fraco que mal podia falar. Quando Jones se debruçou sobre ele, John sussurrou: "O fardo estava muito pesado, mas o fardo que meu querido Salvador carregou por mim levou-o até a sepultura".[15] John partiu em um navio para os Estados Unidos, chegando a Nova York em 8 de agosto de 1911. Os médicos o examinaram e recomendaram uma intervenção cirúrgica, para a retirada de um tumor cerebral. Descobriu-se que o tumor era

[14]Ibid., p. 125.
[15]Ibid., p. 126.

maligno. Ele foi para casa da irmã em Massachusetts, e a doença espalhou-se pelas costas e pelo lado do corpo. Apesar de suas condições precárias, ele continuava a interceder pelos perdidos.

Em 17 de fevereiro de 1912, enfrentando dor extrema, o radiante brilho da glória de Deus que era constantemente visto em seu rosto, foi visto uma vez mais. Seus lábios clamaram: "Bol! Yisu Masih, Ki Jai!", que quer dizer: "Dê um brado de vitória para Jesus!". Essas foram suas últimas palavras, e ele foi para o céu com seu grande Sumo Sacerdote, a quem havia amado acima de tudo e com quem se comprometera logo no início de sua vida. Seu corpo foi sepultado em 20 de fevereiro no Moss Ridge Cemetery [Cemitério de Moss Ridge], Carthage, Illinois, ao lado de sua mãe e de seu pai.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIDA DE HYDE

O biógrafo e amigo íntimo de John, Francis A. McGaw, disse que a característica mais marcante e mais evidente na vida de Hyde de Oração foi a santidade. Outro biógrafo e amigo íntimo de John, J. Pengwern Jones, dizia que John possuía três características que se destacavam: amor fervoroso por Jesus, paixão pelo povo indiano, em cujo meio ele trabalhou, e enorme carinho pelos companheiros missionários.

### Um ganhador de almas

Hyde de Oração tornou-se conhecido como um dos evangelistas pessoais mais eficientes que a Índia já conheceu, principalmente em seus últimos anos naquele país. Em todo lugar que ia, conduzia almas a Cristo. Ele parava para falar com um estranho, e logo colocava a mão sobre o ombro da pessoa e orava com ela, conduzindo-a a Cristo.

Quando viajava nos lotados trens indianos, John sempre tentava levar os passageiros a Cristo. Muitas vezes, ao chegar a seu destino, se John estivesse em meio ao testemunho de salvação e

ainda não tivesse ganho a alma de seu interlocutor, esquecia-se de seu trajeto e seguia com o trem, testemunhando e orando. Depois de ganhar a pessoa para Cristo, batizava-a, se possível, e só então voltava ao seu destino em outro trem. Certa vez, deixou de descer em seu destino quatro vezes consecutivas, a fim de conduzir a Cristo a pessoa com quem conversava em cada ocasião. Quando finalmente chegou ao seu destino, após ter passado quatro vezes pela estação em que devia descer, descobriu que o noivado ao qual teria de comparecer havia terminado. O céu, entretanto, estava mais rico, com os quatro novos crentes que ele levara a Cristo em seu caminho.

## Um ministério de lágrimas

O ministério de Hyde de Oração era ungido com lágrimas. Durante suas orações particulares, quando intercedia pelas almas, não raro, era visto chorando. Algumas vezes, quebrantava-se ao orar publicamente. Quando descrevia o amor de Jesus, sobretudo sua agonia no Getsêmani e no Calvário, fazia-o com muitas lágrimas. Ele acreditava que Jesus, ao interceder à destra do Pai, ora com grande agonia pelos pecados e pelos pecadores de nosso mundo. Partia o coração de John falar sobre o fardo suportado por Cristo.

## Um ministério de generosidade

John estava sempre doando suas roupas aos necessitados. Por diversas vezes, na convenção de Sialkot, que chegava a ter um público de duas mil pessoas, ele doava a própria manta ao encontrar alguém desprovido de uma. E por diversas vezes tirou o casaco e deu-o a uma pessoa necessitada.

Em uma aldeia, John ganhou para o Senhor diversos homens, mas as esposas deles recusavam-se a corresponder. Certa manhã, ele acordou com uma enorme dor de cabeça, e por ser seu costume agradecer a Deus por tudo, agradeceu também pela

dor de cabeça. Queria tanto ganhar almas que pediu para ser carregado em sua cama até a sombra de uma árvore, à beira da estrada. Quando as mulheres da aldeia ficaram sabendo quanto estava doente, vieram uma a uma solidarizar-se com ele, e ele usou aquelas visitas como uma oportunidade de testemunhar. Naquele dia, muitas foram conduzidas ao Senhor, e naquela noite ele realizou um culto de batismo, no qual vários delas foram batizadas. Naquele momento, John compreendeu o motivo da forte dor de cabeça naquela manhã.

## Um ministério de cura

Durante aqueles anos, a peste bubônica espalhou-se por diversas aldeias. Quando John soube que os cristãos estavam morrendo, saiu a orar por eles, e muitos foram curados. "Jesus está vivo e pode tanto trazer quanto afastar a peste. Temos nos apegado a ele e achado libertação da peste do pecado?", perguntava ele.[15]

## O homem com a Bíblia

Hyde de Oração amava a Palavra de Deus. Desde a época em que chegou à Índia, considerava absolutamente primordial conhecer de fato a Bíblia. Com o passar dos anos, seu amor pela Palavra tornou-se cada vez mais profundo. Ao longo do dia, desde a primeira xícara de chá pela manhã, sua Bíblia estava nas mãos sempre que possível. Quando dava seu testemunho ou orava com alguém, a Bíblia estava sempre em suas mãos ou ao seu lado. Normalmente, quando se ajoelhava para orar na barraca, no quarto ou em uma sala de oração, a Bíblia ficava aberta diante dele. Muitas vezes deixava as mãos descansarem sobre ela, enquanto clamava pelas promessas de Deus e fundamentava toda sua oração sobre ela. A Bíblia era sua força.

[15]Ibid., p. 83,4.

## ALEGRIA NO SENHOR

Outra fonte do contínuo renovo de forças era sua alegria no Senhor. Freqüentemente, ao travar uma intensa luta de oração, irrompia em cânticos de alegria. Algumas vezes, ao orar, ficava de tal forma emocionado pela presença e pelas promessas do Senhor, e tão cheio de fé, que disparava em um riso santo. Sentia-se bastante confortável com a maneira indiana de louvar ao Senhor, clamando: "Bol! Yisu Masih, Ki Jai!" ("Dê um brado de vitória para Jesus!").

Durante a época do reavivamento em Sialkot, quando levava alguém à vitória na sala de oração, John levantava, sorria e começava a cantar: "Pertenço, agora, ao meu Senhor" (do hino "Dia Feliz"). Não foram poucas as vezes em que, estando tão cheio de alegria, batia palmas e até pulava de felicidade. Houve vezes em que a bênção derramada foi tão grande que todo o público presente na convenção não apenas ficava de pé, cantava e gritava, mas também marchava pela sala, dando "aleluias". Seus amigos mais íntimos recordam que por diversas vezes, no meio da noite, ele era tão abençoado que entoava louvores a Deus. Isso sempre renovava suas forças.

John Hyde não esperava que as pessoas tentassem copiar sua vida. Ele sabia que tinha um chamado especial de Deus e foi fiel a ele até a morte. Temos a responsabilidade de ser fiéis ao chamado de Deus para nossa vida. Deus precisa apenas de um John Hyde, porém precisa de muitos outros que se tornem importantes intercessores a serviço de Cristo, atendendo ao chamado de Deus com a mesma fidelidade demonstrada por esse servo do Senhor.

# 10

## Adoniram Judson

### *Primeira parte:* O apóstolo de Deus para a Birmânia

ADONIRAM JUDSON NASCEU em 9 de agosto de 1788, no lar de um pastor congregacional que ambicionava um grande futuro para o filho. Adoniram matriculou-se em uma pequena faculdade de Rhode Island, que mais tarde viria a tornar-se a Brown University [Universidade Brown]. Ali desenvolveu uma amizade próxima com um estudante que lhe incutiu pensamentos céticos, e Adoniram tornou-se deísta. Ele foi o orador da turma.

Após a formatura, os pais de Adoniram ficaram surpresos ao descobrirem que ele se tornara deísta. Seu pai discutiu com ele, e sua mãe orou. Certo dia, enquanto viajava a cavalo, Adoniram chegou a um vilarejo, onde passou a noite em uma estalagem. Só havia um quarto vago naquela noite, e ele ficava próximo a outro quarto, onde, disseram-lhe, havia um jovem gravemente doente, possivelmente à morte. Adoniram ficou imaginando se o jovem estava pronto para morrer. Começou então a pensar sobre a morte. Seus pensamentos o apavoravam, mesmo imaginando o que seu amigo cético diria se soubesse disso.

Pela manhã, Adoniram vestiu-se rapidamente. Após o desjejum, perguntou, ao sair, se o jovem do quarto ao lado havia melhorado. Responderam-lhe que não, que havia morrido. Judson perguntou quem era o jovem. Para seu espanto, era o amigo cético que o conduzira ao deísmo. Adoniram ficou aturdido, e em sua mente eram repetidas as palavras: "Perdido! Perdido!". Recordou tudo o que os pais lhe haviam ensinado. Deus, em sua providência, colocou-o no quarto ao lado de seu amigo que morrera sem Deus. Imediatamente, deu-se conta de que a Bíblia era verdadeira e que o Deus da Bíblia era real.

Ao voltar para casa, Adoniram encontrou com seu pai duas pessoas que o visitavam. Eles discutiam sobre o novo seminário do qual seriam professores. Embora ficasse impressionados com Adoniram, tinham consciência de que levaria algum tempo até que ele se libertasse das idéias deístas. Adoniram matriculou-se como aluno especial, sem vistas ao pastorado, na Andover Theological College [Faculdade de Teologia de Andover].

## CONVERSÃO E CHAMADO

Em poucas semanas, Adoniram começou a perceber as deficiências do ceticismo e passou a dedicar-se a Deus. Seu coração estava em paz. Suas dúvidas já não existiam. No verão seguinte, juntou-se à igreja do pai.

No ano seguinte, Adoniram leu o sermão de um missionário sobre a Índia. Deus tocou seu coração, mas não existia sociedade missionária americana nem missionário americano em nenhuma parte do mundo. Imaginou que seria necessário traduzir a Bíblia e que seus estudos de grego e hebraico lhe seriam úteis. Entusiasmado, revelava seus planos, mas era ridicularizado.

Certo dia, enquanto passeava por entre as árvores, com a neve caindo-lhes nos ombros, Deus falou-lhe com o texto de Marcos 16.15: "Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas". A partir daquele momento, ele nunca mais

teve dúvidas sobre a vontade de Deus para sua vida. Foi-lhe oferecido o cargo de pastor assistente na maior igreja de Boston. Adoniram ficou horrorizado. Disse à família que tinha um chamado para a Birmânia, país sobre o qual vinha pesquisando. Sua mãe e sua irmã choravam diariamente. Seu pai mantinha-se em silêncio. Adoniram esperava uma recepção ainda pior em Andover. Em vez disso, encontrou quatro estudantes a quem Deus já vinha falando sobre missões, apesar de não saberem para onde Deus queria que fossem. Adoniram convenceu-os da necessidade da Ásia. Por fim, o grupo chegou a reunir sete pessoas.

Em 28 de junho de 1810, Adoniram apresentou na Congregational General Association [Associação Geral Congregacional] da Comunidade Britânica, uma moção que ele havia cuidadosamente formulado e trazia a assinatura de quatro estudantes que se formariam naquele ano. Nela pediam ajuda, apoio e aprovação para realizar trabalhos missionários. A apresentação foi seguida do testemunho de cada um dos quatro signatários. Foi formado um comitê para avaliar o pedido. Isso levou à formação da American Board of Foreign Missions [Junta Americana de Missões Estrangeiras].

## CASAMENTO E ORDENAÇÃO

No mesmo dia, Adoniram foi convidado para jantar na casa do diácono John Hasseltine. Ali, viu a filha de Hasseltine, Ann, ajudando a servir. A moça tinha cerca de vinte anos. Sua vivacidade e seus olhos ativos o encantaram. Adoniram pediu a Hasseltine permissão para cortejá-la, advertindo-o de que planejava levá-la para a Índia, de onde nunca mais voltariam. Falou sobre as dificuldades, as perseguições e sobre a possibilidade de ela vir a sofrer uma morte violenta por amor às almas que sucumbiam.

O pai, bastante preocupado, permitiu que Nancy (nome que Ann sempre utilizava) tomasse a decisão. Sua mãe preferia que

ela não aceitasse, mas não a impediu de fazê-lo. Após dois meses fazendo a corte, Nancy aceitou-o em casamento. Ela estava plenamente consciente de que até aquele momento nenhuma mulher havia partido dos Estados Unidos em trabalho missionário.

Em 24 de setembro de 1810, Adoniram recebeu do seminário o título de mestre.

Logo depois, em 11 de janeiro de 1811, partiu para a Inglaterra em um navio britânico, mas durante a viagem o navio foi capturado por piratas franceses. Adoniram foi aprisionado junto com os outros passageiros no imundo porão do navio. Na França, com a ajuda de um americano, fugiu da prisão e conheceu um pouco da pecaminosa vida francesa até conseguir chegar a Paris. Em maio, chegou à Inglaterra. Apelou aos diretores da Sociedade Missionária de Londres e conseguiu homologar um acordo condicional de cooperação entre a Inglaterra e os Estados Unidos. Depois de seis semanas na Inglaterra, voltou aos Estados Unidos e reportou-se à junta americana. A essa altura, os quatro jovens haviam sido destacados como missionários para a Ásia ou para onde Deus os levasse.

Tudo começou a acontecer rapidamente. Um culto de ordenação foi organizado. Os donativos começaram a chegar. Os missionários preparavam-se para partir, planejando jamais voltar. Adoniram e Nancy casaram-se em 5 de fevereiro de 1812. No mesmo dia, foi realizado um culto de despedida em sua igreja, e no dia seguinte os candidatos foram ordenados. Um pesado silêncio tomou o ambiente do culto devido ao clima de despedida. Toda a congregação foi levada às lágrimas.

## RUMO À ÍNDIA

Em 19 de fevereiro de 1812, o navio de cruzeiro Caravan zarpou, e 114 dias depois chegava a Calcutá, Índia. Após uma recepção pouco amistosa por parte dos funcionários do governo, os missionários visitaram o dr. William Carey, missionário pio-

neiro que fundara a London Missionary Society [Sociedade Missionária de Londres].

Os missionários foram imediatamente levados a Serampore, onde lhes foi cedida uma casa grande, na qual duas das famílias missionárias — os Judsons e os Newells — receberam dois quartos cada. Por causa das tensões provocadas pela guerra de 1812, os ingleses ordenaram que partissem da Índia, proibindo-os de entrar em qualquer território ou possessão britânica.

O governo da Birmânia recusava-se a receber os missionários. Seu histórico era o mais sangrento do planeta, sendo que as punições mais comuns eram a crucificação, a decapitação ou o derramamento de chumbo derretido pela garganta. Por fim, os missionários receberam permissão para seguir até as ilhas Maurício, mas o navio podia levar apenas duas pessoas. O outro jovem casal, os Newells, decidiu partir, pois a sra. Newell estava para ter um filho. Poucos dias depois, o outro navio, no qual seus amigos eram passageiros, aportou com mais quatro missionários.

Adoniram passou um tempo na casa deles, estudando livros de teologia de doutrina batista. Nancy não concordava em estudá-los, mas passou a pesquisar o que a Bíblia dizia sobre o batismo por imersão e acabou unindo-se a ele na mesma fé. Eles foram batizados pelo missionário de Serampore, William Ward, colaborador de William Carey, em 6 de setembro de 1812.

## RUMO À BIRMÂNIA

Os Judsons continuaram a verificar os possíveis lugares nos quais poderiam servir ao Senhor. Adoniram estava impossibilitado de entrar na Birmânia, e o desejo de traduzir a Bíblia para o birmanês deixou seu coração. Não sem dificuldade, conseguiram pegar um navio para as ilhas Maurício. Estavam sós, e Nancy estava grávida. Decidiram partir para Penang, mas teriam de ir

primeiramente para Madras, Índia, e de lá pegar um navio para Penang. Em Madras, o único navio disponível partia para a Birmânia. Nancy contratou uma criada européia para ajudá-la quando o bebê nascesse. Porém, antes que o navio zarpasse, a mulher teve um ataque e morreu. Poucos dias depois, Nancy entrou em trabalho de parto, e o bebê nasceu morto. Três semanas após deixarem Madras, estavam em Rangum, cidade suja e deprimente.

Pouco depois, Adoniram achou um professor. Ele não sabia inglês, e Adoniram não sabia birmanês, mas, com grande esforço, fizeram progresso. Nancy tornou-se mais fluente no birmanês do dia-a-dia, enquanto Adoniram se dedicou à gramática e ao vocabulário religioso.

Dois anos mais tarde, os Judsons receberam sua primeira correspondência. Ficaram sabendo que os batistas nos Estados Unidos estavam formando sociedades missionárias locais, e logo mais orações os estariam sustentando.

Os Judsons precisariam dessas orações, pois o bebê Rogers nascera em 18 de setembro de 1815 e morrera em março do ano seguinte, sendo enterrado no quintal. Adoniram também sofria com a saúde debilitada.

Em outubro de 1816, os Houghs chegaram. O sr. Hough era tipógrafo. Imprimiu um folheto e algumas páginas da tradução do evangelho de Mateus, feitos por Adoniram. A tradução do evangelho de Mateus foi terminada em maio de 1817, e Adoniram começou a trabalhar em um dicionário de birmanês, a fim de facilitar o trabalho de missionários e de outras pessoas.

## A PRIMEIRA CONVERSÃO

Adoniram foi informado de que existiam uns poucos cristãos em Chittagong, que ficava ao norte de Rangum, a uma distância de dez a doze dias de navegação. Ele imaginava que ajudaria no seu trabalho ter alguns cristãos indianos por perto, para provar que o cristianismo não era religião apenas de homem branco.

Esperava convencer alguns cristãos de Chittagong a se mudarem para Rangum. Não era fácil conseguir passagem para Chittagong, mas ele ficou sabendo de um navio que estava de partida para lá e que voltaria rapidamente. Assim embarcou nele.

Tão-logo o navio zarpou foi assolado por fortíssimos ventos e o comandante decidiu rumar para Madras, na Índia. Adoniram caiu doente com uma violenta febre e quase morreu. O clima não estava favorável para uma viagem a Madras, e ele acabou por desembarcar a quinhentos quilômetros de distância, tendo de ser carregado durante vários dias em uma liteira. Teve de lidar com o fato de que, durante alguns meses, não haveria nenhum navio para Rangum. Chegou à cidade em abril, conseguindo um navio para regressar somente em julho. Quando chegou a Rangum, já fazia sete meses que estava fora.

Na ausência de Adoniram, sobreviera o primeiro surto de cólera na Birmânia, e o povo não sabia como lidar com ela.

Quando Adoniram recuperou a saúde, comprou um pedaço de terra e ergueu uma estrutura para a realização dos cultos. Em 27 de junho de 1819, foram batizados os primeiros convertidos, sete anos após os Judsons terem zarpado dos Estados Unidos.

Em uma tentativa desesperada de conseguir autorização do imperador para ensinar e evangelizar, Adoniram e outro missionário, James Colman, empreenderam uma viagem que durou mais de um mês, subindo o rio Irrawaddy até Ava. O pedido deles foi logo rejeitado, então fizeram a viagem de volta. Mas nem tudo estava perdido. Outras pessoas declararam-se cristãs e queriam ser batizadas. Agora, havia uma igreja com dez crentes.

## TRADUZINDO O NOVO TESTAMENTO

A saúde de Nancy ficou bastante debilitada, e Adoniram teve de levá-la a Rangum para conseguir melhor tratamento médico. Ali, encontraram mais interessados no evangelho, e Adoniram

passou a dedicar-se à tradução do Novo Testamento. Concluiu os evangelhos e as epístolas de João, passando a trabalhar em Atos dos Apóstolos. Enviou Nancy para Calcutá, de onde ela partiu para os Estados Unidos.

Um novo casal missionário, o dr. e a sra. Price, chegou dos Estados Unidos, mas a sra. Price logo morreu de disenteria. O dr. Price era hábil cirurgião oftalmologista. O imperador pediu para conhecê-lo, e Adoniram serviu-lhe de intérprete. O imperador queria Price por perto e deu-lhe um lugar onde ele e Adoniram poderiam morar. Adoniram pregou para o meio-irmão do imperador e para quem mais quisesse ouvir. Certa vez, o imperador pediu-lhe que pregasse na corte.

Adoniram retornou a Rangum, e mais uma vez passou a dedicar-se à tradução. Em 12 de julho de 1823, concluiu o Novo Testamento e fez um breve comentário do Antigo Testamento, em doze partes. Quando Nancy voltou, em boas condições de saúde, após uma estada de 27 meses nos Estados Unidos, a viagem até Ava, pelo rio Irrawaddy, foi como uma segunda lua-de-mel, durante a qual Nancy contou a Adoniram todas as novidades dos Estados Unidos. Em Ava, tiveram de ficar em um barco por duas semanas, até que lhes fosse erguida uma casa de alvenaria.

## GUERRA COM A INGLATERRA

Os Judsons compareceram à opulenta inauguração da nova cidade real. Pouco tempo depois, os ingleses atacaram e tomaram Rangum. Quando Adoniram chegou na cidade, descobriu que seus dezoito convertidos haviam se dispersado e que suas casas foram destruídas. Os americanos eram suspeitos de trabalhar como espiões para os ingleses.

Em 8 de junho de 1824, mais de uma dezena de birmaneses, liderados por um oficial, arrombaram a porta da casa dos Judsons. Após amarrá-lo de uma forma muito dolorosa, arrastaram-no primeiramente ao palácio, que estava sendo usado

como tribunal, e então para a casa de execuções. Três pares de algemas de ferro foram rebitadas em seus tornozelos. Ele caiu no chão sujo, suas roupas rasgaram-se e seu rosto ficou imundo. Foi posto em um canto, e tão-logo seus olhos se acostumaram à luz mortiça conseguiu divisar cerca de cinqüenta pessoas, inclusive seus amigos estrangeiros. Alguns dos prisioneiros já estavam próximos da morte. O mau cheiro quase o fez vomitar.

À noite, uma longa haste de bambu, presa ao teto por algum dispositivo, era baixada, passada por entre as pernas algemadas dos prisioneiros e mais uma vez suspensa, de forma que somente seus ombros tocassem o chão. O braço de Adoniram estava cortado por causa da corda, e seus pés, suspensos, esfolados pelas pesadas algemas de ferro. Ao amanhecer, a vara de bambu era baixada até cerca de vinte centímetros do chão. Uma vez por dia, os prisioneiros eram levados por cinco minutos ao pátio da prisão, para se aliviarem.

Todas as manhãs, às nove horas, o criado de Adoniram trazia-lhe um pouco de comida, enviada por Nancy. Os outros tinham auxílio semelhante. Uma vez por semana, bondosas mulheres birmanesas também traziam alguma comida, que os homens enrolavam em folhas, na tentativa de guardar para mais tarde, mas logo ela apodrecia, aumentando o mau cheiro.

## MORTE E TORTURA

Na maior parte do tempo, os prisioneiros eram proibidos de falar. Todas as tardes, às três horas, dois executores vinham buscar dois prisioneiros para serem mortos. Os que ficavam sabiam que tinham pelo menos mais 24 horas de vida.

Nancy subornou os oficiais para que a deixassem ver Adoniram. Foi-lhe permitido ficar do lado de fora da casa de execuções para falar com ele, mas ele não tinha como caminhar e arrastou-se até ela. Ela mal pôde reconhecê-lo. Irrompeu em lágrimas, mas logo controlou-se para poder trocar umas

poucas palavras com ele. Logo ordenaram-lhe rudemente que saísse, chorando.

Antes disso, Nancy havia sido longamente interrogada por oficiais birmaneses, e os criados bengalis de Nancy foram postos a ferros. Ela subornou os guardas para que fossem libertados. Ao voltar para casa, enterrou no quintal a maior parte da prata que possuía, e em outro local os manuscritos do Novo Testamento traduzidos por Adoniram. No dia seguinte, foi novamente interrogada. Não mentiu, mas permitiu que o Senhor guiasse suas respostas, conseguindo reter alguns de seus pertences.

Depois de esforçar-se por algumas semanas, Nancy convenceu os oficiais a transferir os estrangeiros para uma prisão externa. Adoniram recebeu uma pequena choça só para si. Mas, em 1.º de março de 1825, cada prisioneiro recebeu mais duas algemas — agora tinham cinco em cada perna —, e foram todos transportados para um cômodo interno da casa de execuções.

No dia 2 de maio, após onze meses de aprisionamento, todos os prisioneiros estrangeiros foram retirados da prisão e conduzidos dois a dois, como gado. Adoniram estava doente e não se alimentara naquela manhã. A temperatura externa superava os quarenta graus. Seus pés estavam tão frágeis que caminhar na areia ardente causava-lhe grande dor. Eles se cobriram de bolhas e, menos de dois quilômetros adiante, estavam em carne viva. A cada passo, deixava uma pegada de sangue, e tanto ele quanto todos os outros prisioneiros, a exceção de um, desmaiaram.

Nancy finalmente descobriu onde estavam os prisioneiros e dirigiu-se para lá no dia seguinte. Viajou de barco e de carruagem até a prisão de Oung-Pen-La, que distava treze quilômetros de Ava. Encontrou Adoniram praticamente inconsciente. Os pés dos prisioneiros voltaram a ser suspensos, e uma nuvem de mosquitos banqueteava-se neles. Na manhã seguinte, o carcereiro deixou-os sair por alguns minutos, mas somente um dos sete que ainda sobreviviam (um havia morrido), conseguiu fazê-lo.

A pequena Maria Judson nasceu enquanto Adoniram estava na prisão. Nancy levou-a para que o pai a visse. Logo depois, Maria adoeceu com varíola, e Nancy, com disenteria, ficando tão fraca que mal podia andar. Tomou uma carruagem para Ava a fim de conseguir remédios e comida de melhor qualidade. Recuperou a caixa de remédios que havia deixado com o governador, tomando duas gotas de láudano de cada vez. Tomou um barco e uma carruagem de volta, arrastou-se até em casa e então desmaiou.

Nancy estava muito fraca para amamentar Maria, então subornou o carcereiro para deixar Adoniram sair da prisão durante algum tempo, todas as noites. Ele percorria o vilarejo de casa em casa, carregando Maria nos braços e implorando que mães birmanesas que estivessem amamentando a deixassem mamar um pouco. Às vezes, Adoniram tinha permissão para passar uma ou duas horas com Nancy. Adoniram perdeu todo o ânimo, mas, de alguma forma, todos sobreviveram.

Os sofrimentos por Cristo e pela Birmânia não impediram Adoniram nem Nancy. Sua consagração não era de curto prazo. Seu compromisso iria até o dia em que Deus os levasse para casa. Não dispunham de serviço de correspondência rápido ou freqüente, e não havia outros meios de comunicação disponíveis. Eles não planejavam e nem mesmo pensavam em tirar uma licença ou em "descansar e recuperar-se" em sua terra natal. A vida deles estava inteiramente comprometida com Jesus.

Amando Jesus acima de tudo, transmitindo sua visão e amor pela Birmânia, bem como sua determinação para que o povo birmanês fizesse parte da noiva de Cristo na eternidade, eles prosseguiram "até a morte".

# 11

## Adoniram Judson

*Segunda parte:* Vitória apesar do sofrimento

### SOBREVIVENDO AO PLANO DA MORTE

Adoniram Judson ainda estava na prisão de Oung-Pen-La, na Birmânia, quando chegou o rumor de que o novo governador planejava matar todos os estrangeiros, oferecendo-os como sacrifício para derrotar os ingleses. Mas ele caiu em desgraça junto ao imperador, e em 28 de maio, três dias antes que o sacrifício fosse realizado, o governador morreu. Ele fora arrastado pela cidade, espancado e então pisoteado até a morte por elefantes.

Os prisioneiros sobreviveram, assim como os Judsons. Em agosto, foram levados para Amarapura, onde cada um recebeu uma cópia do documento inglês que tratava dos termos de paz. Adoniram foi libertado em 4 de novembro, sendo-lhe ordenado que fosse para Maloun, onde as negociações de paz estavam em andamento, para atuar como tradutor.

Adoniram chegou a Maloun quase morto e com febre, eventualmente perdendo a consciência. Delirou durante dois dias e ficou muito fraco para se mexer, mas sua mente tornou-se clara, permitindo-lhe traduzir os muitos papéis que lhe eram trazidos. Teve de ensinar aos birmaneses como as nações lidavam

com acordos e contratos. Por fim, um tratado foi assinado, e ele foi levado de volta rio acima, em direção a Oung-Pen-La.

Enquanto os birmaneses utilizavam Adoniram como tradutor, Nancy, sem que ele soubesse, ficara seriamente doente, com meningite cérebro-espinhal. Ao voltar para casa, mal pôde reconhecer Nancy ou sua filha, tão magras e abatidas que estavam.

## UMA TRÉGUA NO JANTAR

No início de 1826, os ingleses começaram a avançar, subindo o rio Irrawaddy. Toda a cidade de Ava ficou em pânico. Adoniram, seu amigo cirurgião oftalmologista, o dr. Price, e dois ingleses capturados foram solicitados a traduzir as exigências britânicas. Os ingleses recusavam-se a alterar os termos — a rendição dos líderes capturados de Arakan, Tenasserim, Assam e Manipur e o pagamento de um milhão de libras esterlinas. Os birmaneses tentaram convencer os ingleses a negociar. Por fim, quando os ingleses estavam apenas a poucos quilômetros de distância, os birmaneses derreteram vasos de ouro e prata e enviaram de barco aos ingleses barras que valiam apenas um quarto do montante exigido. Adoniram foi encarregado de fazer a entrega.

Adoniram voltou para dizer aos birmaneses que todos os estrangeiros que quisessem juntar-se aos ingleses deveriam ser publicamente interrogados e que todo o dinheiro deveria ser entregue imediatamente. Uma flotilha de seis a oito barcos, carregando os estrangeiros e o dinheiro, desceu o rio até o navio a vapor inglês Diana. Era o primeiro navio a vapor que os birmaneses viam, e ficaram aterrorizados. Os Judsons foram tratados como a realeza pelo comandante inglês. Foram necessários alguns dias para que fossem arranjados os detalhes do tratado. Então foi preparado um jantar de gala para a assinatura.

Viam-se bandeiras e flâmulas inglesas por toda parte, enquanto tocava uma banda militar rigorosamente uniformizada.

*Sir* Archibald Campbell estava elegante em seu uniforme. Ofereceu o braço a Nancy e conduziu-a ao lugar de honra. Os birmaneses tremiam violentamente, em especial seu líder, que havia tratado Adoniram de modo tão cruel. Por um ano e meio, Nancy teve de se humilhar perante ele, implorando por dinheiro. Agora, era tratada como convidada de honra.

Nancy contou a Campbell como ela e Adoniram haviam sido tratados por aquele homem, como lhe arrancara o guarda-chuva de seda, colocando-a sob o sol quente até o meio-dia. Os oficiais ingleses, com grande esforço, se controlaram, permanecendo em silêncio enquanto ela contava sua história. Os birmaneses não conseguiam entender o que ela dizia, mas compreendiam os olhares dos oficiais ingleses. O rosto do chefe da delegação birmanesa ficou coberto de suor e chegou a tremer de maneira incontrolável. Nancy disse-lhe delicadamente: "Você não tem nada a temer". Mostrava-lhe o perdão de Jesus.

## MORTE DUPLA

Os Judsons estabeleceram-se no novo núcleo inglês construído em Amherst, e Nancy começou uma escola para as crianças. Três dias após chegarem, Adoniram partiu por dois meses para Rangum. Então acompanhou uma delegação britânica até Ava, escoltado por 28 ingleses e quinze indianos. Os birmaneses tentavam continuamente mudar sua parte no tratado de colonização. Em 24 de novembro de 1826, um birmanês chegou com uma carta lacrada em um envelope negro. "Vim informar-lhe do falecimento de sua filha", disse ele a Adoniram. Mas quando Adoniram abriu o envelope, descobriu que era Nancy quem havia morrido, um mês antes, em 24 de outubro de 1826.

Adoniram ficou completamente abalado pela tristeza durante algum tempo. Era excruciante dar-se conta de que Nancy estava morta. A pequena Maria também sofreria devido ao físico frágil. A esposa de outro missionário já havia ajudado os Judsons a tomarem

conta dela, e agora tomava-a sob seus cuidados novamente, até que Adoniram voltasse para casa. Seis meses após a morte de Nancy, Maria foi enterrada ao lado da mãe. Tinha dois anos e três meses de idade.

Adoniram passou a dedicar-se totalmente ao trabalho de tradução, mas se debatia com a sombra da solidão e da depressão. Então, em julho, seu pai morreu em Massachusetts, ele que ambicionara tantas coisas para o filho! Em sua solidão, Adoniram começou a pensar se sua vida não fora motivada mais pela ambição que por amor a Jesus. Começou a ler as obras de Madame Guyon, Fénelon e outros. Também praticava a auto-negação e buscava a humildade. Com o tempo, a melancolia começou a passar.

Adoniram escreveu, imprimiu à mão e distribuiu, somente para os que lhe pediam, dez mil folhetos evangélicos. Algumas pessoas faziam viagens de dois ou três meses para solicitá-los.

## FINALMENTE, OS FRUTOS

Um novo casal missionário, os Boardmans, começou a trabalhar entre os karens, grupo tribal muito mais receptivo que os birmaneses. No entanto, o sr. Boardman contraiu tuberculose e, em 1831, enquanto viajava a trabalho entre os karens, morreu. Havia batizado 34 pessoas antes de morrer. Sua esposa, Sarah, continuou a lecionar na escola e fazia pequenas incursões evangelísticas entre os karens.

Foram necessários nove anos para que as primeiras dezoito pessoas se convertessem. Cinco anos depois, 242 birmaneses e 113 estrangeiros haviam sido batizados.

## A BÍBLIA TRADUZIDA

Adoniram agora era o mais antigo no grupo missionário. Conhecia o idioma e o povo birmanês melhor que ninguém.

Durante todo o biênio 1832-1833, Adoniram trabalhou nas traduções da Bíblia em birmanês. Isolou-se de todos para não

ser interrompido, e terminou o Novo Testamento em 15 de dezembro de 1832. Imprimir o Novo Testamento e outras obras evangélicas tornou-se tarefa essencial. Adoniram não se contentava em traduzir do inglês. Utilizava o Novo Testamento grego e o Antigo Testamento hebraico. Em 31 de janeiro de 1834, concluiu o Antigo Testamento e sentiu-se livre do fardo que já carregava havia muitos anos.

## O SEGUNDO CASAMENTO

Algumas semanas depois, Adoniram recebeu uma carta de felicitações de Sarah Boardman, que ficara na Birmânia após o falecimento do marido. Hábil e talentosa, ela percorrera a floresta infestada de tigres, levando o evangelho de um vilarejo karen para outro. Ela tinha trinta anos, e Adoniram, 46. Casaram-se em 10 de abril de 1834, após um namoro de quatro dias. Já se haviam passado oito anos desde a morte de Nancy e três desde a morte de Boardman.

Adoniram e Sarah fizeram do idioma seu principal ministério. Ele sugeriu que, uma vez que ela era especialista nos idiomas karen e birmanês, deveria aprender o idioma taling e verter para ele a partir do birmanês. Sarah também organizava reuniões femininas de oração, aulas e outras atividades com mulheres. Adoniram pregava todas as noites, e aos domingos a igreja ficava lotada. Todas as manhãs, ele reunia-se com seus assistentes birmaneses antes do café da manhã, encorajando-os e orientando seus ministérios. A igreja já contava com 99 membros e continuava a crescer.

## A BÍBLIA BIRMANESA REVISADA

Adoniram terminou a revisão do Antigo Testamento em 26 de setembro de 1835. Um mês mais tarde, Sarah deu à luz Abigail Ann. No fim de março de 1837, ele completou a revisão do Novo Testamento. Uma semana mais tarde, em 7 de abril de

1837, nasceu-lhe um filho, Adoniram Brown Judson, e em 15 de julho de 1838, outro filho: Elnathan.

Adoniram desenvolveu uma tosse que lhe inflamou os pulmões. Em fevereiro de 1839, foi enviado a Calcutá, por mar, a fim de recuperar a saúde. Melhorou durante algum tempo, mas só podia pregar uma vez por semana. Em 31 de dezembro de 1839, nasceu Henry, seu quarto filho.

Em 24 de outubro de 1840, Adoniram enviou para a gráfica a última página da Bíblia em birmanês, com 1 200 páginas, em um volume. Sentia-se bastante satisfeito com o Novo Testamento; ele o vinha revisando há vinte anos. Mas ainda não estava totalmente satisfeito com o Antigo Testamento.

Adoniram sentia que parte do trabalho de sua vida estava feito, mas nem toda a Birmânia estava aberta para os missionários. Ele agora precisava dedicar-se ao fortalecimento dos cristãos e orar para que fossem abertas todas as portas do país. Seus colaboradores o incentivavam a aplicar seu tempo à produção de um bom dicionário de birmanês, o qual seria útil a todos, inclusive a futuros tradutores.

## A LUTA CONTRA AS ENFERMIDADES

Em 8 de março de 1841, Sarah deu a luz um menino natimorto. Na época, todos os filhos estavam com coqueluche, e antes que se recuperassem contraíram disenteria. Sarah também adoeceu. Em junho, os médicos disseram a Adoniram que a única esperança de manter a esposa e os dois filhos mais velhos vivos era uma viagem por mar. Então eles embarcaram em um navio que partia para Calcutá. Era época das monções, e o navio quase afundou.

Chegando a Calcutá, Adoniram levou a família para Serampore, mas o calor e os ventos eram tão fortes, que seus filhos tiveram uma recaída. O pequeno Henry (um ano e sete meses) morreu. Mais uma vez, o médico aconselhou Adoniram a levar a família

em uma viagem de navio, se quisesse salvar a vida deles. A viagem até as ilhas Maurício transcorreu em meio a uma enorme tempestade, e duas velas com seus mastros foram levadas pelo vento. Adoniram evangelizou a tripulação, e, com exceção de dois homens, todos comprometeram-se com o Senhor. Mais tarde, batizou quatro deles.

Sarah teve mais três filhos — onze no total (três de seu primeiro marido, Boardman, sendo que apenas um sobrevivera, e oito de Adoniram, dos quais sobreviveram seis) — e trabalhou um pouco na tradução de O *peregrino* para o birmanês. Em 1845, ela desceu a costa durante algum tempo na tentativa de melhorar de saúde com a mudança de clima, mas voltou para casa dois meses depois, sem experimentar melhora.

Tentando salvar a vida de Sarah, Adoniram contrariou sua decisão de nunca voltar aos Estados Unidos. Deixaram as três crianças menores para trás, cada um com um missionário diferente. A mais nova, com apenas quatro meses de idade, foi amamentada por uma missionária, juntamente com o bebê dela. Com Sarah e as três crianças mais velhas, Adoniram zarpou para os Estados Unidos, levando consigo dois ajudantes birmaneses, a fim de continuar trabalhando em seu dicionário.

## A MORTE DE SARAH

Quando aportaram em Moulmein (ao sul da moderna Myanmar), Sarah havia melhorado tanto que decidiram que ela deveria seguir sozinha com as três crianças, na expectativa de voltar em poucos anos. Mas ela sofreu uma súbita recaída, e Adoniram viu que não podia deixar de acompanhá-la. Quando o navio estava perto de Santa Helena, Sarah morreu. Adoniram e o comandante levaram o corpo de Sarah para terra firme em um pequeno bote a remo, e um caixão de madeira foi conseguido na cidade. Quatro mulheres generosas carregaram o corpo de Sarah até um local, debaixo de uma figueira-de-bengala, onde ela foi

enterrada. Assim que Adoniram e o comandante retornaram ao navio, ele zarpou. Foi uma longa e triste viagem até os Estados Unidos.

## "MR. GLORY-FACE"

Quando Adoniram e seus filhos desceram do navio, multidões o aguardavam. A história da vida de sua primeira esposa fora lida por centenas de milhares de pessoas, e o sofrimento que ele havia suportado era bem conhecido. Milhares haviam orado por ele. Seus pulmões estavam tão prejudicados que ele mal conseguia falar, mas a presença de Deus era tão visível em seu rosto que alguém o chamou "*mr.* Glory-Face" ["sr. Rosto Glorioso"].

Cultos de boas-vindas eram celebrados um após o outro. Eram muitos os que queriam encontrar-se com ele. Sentia-se quase sufocado e ansiava por momentos calmos e solitários. Providenciou para que dois de seus filhos ficassem cada um em um lar. Recebeu então a notícia de que seu filho Charlie havia morrido na Birmânia.

## O TERCEIRO CASAMENTO

Adoniram viajou para a Filadélfia com um amigo pastor, que lhe emprestou um livro para ler enquanto o trem era impedido de seguir viagem devido a um acidente. O livro, de crônicas curtas, fora escrito por Fanny Forester, que era na verdade o pseudônimo de Emily Chubbock, famosa escritora de livros infantis. Adoniram ficou muito impressionado com o estilo e qualidade de seus escritos. Indagou se ela era cristã. Seu amigo respondeu-lhe que sim; ela era batista. Para surpresa de Adoniram, ela estava hospedada na casa do pastor para onde ele se dirigia.

Emily sustentava os pais com o que escrevia. Adoniram perguntou-lhe se gostaria de escrever a biografia de sua esposa

Sarah. Ela ficou feliz em fazê-lo, pois na infância, ela mesma desejara tornar-se missionária. Após umas poucas semanas, Adoniram pediu-a em casamento. Ele estava com 57 anos, e ela, com 28.

De início, eles enfrentaram uma tempestade de críticas — um missionário tão respeitado e em idade tão avançada casar-se com uma moça tão nova! Ainda assim, em 2 de junho de 1846, celebraram um pacato casamento. Ele visitou e deu adeus a seus três filhos, e, em 11 de julho, com lágrimas e acenos de centenas de pessoas no cais, eles zarparam. Ele jamais tornaria a ver seus filhos ou sua terra natal.

## DE VOLTA À BIRMÂNIA

Emily escreveu expressivas descrições de todas as coisas interessantes que encontraram na viagem e na chegada à Birmânia. Ela era uma arguta observadora, interessada em tudo, e uma grande alegria para Adoniram. Era também boa marinheira e divertiu-se durante a viagem de quatro meses. Foi a viagem mais feliz já empreendida por Adoniram.

Ao aproximarem-se de Amherst, onde o navio atracaria, um destacamento de boas-vindas, formado pelos novos cristãos, veio encontrá-los em um pequeno bote. Era tudo muito estranho e novo para ela, mas tinha de ser valente. Como poderia enfrentar tudo o que Deus tinha preparado para eles? Emily entrou no camarote e chorou, mas Adoniram orou em seu ouvido, acalmando-a, e ela adormeceu. Depois de três dias, eles remaram rio acima até Moulmein. Emily tomou como seus os dois filhos de Adoniram, Henry (o segundo a receber esse nome) e Edward.

Adoniram sentiu que não eram necessários em Moulmein, porque nessa ocasião já havia trinta missionários. Assim, foi para Rangum, a fim de verificar se poderia dispor de estrutura adequada para trabalhar em seu dicionário. Ficou lá dez dias e encontrou-se com o governador, que prometeu um lugar para

uma igreja inglesa. No entanto, ele não podia falar de Cristo aos birmaneses. Alugou um lugar para ficar, retornou a Moulmein, levou aproximadamente uma semana para arrumar a bagagem e então levou a família de volta a Rangum.

O novo lar dos Judsons era o andar superior de uma grande construção, com quartos enormes e diversos morcegos. Eles o chamavam de "castelo do Morcego". Depois de sete meses, a intolerância do governo, a falta de comida e a doença obrigou-os a retornar à Moulmein. Seu bebê, Emily Frances, havia nascido. Ambos sentiram-se excepcionalmente bem no ano seguinte, e 1847 foi o ano mais feliz da vida de Emily.

Além de trabalhar no dicionário, Adoniram era o supervisor geral da obra missionária e pregava todos os domingos. Tornou-se perceptivelmente mais suave e afável, passando algum tempo com os filhos e organizando reuniões para as vinte crianças da missão. Em 24 de janeiro de 1849, ele terminou a seção "inglês-birmanês" do dicionário (seiscentas páginas) — uma extraordinária realização.

Durante o ano de 1849, Emily havia estado fraca, mas sua saúde melhorou. Já Adoniram desenvolveu uma tosse terrível, disenteria e febre.

## AMOR MAIS PROFUNDO, VITÓRIA MAIOR

Adoniram começou a passar cada vez mais tempo orando. Disse a Emily que "por quarenta anos havia tentado amar a todos, tanto quanto o Salvador ordenara. Tentara continuamente, e falhara continuamente. Por quarenta anos, havia considerado um pecado amar a si mesmo e ter sentimentos de orgulho".[1] Havia sofrido injustiças indizíveis e visto os birmaneses serem tratados injustamente pelo governo. Ele desejava perdoar, como Cris-

[1]Courtney ANDERSON, *To the golden shore*, Boston: Little, Brown, 1956; reimpr., Grand Rapids: Zondervan, 1972, p. 495.

to ensinou. Mas, tinha amado aqueles homens violentos, que maltratavam seus subjugados? Teria ele experimentado o conceito que John Wesley usava de uma vida mais profundamente santificada — "amor perfeito"? Ele sentia que ainda carregava ressentimentos, mas sabia que o amor divino podia varrê-los. Ele orava continuamente a esse respeito ao longo do tempo.

> Então, um dia, em janeiro de 1850, [Adoniram] levantou a cabeça do travesseiro e disse [a Emily]: "Finalmente sou vitorioso. Amo todos aqueles que Cristo redimiu, como acredito que ele gostaria que os amasse". [...] Finalmente, ele disse: "Agora estou em paz com o mundo inteiro e, o que é melhor, em paz com minha própria consciência. Sei que sou um miserável pecador aos olhos de Deus, sem nenhuma esperança além das benditas virtudes do Salvador, mas não consigo pensar em nenhum pecado em particular, em nenhum pecado especialmente incômodo que tenha agora o dever de corrigir. Pode mencionar-me algum?". Emily não pôde.[2]

Daquele momento em diante, Adoniram passou a desfrutar da gratificante sensação de uma grande paz. Mas começou a ficar fisicamente mais fraco, letárgico, e dormia muito mais. O médico prescreveu uma viagem pelo mar para recuperar a saúde. Emily estava esperando outro filho para breve, e não pôde acompanhá-lo. Conversaram sobre a possibilidade de sua morte. Ele disse:

> Deitado aqui, em minha cama, quando não podia falar, tive visões tais da carinhosa condescendência de Cristo e das glórias do céu que acredito serem poucas vezes concedidas a um homem mortal [...] Não estou cansado de meu trabalho nem estou cansado do mundo. Mas, mesmo assim, quando Cristo me chamar para casa,

[2]Ibid., p. 496.

> irei com a alegria de um garoto que sai da escola. Quem sabe me sinta um pouco como a jovem noiva que contempla resignada as lembranças de sua infância, de um lar que ainda lhe é o mais querido — embora as semelhanças sejam tênues, pois não tenho nenhuma dúvida sobre meu futuro.
>
> A morte jamais me pegará de surpresa — não tenha medo disso — sinto-me tão forte em Cristo [...] Entrego-me inteiramente nas mãos de Deus, para que faça de mim conforme sua divina vontade.[3]

Logo antes de Adoniram ser carregado para o navio, disse a Emily: "Nunca tive muito interesse em nenhum assunto. Nunca orei sincera e determinadamente por nada, mas era-me concedido. Em algum momento, independente de quão distante estivesse o dia, de alguma forma, em algum aspecto — provavelmente de um modo que jamais teria imaginado — era-me concedido".[4]

## A ÚLTIMA VIAGEM DE ADONIRAM

Três de abril de 1850. Esse foi o dia no qual Adoniram foi carregado para o navio. Emily pôde passar um certo tempo ao seu lado, um pouco a cada dia, até 6 de abril, quando o navio partiu. Um dos missionários foi encarregado de acompanhá-lo. Sua vida fora marcada por separações e sofrimentos. Agora, mais uma vez, ele era separado daqueles a quem amava. Quando chegou o fim, ele segurava a mão do missionário, apertando-a gentilmente de tempos em tempos. Vários oficiais do navio reuniram-se à porta de seu camarote para observar. Por fim, às 4h15 de 12 de abril de 1850, ele deu seu último suspiro sobre a terra.

[3]Ibid., p. 499.
[4]Ibid., p. 501.

A tripulação alinhou-se no convés e silenciosamente deixou o caixão escorregar para a escuridão do mar. Estavam poucas milhas a oeste da Birmânia. Em 22 de abril, dois dias depois de Emily ficar sabendo da morte de Adoniram, ela deu à luz seu segundo filho, que morreu ao nascer.

No ano seguinte, Emily voltou para os Estados Unidos com as três crianças. Preparou os detalhes biográficos da vida do marido, e três anos mais tarde, em primeiro de junho de 1854, morreu de tuberculose. Dois dos filhos de Adoniram tornaram-se pastores e um tornou-se médico. Um ficou permanentemente inválido na guerra civil, e uma de suas filhas tornou-se diretora de uma universidade.

Adoniram foi o primeiro missionário americano a partir para o exterior. Pagou o alto preço de um sofrimento repetitivo e quase inacreditável. No entanto, manteve a face firmemente fixa em Cristo e na Birmânia. Que grande herói da cruz!

# 12

## DWIGHT LYMAN MOODY

### *O ganhador de almas*

QUANDO DWIGHT LYMAN MOODY foi para o céu, em 22 de dezembro de 1899, Deus o havia usado, por meio de sua pena ou de sua palavra, para alcançar mais pessoas em mais lugares que qualquer outro que tivesse vivido antes dele. Havia evangelizado pelo menos cem milhões de pessoas e talvez dialogado pessoalmente com cerca de 750 mil. Muitas vezes pregava para algo em torno de 40 a 70 mil pessoas por semana, e às vezes reuniam-se de 10 a 20 mil pessoas para ouvi-lo. Um escritor disse que Moody havia reduzido a população do inferno em pelo menos um milhão de almas.

#### O IMPROVÁVEL GANHADOR DE ALMAS

Talvez nunca tenha havido um candidato tão improvável para ser usado poderosamente nas mãos de Deus como Moody. Ele nasceu em 5 de fevereiro de 1837, em meio à miséria. Seu pai morreu orando de joelhos, quando Dwight tinha quatro anos de idade. A família de nove crianças freqüentava escola dominical. Sua mãe fazia diariamente uma breve leitura devocional e orava com os filhos, mas Dwight parecia aprender pouco.

Toda a sua educação formal resumiu-se a não mais de cinco anos do ensino fundamental. Sua caligrafia mal era legível, e seus escritos eram repletos de erros ortográficos e gramaticais.

Quando o pai de Dwight morreu, os credores tomaram tudo, até mesmo a lenha. As crianças tinham de ficar na cama até a hora de ir para a escola, a fim de se manterem aquecidas. Eram tão pobres que seus irmãos carregavam as meias e os sapatos quando iam à igreja, para poupá-los do desgaste. Quando Dwight estava com dez anos, ele e um dos irmãos foram trabalhar em uma fazenda a vinte quilômetros de distância. Aos dezessete, ele cansou do trabalho agrário e foi para Boston sem nenhum dinheiro. Quase entrou em desespero por não encontrar emprego.

Dwight não se sentia à vontade entre os rapazes da cidade, mais cultos e bem vestidos. Seus gestos e expressões eram mais toscos, e tropeçava nas palavras quando tentava ler. Quando já tinha certa idade, seu amigo, Charles Spurgeon, brincava dizendo que Moody era a única pessoa que conseguia pronunciar "Mesopotâmia" em uma única sílaba.

Dwight foi ganho para Cristo por seu professor de escola dominical, com a idade de dezoito anos. Tentou imediatamente juntar-se à igreja, mas compreendia tão pouco a respeito da Bíblia ou da salvação que depois que os presbíteros o sabatinaram, deixaram-no em experiência por seis meses. Durante esse período, três membros da junta da igreja encarregaram-se de explicar-lhe a Bíblia.

Ainda assim, Dwight jamais se tornou um estudioso. Era por demais ativo e inquieto para tornar-se um grande líder. Amava a Bíblia e lia-a constantemente, mas era, na mesma medida, indiferente à teologia e às tendências contemporâneas. Sua gramática e pronúncia eram visivelmente imperfeitas.

## EVANGELISMO NA ESCOLA DOMINICAL

Dois anos após sua conversão, Dwight mudou-se para Chicago e tornou-se vendedor de sapatos. Também alugou um banco na

Plymouth Congregational Church [Igreja Congregacional de Plymouth] e o enchia com os jovens que conhecia nas pensões e esquinas. Em pouco tempo, já havia alugado quatro bancos e os preenchia todos os domingos.

Em seguida, Dwight descobriu uma pequena escola dominical missionária na North Wells Street e ofereceu-se para lecionar em uma das classes. Eles já dispunham de dezesseis professores, mas somente doze crianças compareciam às aulas. Disseram-lhe que poderia atuar como professor, se conseguisse seus próprios alunos. No domingo seguinte, ele apareceu com dezoito garotos esfarrapados que encontrara pelas ruas. Em pouco tempo, superlotou o prédio. Em 1858, iniciou uma escola dominical missionária de maiores dimensões em outra parte de Chicago, e o salão, maior, logo também ficou lotado.

Dwight alugou um salão ainda maior, e rapidamente encheu-o de crianças de rua. O comparecimento médio ficava em torno de 1 500 pessoas. Elas amavam Dwight, apinhavam o lugar e cantavam com grande entusiasmo. As crianças começaram a ser salvas, os pais começaram a vir, e Dwight passou a realizar cultos quase todas as noites da semana. Seis anos depois, esse grupo formou uma igreja independente, da qual, com o tempo, formou-se a Moody Memorial Church.

A falta de estudo e refinamento de Dwight era evidente a todos. Até os moleques de rua que convidava para a escola dominical consideravam-no inculto. Anteriormente, na Igreja Congregacional de Plymouth, em uma ocasião na qual Dwight pregou fervorosamente, um dos diáconos disse-lhe que serviria melhor ao Senhor ficando em silêncio. Outro elogiou seu empenho em encher os bancos, mas comentou que seria melhor que não tentasse falar em público.

— Você comete muitos erros de gramática — disse ele.

— Sei que cometo erros e que me falta muita coisa, mas estou fazendo o melhor que posso com o que tenho — respondeu

Dwight. Então perguntou de maneira direta: — Venha cá, meu amigo, você sabe bastante gramática. O que está fazendo com isso pelo Mestre?

Apesar dessas limitações, Dwight era autoconfiante, dinâmico e astuto para os negócios. Saiu-se tão bem como vendedor que em quatro anos juntou sete mil dólares. Aos 22 anos, ficou noivo de uma professora de dezesseis anos de idade, que lecionava em uma das classes da escola dominical que fundara. Casaram-se três anos mais tarde. Sua esposa era mais refinada, e após o casamento, ajudou-o a compensar sua educação precária. Ao longo da vida, Dwight foi sempre propenso a ser tosco e impetuoso, mas sua total integridade, seu espírito carinhoso e seu amor pelos outros conquistaram-lhe aceitação e respeito.

Ao verem a integridade, o zelo e o trabalho bem-sucedido de Dwight, vários empresários cristãos conhecidos, incluindo John Farwell, sócio de Marshall Field, e Cyrus McCormick, inventor da ceifadeira, começaram a interessar-se por ele, auxiliando-o financeiramente.

## MINISTÉRIO EM TEMPO INTEGRAL

Dwight sentiu que as oportunidades espirituais eram tão grandes que em 1861 desistiu de todos os negócios e passou a dedicar-se exclusivamente ao trabalho na escola dominical e na ACM. Por meio da ACM, passou a realizar cultos vespertinos de oração para adultos, chás às sextas-feiras, aulas de inglês para os imigrantes, reuniões diárias de oração ao meio-dia e uma campanha de distribuição de folhetos por toda a cidade. Foi presidente da ACM de Chicago por quatro anos. Tornou-se um orador popular nas convenções da ACM. Realizou uma turnê de quatro meses, representando a ACM nas ilhas Britânicas. Nesse meio-tempo, deu prosseguimento a suas atividades na escola dominical e organizou uma igreja.

Durante a guerra civil, Dwight tornou-se importante membro da Christian Commission [Comissão Cristã], organização que fornecia material impresso (Bíblias, folhetos evangélicos, livros e periódicos religiosos) e outros bens (como cobertores) aos soldados e aos prisioneiros de guerra. Envolveu-se intensamente nesse trabalho, tanto na área de Chicago quanto nos muitos outros campos de batalha dos estados sulistas. Distribuía folhetos por onde quer que fosse e atendia tanto os soldados da União quanto os confederados. Realizava de oito a dez cultos diariamente, e os cultos de domingo eram praticamente ininterruptos. Havia muitos campos de prisioneiros na área de Chicago, e centenas de soldados à beira da morte comprometiam-se com Cristo, quando oravam com ele ou com seus auxiliares. Por diversas vezes, mesmo antes de dizerem amém, os novos cristãos regozijavam-se em Cristo. O céu parecia muito próximo!

Ao fim da guerra, Dwight retornou ao trabalho na ACM e na escola dominical. Sua escola dominical era a segunda maior dos Estados Unidos e tornou-o nacionalmente famoso. As pessoas viajavam milhares de quilômetros para estudar seus métodos. Ele era chamado para ministrar palestras em convenções regionais de escolas dominicais, em diversas áreas. Graças a seu empenho, muitas escolas dominicais concordaram em se unir na utilização da mesma série de lições, nascendo daí a *Standardized international Sunday School lesson series* [*Série de lições para escola dominical padronizadas internacionalmente*], utilizada por milhares de igrejas e em uso até os dias de hoje.

## REUNIÕES DIÁRIAS DE ORAÇÃO AO MEIO-DIA

As reuniões diárias de oração ao meio-dia, realizadas em Chicago, remontavam aos reavivamentos e à época de Charles Finney (1857-1858), quando eram realizadas em milhares de cidades e povoados por todo o país. Mas elas haviam minguado,

a ponto de muitas vezes reunirem apenas três ou quatro pessoas. Dwight reavivou-as, e multidões tão grandes começaram a comparecer que Dwight arrecadou cem mil dólares para a construção de um auditório maior — o Farwell Hall — para a realização das reuniões. Ele acomodava três mil pessoas. Em separado, havia ainda uma sala de oração para mil pessoas. Tinha também biblioteca, sala de leitura, divisão de publicações e folhetos, departamento de auxílio aos necessitados e um gabinete de orações particular. Foi consagrado em setembro de 1868.

## IRA D. SANKEY

Na convenção da ACM de Indianápolis, em 1870, Dwight conheceu Ira David Sankey, presidente da ACM de Newcastle, Pensilvânia, e ouviu-o cantar pela primeira vez. Cristão desde os dezesseis anos, Ira era coletor de impostos e filho de um membro do legislativo estadual. Com seu modo peculiar, Dwight avisou Ira: "Você vai ter de deixar seu emprego. Tenho procurado por você nos últimos oito anos". Mas Ira hesitava em abandonar a segurança de seu bom salário no governo.

No dia seguinte, Dwight convidou Ira para encontrar-se com ele em uma determinada esquina de Indianápolis. Quando Ira chegou lá, Dwight estava colocando um barril na calçada. Dwight disse a Ira para subir no barril e começar a cantar. Antes que se desse conta, Ira viu-se sobre o barril, cantando "Am I a soldier of the cross?" ["Sou um soldado da cruz?"]. Em pouco tempo, reuniu-se ao seu redor uma multidão, formada pelos trabalhadores das fábricas que voltavam para casa, ali permanecendo para ouvir o sermão de Dwight. Não levou muito tempo para que Ira se demitisse do emprego, tornando-se parceiro de Dwight nos ministérios de Chicago. Daquele momento, até a morte de Dwight, Deus abençoou poderosamente a equipe Moody-Sankey nos Estados Unidos e nas ilhas Britânicas.

Ira possuía uma voz poderosa, que cobria grandes distâncias. Também tocava um pequeno órgão de fole dobrável, onde quer que fosse com Dwight em suas cruzadas. Um dos hinos mais famosos de Ira foi *The ninety and nine* ["As noventa e nove"]. Na Escócia, as igrejas só cantavam salmos, nunca hinos, e não utilizavam instrumentos musicais. Apesar disso, o canto de Ira os persuadiu. Para que pudessem dispor do tipo de música que ele e Dwight queriam em seus encontros, Ira editou um hinário, que vendeu setenta milhões de exemplares. O volume seguinte vendeu bem mais de cinqüenta milhões, e ainda hoje é utilizado na Inglaterra.

## CHEIO DO ESPÍRITO

A primeira visita de Dwight à Inglaterra foi em 1867, quando ele quis estudar os métodos utilizados na obra cristã naquele país. Ficou especialmente satisfeito em ouvir e conhecer o famoso pastor inglês Charles Spurgeon. Também conheceu o renomado homem de fé George Müller e os orfanatos que ele mantinha pela fé em Bristol. Durante o tempo em que Dwight esteve em Dublin, após um encontro de oração que atravessou a noite com vinte pastores e evangelistas, Henry Varley disse-lhe: "O mundo ainda está para ver o que Deus fará com, para e por meio de um homem total e completamente comprometido com ele". Dwight resolveu: "Eu serei esse homem".[1]

O ano de 1871 foi crucial para Dwight no aspecto espiritual. Ele era um obreiro formidável, mas, segundo o dr. R. A. Torrey, seu auxiliar e sucessor: "não tinha verdadeiramente poder. Trabalhava, em grande medida, no vigor da carne".[2] Deus usou

[1]J. Gilchrist LAWSON, *Deeper experiences of famous Christians*, Anderson: Warner Press, 1911, p. 345.

[2]*Why God used D. L. Moody*, Chicago: Moody Press, 1923, p. 55. (Publicado em português com o título *Por que Deus usou D. L. Moody* [Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1966.)

duas mulheres piedosas, fiéis da Igreja Metodista Livre, para levar Dwight à vida cheia do Espírito pela qual ele ansiava.

Sara Anne Cooke e sua amiga viúva, a sra. Hawxhurst, sentavam-se no primeiro banco da igreja de Dwight todos os cultos. Enquanto ele pregava, elas oravam, como ele podia claramente ver. Então, ao fim de cada culto, elas se levantavam, cumprimentavam-no e agradeciam, dizendo: "Estamos orando por você". Isso deixava Dwight indignado, e ele dizia: "Por que vocês não oram pelas pessoas que não são salvas?". Elas calmamente respondiam: "Oramos para que você receba o poder".

Isso o deixou confuso. Ele já possuía provavelmente a maior igreja de Chicago, e a obra parecia crescer rapidamente. Deus certamente o estava abençoando. Mas aquelas senhoras continuavam orando. Depois de dois meses, uma fome espiritual avassaladora tomou conta da alma dele. Então dirigiu-se a elas e disse: "Eu gostaria que me explicassem o que querem dizer". Elas lhe deram seu testemunho e oraram com ele para que o evangelista fosse cheio com o Espírito Santo.

Dwight declarou: "Senti uma grande fome em minha alma. Não sabia de que se tratava e comecei a chorar como nunca no passado. Aquela fome aumentava. Realmente senti que não queria continuar vivendo, se não pudesse ter esse poder para o serviço do Senhor".[3]

As mulheres continuaram orando. Numa sexta-feira, enquanto oravam juntos, Dwight orou: "Senhor, batiza-me com fogo e com o Espírito Santo". Duas noites mais tarde, em 8 de outubro de 1871, o grande incêndio de Chicago varreu a maior parte da cidade, e tanto a igreja de Moody quanto sua casa, bem como muitas outras casas pegaram fogo.

Dwight ficou arrasado. Foi a Nova York a fim de levantar dinheiro para construir uma nova igreja e para obras assistenciais. Enquanto descia a Wall Street orando, Deus repentinamente res-

[3]*Deeper experiences of famous Christians*, p. 348.

pondeu a sua oração pelo batismo com o Espírito Santo, e o poder do Espírito foi derramado sobre ele. Dwight saiu em disparada para a casa de um amigo e pediu-lhe um quarto onde pudesse ficar só.

Dwight permaneceu naquele quarto durante horas, sozinho com Deus. O Espírito Santo inundava continuamente sua alma com poder e alegria, até que ele pediu a Deus que retivesse seu Espírito, ou ele morreria ali mesmo de tanta alegria. Dwight deixou aquele quarto com o poder de Deus sobre ele e dentro dele.

O resultado? Dwight disse certa vez: "Voltei a pregar. Os sermões não eram diferentes. Eu não apresentava nenhuma verdade nova, mas centenas de pessoas se convertiam".[4] E ainda: "Que Deus me perdoe se pareço dizer isso de maneira prepotente, mas não sei de nenhuma ocasião em que tenha pregado, desde então, que Deus não me tenha dado alguma alma. Não voltaria à situação na qual me encontrava quatro anos atrás nem por toda riqueza do mundo".

Torrey conta que Dwight sempre lhe dizia: "Torrey, quero que você pregue sobre o batismo do Espírito Santo". Torrey diz ainda: "A todo momento, quando sou chamado para ir a alguma igreja, ele aproxima-se e diz: 'Agora, Torrey, tenha confiança e pregue sobre o batismo com o Espírito Santo'".[5]

## NAS ILHAS BRITÂNICAS

Logo após ser cheio com o Espírito, Dwight partiu para a Inglaterra. Não tinha nenhuma pregação programada, mas foi persuadido a pregar domingo pela manhã e à noite em uma igreja de Londres. Marianne Adlard, uma jovem inválida de Londres, lera em um jornal britânico sobre o trabalho feito em Chicago,

[4]Ibid.
[5]*Why God used D. L. Moody*, p. 57-8.

por um homem chamado Moody, entre as crianças pobres da cidade. Ela começou a pedir a Deus que mandasse esse homem a sua igreja, apesar de ela não poder ir pessoalmente aos cultos. Numa manhã, quando sua irmã chegou do culto matutino, Marianne perguntou se algo incomum havia acontecido. Ficou sabendo da visita de um pregador dos Estados Unidos, que atendia pelo nome de Moody. Marianne começou imediatamente a orar pelo culto da noite, recusando-se a almoçar. Naquela noite, por força do Espírito de Deus, várias centenas de pessoas aceitaram a Cristo. As reuniões continuaram por dez noites, e mais de quatrocentos novos membros foram acrescentados à igreja.

Esses cultos levaram Dwight a iniciar um maravilhoso ministério pelas ilhas Britânicas no ano seguinte, 1873, quando lá retornou com Ira. Começando com uma campanha quase sem precedentes em York, na igreja do reverendo F. B. Meyer, a campanha seguiu para o norte através da Inglaterra, Escócia e Irlanda, e novamente para o sul, até Londres. Dwight voltou aos Estados Unidos em 1875. Em pouco mais de dois anos, tornou-se o mais proeminente evangelista do mundo.

Durante os 24 anos seguintes, Deus operou poderosamente por intermédio de Dwight. Ele fundou uma escola para garotas e uma para garotos, perto de Northfield, Massachusetts. Também fundou o hoje bem conhecido Moody Bible Institute [Instituto Bíblico Moody], em Chicago, e o Bible Institute Colportage Association [Associação de Colportagem do Instituto Bíblico], para cobrir a nação de literatura evangélica a preços módicos.

Os efeitos da campanha realizada por Dwight em 1880 pela Inglaterra, Escócia, Irlanda e nas universidades de Oxford e Cambridge excederam os resultados das campanhas realizadas cinco anos antes. Em sua última campanha na Inglaterra, nos anos de 1891-1892, ele pregou em mais de cem lugares, três a quatro vezes ao dia.

Após retornar da Inglaterra, Dwight desenvolveu um plano para uma complexa campanha evangelística, visando a alcançar

os dois milhões de habitantes de Chicago. A ênfase dessa campanha era a oração e a evangelização. Certo dia, reuniu os alunos e professores de suas escolas em Northfield e Mount Hermon às seis da manhã "para buscar a unção do Espírito Santo". Com os olhos cheios de lágrimas e a voz trêmula, implorou-lhes: "Se vocês têm algum apreço por mim, se vocês me amam, orem para que Deus possa me ungir para a obra em Chicago. Quero estar cheio do Espírito para que possa pregar o evangelho como nunca. Quero ver a salvação de Deus como nunca".[6] Dwight era tão amado e respeitado ao redor do mundo que seu chamado à oração foi corres-pondido nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Suécia e na Alemanha. As pessoas separaram dias especialmente para se humilharem e orar.

A World's Columbian Exposition [Exposição Mundial de Columbia], ou World's Fair [Feira Mundial], foi realizada em Chicago, Illinois, em 1893, para comemorar o descobrimento da América em 1492 por Cristóvão Colombo. Dwight apegou-se à visão de uma campanha de evangelização maciça, coordenada por toda a cidade, a ser realizada nesse mesmo período. Ele arregimentou 24 proeminentes pastores americanos, 25 evangelistas americanos famosos, quarenta líderes cristãos europeus, diversos cantores, líderes universitários cristãos e alunos de seu Instituto Bíblico para trabalharem na campanha.

Dwight utilizou vários tipos de lugares para as reuniões por toda a cidade — prédios de igrejas, armazéns vazios, teatros, cinco barracas enormes e carroças. Sua equipe chegou a realizar até setenta reuniões de evangelização em um dia além de encontros para o aprofundamento da vida espiritual dos cristãos. Dwight disse: "Ora, não podemos levar os outros a uma proximidade com Cristo maior que a que desfrutamos, e é inútil nos

[6]Richard Elsworth DAY, *Bush aglow*, Grand Rapids: Baker, 1936, p. 311.

esforçarmos se não estivermos cheios do Espírito Santo. Queremos nos curvar e nos humilhar a seus pés. Examinemos e julguemos nossos pensamentos, verificando se há em nós algum hábito iníquo. Se fizermos essas coisas, nossa pregação será poderosa, e nosso trabalho produzirá uma preciosa colheita de almas".[7]

Em quatro semanas Deus estava derramando suas bênçãos. Milhares de pessoas compareciam aos cultos vespertinos durante a semana, e até 71 mil pessoas compareciam aos domingos. Em um domingo pela manhã, dezoito mil pessoas aglomeraram-se sob um calor sufocante. A multidão não emitia som algum. "O silêncio tornou-se palpável. O espírito do Pentecoste desceu sobre todos, e centenas de pessoas foram salvas."[8]

As reuniões prosseguiram de maio a outubro. Os obreiros voltavam todas as noites ao Moody Bible Institute para reportar-se a Dwight e tomar conhecimento de suas ordens para o dia seguinte. Eles chamavam essas reuniões de "o Santo dos Santos". Um relatório dizia o seguinte: "Os cristãos chegam a Chicago de todas as partes do mundo [...] Muitos receberam o batismo com o Espírito Santo [termo utilizado por Moody para a plenitude do Espírito] [...] Outros eram revigorados [...] e o fogo do reavivamento ardia por toda parte".[9]

Em 1.º de novembro de 1893, quando, bem depois da meia-noite, Dwight finalmente ficou sozinho, ele ajoelhou-se e chorou alto enquanto declarava seu amor e gratidão ao Senhor. Naquele momento, ele citou as palavras de Simão: "Agora podes despedir em paz o teu servo. Pois os meus olhos já viram a tua salvação" (Lc 2.29,30).

Dwight continuou a realizar campanhas por todo o país nos anos que se seguiram.

[7]Ibid., p. 315-6.
[8]Ibid., p. 317.
[9]Ibid., p. 320.

Em meados de novembro de 1898, Dwight foi a Kansas City, para o que seria sua última campanha. Pregou cinco noites, a multidões de quinze mil pessoas. Então sentiu-se esgotado. Dera o melhor de si. Ele debruçou-se no púlpito e apontou o dedo para cima, como já fizera centenas de vezes ao longo dos anos, e disse: "Boa Noite! Eu os verei pela manhã!".

Seus amigos o levaram a um trem; cujo maquinista curiosamente havia sido salvo por meio de uma pregação de Dwight. Ele chegou em casa fisicamente debilitado. "Ele fez o melhor que um ser humano, cheio do Espírito Santo, podia fazer."[10]

Então, em 22 de dezembro, enquanto aqueles a quem amava estavam a seu lado, ele disse audivelmente: "Se isto é a morte, não há vale algum. É glorioso. Passei pelos portões e vi as crianças! A terra se afasta, e o céu se aproxima! Deus está me chamando!". Ele sussurrou para a esposa: "Você foi uma boa esposa para mim". E ele finalmente chegou em casa. Estava com 62 anos de idade.

## POR QUE DEUS USOU MOODY?

Em uma mensagem que certa vez pregou no hipódromo de Nova York, Dwight disse:

> Deus tem um bom número de filhos que recebem a vida eterna a duras penas, mas não se capacitam para o serviço. Creio que se pode dizer com segurança, sem exagero algum, que de cada vinte cristãos confessos, dezenove recusam-se a assumir qualquer responsabilidade nessa terra, no que se refere à edificação do Reino de Cristo. Pelo contrário, são obstáculos. Isso porque assim que recebem a vida eterna se acomodam e não buscam o poder. A vinda do Espírito Santo sobre eles com poder é completamente diferente da conversão [...] Creio que realizaríamos

[10]Ibid., p. 329.

> mais em uma semana do que conseguiríamos fazer em um ano se tão-somente tivéssemos esse revigorante batismo.[11]

Quando o dr. C. I. Scofield, editor da famosa *Bíblia de referência Scofield*, discursou no funeral de Moody, deu quatro razões pelas quais Deus usou Dwight. 1) Ele era nitidamente salvo. Teve uma experiência clara e sabia disso. 2) Acreditava na autoridade divina da Bíblia. Para ele, a Bíblia era a voz de Deus. 3) Era batizado com o Espírito Santo e sabia disso. Essa experiência foi tão clara para ele como sua conversão. 4) Era um homem poderoso na oração e acreditava em um Deus poderoso.

## UM HOMEM DE ORAÇÃO

R. A. Torrey diz que Moody foi ainda mais notável como homem de oração que como pregador. Ele repetidamente superava obstáculos inconquistáveis por meio da oração. Queria que todas as campanhas estivessem impregnadas de oração e pedia que seus estudantes o apoiassem com orações. Eles muitas vezes oravam até as primeiras horas da manhã, e muitos tiveram sua vida transformada pela oração. Dwight costumava levantar-se todas as manhãs, por volta das quatro horas, para ler a Bíblia e orar.

## PAIXÃO PELAS ALMAS

Dwight sentia muita compaixão pelos perdidos. Logo após ser salvo, resolveu que, todos os dias, durante o resto de sua vida, falaria com alguém sobre a salvação de sua alma. Se esquecesse de testemunhar a alguém durante o dia, levantava-se à noite da cama, vestia-se e saía pelas ruas em busca de pelo menos uma alma para falar de Jesus. Certa vez, ele colocou-se diante de um

[11] V. Raymond EDMAN, *They found the secret*, Grand Rapids: Zondervan, 1984, p. 76,7.

homem que estava ao lado de um poste de luz e tentou ganhá-lo para o Senhor. Poucos dias depois, aquele homem foi salvo. Outra noite, viu um homem com um guarda-chuva sob uma chuva torrencial. Dwight adiantou-se e pediu:

— Posso dividir seu guarda-chuva?

— Certamente — disse o homem.

— E você dispõe de proteção espiritual para quando vier uma tempestade? — perguntou Dwight.

Em outra ocasião, Dwight caminhou em direção a um estranho e perguntou:

— Com licença, o senhor é cristão?

— Meta-se com seus negócios — respondeu o homem.

— Esse é meu negócio — disse Dwight.

— Bem, então você deve ser Moody! — exclamou o homem.

Em uma noite, Dwight foi visto sentando-se em um casebre, na periferia de uma cidade onde estava pregando. Um garotinho negro estava sobre seu joelho. Moody tinha uma vela na mão e ajudava o garoto a ler a Bíblia.

Determinado dia, em Chicago, quando Dwight trabalhava na escola dominical, avistou uma garotinha a certa distância. Já a convidara para a escola dominical, mas ela não viera. Dwight foi na direção dela, mas a menina começou a correr. Dwight correu atrás dela. Desceu por uma rua, subiu por outra, passou por um beco, entrou em um bar, saiu pela porta dos fundos, subiu a escada de trás e entrou em um quarto sobre o bar. A garotinha arrastou-se para debaixo da cama. Dwight puxou-a pela perna e levou-a a Jesus. Então conduziu a Jesus a pobre viúva e a outra criança da mesma família. Todos tornaram-se membros fiéis de sua igreja, e, anos depois, a garotinha desposou um dos líderes da igreja. Torrey disse: "Quando o sr. Moody puxou pelo pé aquela garotinha que se escondia debaixo da cama, estava puxando toda uma família para o Reino de Deus".[12]

[12]*Why God used D. L. Moody*, p. 52.

Assim era Moody — sempre faminto por almas, sempre cheio de compaixão, sempre disposto a fazer papel de bobo por Deus, sempre orando e esquadrinhando a Palavra de Deus, sempre humilde. Ele enfatizava a necessidade de todo cristão experimentar o ser cheio com o Espírito Santo. Certa noite, depois de alguns professores terem argumentado contra uma experiência dessa natureza, Moody virou-se para Torrey e disse: "Ora, por que eles ficam discutindo minúcias? Por que não enxergam que é disso que eles mesmos precisam?".

Por que todos não fazem o mesmo?

# 13

## EVAN ROBERTS

*Escolhido para o ministério de reavivamento*

QUEM FOI EVAN ROBERTS, o jovem ferreiro e mineiro de carvão que Deus escolheu para acender a chama do reavivamento por todo o País de Gales e grande parte do mundo? Evan nasceu em 8 de junho de 1878, o nono de uma família de catorze filhos. Oito deles estavam vivos na época do reavivamento galês. Desde criança, Evan sempre quis ajudar os outros e fazê-los felizes. Era bastante abnegado e fazia o trabalho ao redor da casa, pensando em poupar o tempo de seu pai.

### UMA CRIANÇA QUE ORAVA

Evan reunia as crianças e todos fingiam participar de uma cerimônia religiosa, em que ele era o líder. Decorou vários hinos do hinário metodista calvinista. Na medida do possível, freqüentava todas as reuniões realizadas na igreja — adoração, reunião de oração e escola dominical. Sentia um interesse constante pelas coisas espirituais. Desde que se filiou à igreja, com a idade de treze anos, desenvolveu o hábito de meditar na Palavra de Deus. Por diversas vezes, enquanto meditava, esquecia-se de tudo o que acontecia ao seu redor.

A religiosidade de Evan exercia uma influência velada tão significativa sobre as outras crianças da família que, apesar de não terem consciência disso, respeitavam-no mais que a seus amados pais. As crianças diziam: "Temos de ficar quietos — Evan está vindo!". Ele nunca era rude ou bravo com elas, mas se qualquer um dentro de casa falasse de uma forma que ele desaprovasse, apenas uma olhada, sem uma palavra, era o bastante para que se calasse.

Até onde Evan podia lembrar-se, sempre amara ao Senhor e não tinha certeza da data de sua conversão. Dizia que, apesar de conhecer ao Senhor, não teve consciência do amor de Deus queimando em seu coração, até depois de ser cheio com o Espírito Santo. No entanto, durante todos aqueles anos, ansiava fazer mais por Jesus. Era um grande amante da natureza e via a Deus nela toda. As flores primaveris sobre as colinas falavam-lhe da Água da vida, que jorra do coração de Deus e sacia a sede dos pecadores. As montanhas falavam-lhe da imutabilidade da Trindade. As belezas da criação falavam-lhe da diversidade infinita e da própria natureza de Deus. Quando olhava para o sol, lembrava-se do Filho da justiça. Na verdade, ele muitas vezes começava a rir quando olhava para o sol. A grandiosidade da criação lembrava-lhe que Deus é infinito e onipotente. Toda a natureza parecia recordar-lhe as realidades espirituais. Algumas de suas lembranças mais agradáveis eram as da criação, pois ela lhe revelava Deus.

## UM APAIXONADO PELA PALAVRA DE DEUS

A família de Evan era muito dedicada à religião e voltada para o espiritual. A Bíblia era o assunto das conversas em volta da lareira. O pai de Evan, Henry, durante toda a juventude, memorizara diariamente uma parte da Palavra de Deus. Ele sabia grande parte da Bíblia de cor. A mãe de Evan, Hannah, também amava a Bíblia. E, na época em que Evan começou a ser usado por Deus, ela já havia decorado grande parte das Escrituras.

A morte prematura de Henry, quando Evan estava com doze anos, obrigou Evan a trabalhar na mina de carvão local para ajudar no sustento da família. Desde a época em que começou a trabalhar na mina, demonstrava diariamente seu amor a Deus, ansiando por mais do Senhor e tentando obedecer-lhe. Orava constantemente e clamava a Deus, em especial por dois motivos: "Deus, enche-me com o teu Espírito", e: "Deus, envia um poderoso reavivamento".

Enquanto trabalhava, Evan quase sempre cantava, orava e repetia versículos bíblicos. Levava a Bíblia consigo para a mina e lia durante o intervalo do almoço, enquanto os outros jogavam cartas. Na ferraria, mantinha-a aberta e à mão. À noite, quando chegava em casa, lia-a durante horas. Não era incomum que a lesse até mesmo enquanto comia. Evan também gostava de ler comentários bíblicos e livros de teologia. Apreciava muito orar de joelhos e não raro, enquanto orava, perdia a noção do tempo. Já aos quinze anos, foi nomeado professor e secretário da escola dominical. Em pouco tempo, assumiu a superintendência da escola dominical, e foi em seguida convidado a liderar o coral. Evan também aprendeu a tocar piano e órgão e apreciava escrever hinos sobre o Espírito Santo e poesias que expressassem verdades espirituais.

## UMA VIDA DE ORAÇÃO

Evan não conseguia lembrar-se de uma época durante a qual não orasse. Desde a infância, orar era para ele tão natural quanto respirar. A oração era a influência mais poderosa em sua vida. Orava em casa, enquanto caminhava na rua e no trabalho. Preferia passar o tempo orando, em vez de sentar-se para comer. Quando chegava do trabalho, ainda que estivesse faminto, ia sempre antes para o quarto. Passava alguns momentos buscando comunhão na oração e só depois ia comer.

Por diversas vezes, depois de todos irem para a cama, Evan passava algum tempo orando, eventualmente algumas horas.

Depois de entrar na escola preparatória, passava com freqüência mais da metade da noite orando de joelhos, principalmente em comunhão silenciosa. O diretor da escola dizia nunca ter visto ninguém orar com tanto ardor e intensidade como Evan. Absorto em oração, ele repetidamente clamava: "Oh!", com a alma profundamente aflita.

Durante o reavivamento, Evan costumava ficar no púlpito em silêncio e orava durante longo tempo, chegando a ficar assim uma hora e meia, sem interrupções. Algumas vezes enfraquecia e debruçava-se sobre a Bíblia no púlpito e orava com profundos suspiros de ansiedade. O objetivo de sua vida era estar continuamente em oração.

Evan sempre sentia que outros oravam por ele. Ficava totalmente absorto em oração, quase como se pudesse ouvir as orações daquelas pessoas. Mais tarde, ele às vezes descobria que muitos estavam mesmo orando por ele no instante em que sentia que oravam.

Evan ansiava pelo derramamento do Espírito Santo em reuniões de adoração e acreditava que o sucesso de uma reunião dependia diretamente do quanto oravam por ela. De vez em quando, interrompia os que cantavam e dizia-lhes que orar era mais importante. Certa vez, ele disse: "Podemos cantar a noite inteira sem que ninguém seja salvo. É a oração que faz diferença, que salva e que traz o céu para o nosso meio. Orem, amigos, orem!".[1]

Evan tinha a profunda convicção de que Deus planejava usá-lo de alguma forma no País de Gales, mas, como não possuía os requisitos educacionais necessários para freqüentar uma faculdade teológica, matriculou-se em uma escola preparatória. Entretanto, tinha dificuldade para concentrar-se, por causa de seu intenso desejo de orar.

[1]Eifion EVANS, *The Welsh revival of 1904*, Bryntirion: Evangelical Movement of Wales/ Bryntirion Press, 1969, p. 141.

## CHEIO DO ESPÍRITO SANTO

Em 29 de outubro de 1904, apenas duas semanas após haver entrado na escola, Evan foi um dos vinte jovens que acompanharam o reverendo Seth Joshua, principal evangelista do Forward Movement [Movimento Avante] no País de Gales, até Blaenanerch para participar de encontros. Pelo caminho, eles cantavam:

> Está vindo, está vindo o poder do Espírito Santo.
> Eu recebo, eu recebo o poder do Espírito Santo.[2]

Em um culto realizado às sete da manhã, Joshua incluiu estas palavras em sua oração de encerramento: "Domina-nos, ó Senhor". Ao sair para o café da manhã, Evan orou: "Senhor, subjuga-me". O Espírito Santo disse-lhe: "É disso que precisas". Deus comoveu-o profundamente durante o culto das nove da manhã com estas palavras: "Deus demonstra seu amor" (Rm 5.8). O Espírito Santo desceu sobre sua vida de forma poderosa. Caiu de joelhos, com o rosto suando profusamente e com lágrimas escorrendo dos olhos. Durante cerca de dois minutos, ele gritou: "Subjuga-me, subjuga-me, subjuga-me! Oh! Oh! Oh! Oh!". Ele sentia o amor de Deus dominando-o, e visualizava os perdidos curvados diante de Deus no dia do Juízo.

A oração que Evan vinha fazendo constantemente havia treze anos havia sido respondida, e ele sabia que havia sido cheio com o Espírito Santo. "Arde em meu peito o desejo de ir por toda a região de Gales e contar sobre o Salvador", disse ele.[3] Enquanto orava, naqueles dias, Evan teve uma visão de uma equipe formada por seus jovens amigos, partindo com ele através

[2]Wesley L. DUEWEL, *Revival fire*. Grand Rapids: Zondervan, 1995, p. 185. (Publicado em português com o título *O fogo do reavivamento*, São Paulo: Candeia, 1995)

[3]*Welsh revival*, p. 70.

do país, em uma campanha evangelística. Deus deu-lhe uma visão de centenas de milhares sendo ganhos para Cristo. Continuou exortando as pessoas a que orassem pedindo o Espírito Santo, a que se rendessem completamente e a que obedecessem ao Espírito Santo. Continuou falando sobre o reavivamento, seguro de que Deus o enviaria. Em uma ocasião, escreveu: "O fogo divino começou a tomar posse de nós". "Render-se totalmente" era uma expressão que usava repetidamente.

Evan dedicou a Deus cada um de seus dias, e Deus veio poderosamente sobre ele conforme sua oração. Houve uma noite na qual não conseguiu dormir por causa do poder da presença de Deus. Ele relatou: "O cômodo estava cheio do Espírito Santo. O derramamento era tão esmagador que [...] tive de implorar a Deus para manter sua mão sobre mim!".[4]

## VISÕES

Deus também concedeu visões a Evan, durante o período de orações em Blaenanerch. Em uma dessas visões, ele contemplou o enorme poço de chamas do inferno cercado por um muro com uma porta. Viu ainda uma multidão que se estendia até o horizonte, em direção ao poço. Ele clamou a Deus para trancar a porta do inferno por um ano.

Em outra visão, Evan viu Satanás em uma cerca, zombando, rindo e desafiando-o. Viu então uma gloriosa figura de branco com uma espada flamejante levantada. A espada atingia a figura de Satanás, que desaparecia instantaneamente. Evan sabia que Cristo estaria derrotando Satanás.

Em outra ocasião, Evan viu a Lua brilhando intensamente e um braço, que se estendia em direção ao mundo. Teve essa visão segunda vez, e então a mão estendida trazia um pedaço de papel, onde se lia: "100 000".

[4]Ibid., p. 79.

Na noite seguinte, 30 de outubro, domingo, enquanto participava de um culto, Evan teve outra visão. Pôde ver a sala de aula de seu próprio vilarejo e seus jovens amigos e companheiros diante dele, sentados em seus lugares. Pôde ainda ver-se falando com eles. Uma pessoa destacava-se dentre as demais. Aquela pessoa foi a primeira a ser movida pelo Espírito quando Evan iniciou suas reuniões em Loughor. Ele ouviu a voz de Deus: "Vá e pregue a essas pessoas". Por fim, ele disse *sim* a Deus. A visão imediatamente terminou, e toda a capela parecia estar cheia de luz e de glória.

Naquele domingo, um pastor pregou sobre o texto: "Pai, chegou a hora. Glorifica o teu Filho, para que o teu Filho te glorifique". Evan concentrou-se de tal forma na presença de Deus que se desligou de todo o resto. Um de seus amigos relatou: "Eu não conseguia ver o rosto de Roberts; aqueles que conseguiam, disseram-me que seu rosto brilhava, seu semblante estava transformado e parecia estar sob uma maravilhosa influência".[5]

Na segunda-feira pela manhã, em 31 de outubro, o diretor autorizou Evan a se ausentar da escola por uma semana. Quando chegou em casa, sua família ficou perplexa com seu comportamento. Ele falava sobre ter sido grandemente abençoado, sobre ter sido batizado e cheio com o Espírito Santo. Quando pensava na carência do País de Gales, irrompia em lágrimas e chorava, mas quando pensava nas promessas de Deus sobre o reavivamento e as almas, ria de alegria. Ele disse a seu irmão Dan: "Você vai ver. Haverá uma grande transformação em Loughor em menos de duas semanas. Teremos em Gales o maior reavivamento já visto". Estando à mesa, disse à família: "Devemos crer em Deus e em sua Palavra [...] ocorrerão coisas maravilhosas neste lugar, antes do fim da semana".[6]

[5]D. M. PHILLIPS, *Evan Roberts*: the great Welsh revivalist and his work, London: Marshall Brothers, 1923, p. 161.

[6]Ibid., p. 171.

O reavivamento enviado por Deus começou na noite daquela segunda-feira, 31 de outubro, na sala de aula contígua à igreja de Loughor, e se estendeu durante a semana, nos cultos realizados em Loughor e em outra capela próxima. Em pouco tempo, espalhou-se por Gales do Sul e Gales do Norte. Os treze anos de oração de Evan pelo reavivamento, bem com as orações de muitos outros, haviam obtido resposta.

O fogo do reavivamento aceso pelo Espírito Santo naquela noite pulou de país em país. Dois anos depois, cerca de cinco milhões de pessoas já haviam se convertido e se juntado à igreja. Não foi por força nem por violência, mas pelo Espírito de Deus (Zc 4.6).

Dois dos cinco primeiros convertidos durante o reavivamento, Henry e John Penry, levaram-me à antiga escola onde o reavivamento começou. "Eu estava sentado ali, quando o fogo caiu", disse Henry, um dos treze jovens que estiveram presentes naquela noite. "Mais tarde, estávamos orando na antiga capela Moriah [Moriá]. Enquanto orava de joelhos com Henry e John, após eles terem testemunhado como Deus se manifestara no reavivamento de 1904, Henry orou: 'Senhor, venha mais uma vez de maneira repentina'. Enquanto ainda estávamos de joelhos e ele orava, comecei o poema abaixo, que terminei após eu mesmo ter orado."

## VEM REPENTINAMENTE

(Ml 3.1)

Vem repentinamente mais uma vez, Senhor;
teu templo espera por ti no dia de hoje.
Vem, conforme a tua Palavra;
vem repentinamente, mesmo enquanto oramos.
Ó bendito, bendito Espírito Santo,
traze o reavivamento de que tanto precisamos.

Com tua grande graça, prepara nosso coração
para tua grande obra nestes nossos dias.
Ajuda cada um de nós a fazer nossa parte;
remove todo obstáculo de teu caminho.
Ó Espírito Santo, inspira nosso coração;
e desce com todo teu santo fogo.

Precisamos de ti, mais do que podemos perceber;
precisamos de ti, mais do que podemos dizer.
Oramos para que dissipes nosso pecado e mundanismo;
para que venhas, purifiques e encha-nos a todos.
Ó Espírito Santo, vem sobre nós agora
quando, necessitados, nos curvamos diante de ti!

Oramos a ti, Senhor, para que mais uma vez acendas a chama
do fogo de reavivamento do Espírito Santo.
Vem agora, como nos dias da Antigüidade;
pois por ti esperamos com grande desejo.
Vem repentinamente sobre os que te pertencem
e faze tua santa presença notória.

Vem repentinamente e faze muito mais
do que podemos fazer em meses e anos.
Por tua misericórdia, imploramos continuamente;
louvando-te pela proximidade do reavivamento!
Vem, Espírito Santo, desce ainda hoje!
Oramos para que venhas repentinamente sobre nós.[7]

## ESPLENDOR SANTO

Evan tinha um metro e oitenta de altura, era esbelto, ativo e de movimentos ágeis. Não raro, sacudia os longos braços enquanto

[7]Wesley DUEWEL, *Revival fire*, p. 14. Escrito na Moriah Chapel, Loughor, Gorseinon, sul de Gales, 24 setembro de 1964. Os galeses cantam esse poema com a melodia *Stella* em seu hinário. (Publicado em português com o título O *fogo do reavivamento* [São Paulo: Candeia, 1995].)

falava. Tinha o profundo desejo de ver os pecadores salvos e, quando os encontros começavam, ele chorava pelos perdidos. Quando estava em comunhão com Deus, o rosto dele brilhava de tal forma que todas as pessoas ao redor notavam. Sua face "brilhava de forma sobrenatural, como deve ter ocorrido com o rosto de Moisés, quando este desceu do monte Sinai".[8] Muitas vezes, ele ficava tão cheio de alegria que parecia não perceber as coisas que acontecia ao redor dele. Quando Evan convidava outras pessoas para orar com ele, elas pareciam ser imediatamente tomadas por um espírito de oração e louvor e sentiam-se inteiramente confortáveis ajoelhando-se com ele. Também pareciam esquecer do tempo, apanhadas por aquela realidade espiritual.

Evan evitava criticar as pessoas, em vez disso, as enaltecia. Amava os amigos, orava constantemente por eles e estava pronto a sacrificar qualquer coisa por eles. Jamais dizia uma palavra depreciativa sobre seus opositores. Sempre, lembrava as pessoas sobre Jesus.

Se um determinado assunto em uma conversa não o agradasse, ele começava a falar sobre os milagres de Deus e da salvação dos pecadores. Começava a rir, até que todos estivessem alegres. Sempre que ouvia sobre a conversão de um grande pecador, ria e dizia: "Graças a Deus!". Não raro, lágrimas começavam imediatamente a correr de seus olhos.

## GUIADO PELO ESPÍRITO

Evan sempre dependia da orientação do Espírito para aceitar convites, comparecer a cultos ou mesmo participar deles. Não foi a Cardiff, onde milhares de pessoas o esperavam, porque se sentiu retido pelo Espírito. Ele queria ficar em segundo plano, deixando toda a glória para Cristo. Em alguns lugares, as multi-

[8]David MATTHEWS, *I saw the Welsh revival*, Chicago: Moody Bible Institute, 1951, p. 38.

dões ficavam distraídas a princípio, mas se Evan sentisse que Deus o havia enviado, ele perseverava. Não demorava e ocorriam muitas e poderosas conversões nesses lugares.

Evan sempre falava calmamente, sem tentar impressionar as pessoas. Ele procurava, na medida do possível, permanecer em um plano secundário, exceto quando o Espírito o incitava a fazer uma exortação, uma oração ou a exercer outra forma de liderança. Em alguns momentos, no púlpito, ficava em completo silêncio, e então alguém irrompia com uma oração compungida de confissão de pecados, seguida de outra e outra. As pessoas ajoelhavam-se nos bancos, nos corredores e por toda a igreja. Então começavam a cantar hinos de júbilo. Não era incomum que cultos matinais se estendessem pelo dia inteiro. A novidade chegava às outras igrejas, e o culto tornava-se um reavivamento regional.

Um jornalista londrino que compareceu às reuniões ficou maravilhado com a forma como as reuniões fluíam, quase sem liderança ou direcionamento humano. Tudo acontecia sucessivamente, conforme a direção do Espírito: cânticos, leitura da Bíblia, oração, testemunhos de convertidos e rápidas exortações dadas por vários irmãos. Evan exortava continuamente: "Obedeçam ao Espírito", e o Espírito mantinha a reunião pacífica e em santa ordem.

## UMA IRRESISTÍVEL SENSAÇÃO DA PRESENÇA DE DEUS

Em alguns cultos, o número de jovens e crianças sobrepujava o de adultos. Na verdade, um jornal relatou que, em geral, dois terços da congregação era formada por homens, dos quais metade era de jovens. Crianças entre nove e doze anos de idade oravam com grande unção e maturidade, para espanto das congregações. Não era incomum que os cultos, que se estendiam por horas, transcorressem como se em minutos. O povo perdia

a noção do tempo, consciente apenas da presença de Deus e do Espírito operando em sua vida. Um pastor ficou espantado ao sair de um culto e descobrir que haviam se passado dez horas. Disse que lhe pareceram apenas dez minutos, e ainda achou a igreja cercada por centenas de pessoas esperando pacientemente para entrar. E ali permaneceram a noite toda, em completo silêncio, dominados pela presença de Deus.

O reavivamento prosseguia poderoso, com pessoas orando, testemunhando e buscando a Deus. A maneira antiga e formal de adoração parecia quase impossível. As igrejas ficavam abarrotadas noite após noite, semana após semana, à medida que o fogo do reavivamento ardia. Em alguns lugares, partidas de *rugby* e de futebol tiveram de ser canceladas porque todos estavam completamente envolvidos no reavivamento.

O reavivamento espalhou-se como uma onda, de vale mineiro em vale mineiro, por todo o País de Gales. Não raro, ao começar, o reavivamento centenas de pessoas se convertiam, antes mesmo que Evan chegasse ao lugar. O repórter de um jornal visitou uma mina e a 65 metros de profundidade deparou com um grupo de oitenta mineiros ouvindo um operário ler o capítulo 6 de Mateus. Ele lia sob a turva luz das lanternas. Então cantaram, deram "améns", e cada um por sua vez conduzia a oração, até o momento de iniciar o turno de trabalho. Evan ia até as minas e saudava cada homem conforme saíam. Apertava a mão de cada um e convidava-o para as reuniões. A maioria comparecia. Os mineiros transformados acrescentavam vigor aos cânticos nos cultos e fervor às orações.

Muitas igrejas, ouvindo sobre o reavivamento em Gales do Sul, eram levadas pelo Espírito a desejar o reavivamento em sua cidade. O *modus operandi* que o Espírito parecia seguir era: 1) reuniões de oração, com a participação especialmente ativa dos jovens, e 2) oração contínua até o derramamento do Espírito Santo. Essas reuniões algumas vezes começavam a ocorrer

por iniciativa das pessoas, por algum dos presentes outras vezes, por iniciativa de líderes de igrejas ou até mesmo de todo o presbitério. Visitações do fogo do reavivamento em menor escala surgiram em várias outras partes das ilhas Britânicas.

Nas primeiras cinco semanas do reavivamento, vinte mil conversões foram registradas. Os repórteres compareciam aos cultos e contavam as pessoas que se levantavam e testemunhavam sobre seu novo nascimento. De 8 de novembro a 31 de dezembro, 34 131 pessoas nasceram de novo. Ao fim dos primeiros quatro meses, os jornais listavam 83 936 convertidos. Que não se pense que esse número representa o total, pois muitos vilarejos não informaram o número de convertidos.

## IMPACTO MUNDIAL

O reavivamento de Gales foi noticiado com detalhes e fotografias pela imprensa de diversos países — até mesmo em países católicos romanos como França, Itália e Portugal. O povo chegava aos vilarejos galeses de todas as partes das ilhas Britânicas e também de outros países. Em algumas ocasiões, podiam-se ver indianos, chineses, japoneses, alemães, franceses, americanos e russos nas igrejas dos pequenos vilarejos. Quando o Espírito os subjugava, era possível ouvi-los orar simultaneamente em vários idiomas. Os moradores locais demonstravam generosidade e hospitalidade, convidando-os às suas casas.

Chegavam pedidos de oração de vários países, e Evan cria que Deus espalharia o fogo do reavivamento por todo o planeta, e Deus o fez — o fogo alcançou a Índia, a Coréia, o norte da China e a América Latina.

Quando lhe perguntavam sobre o segredo do reavivamento, Evan respondia: "Não tenho segredo algum. Peça-o e receberá".[9] Tornou a dizer vários anos depois: "Por certo está além de

[9]Ibid., p. 171.

meu poder instigar um novo reavivamento, pois o reavivamento só pode ser concedido pelo Espírito Santo de Deus quando as condições são cumpridas".[10]

## UM MINISTÉRIO DE ORAÇÃO VITALÍCIO

No outono de 1905, o ministério e a influência de Evan haviam diminuído. Ele sentia-se fisicamente exausto e, em abril de 1906, afastou-se a fim de recuperar-se na casa de William Penn-Lewis, na Inglaterra. A partir de 1907, dedicou-se quase exclusivamente ao ministério de intercessão. Em fevereiro de 1932, escreveu: "Meu trabalho restringe-se à oração, e é a isso que tenho me dedicado nos últimos 25 anos [...] Empreendo à oração o mesmo esforço que empreenderia em qualquer outro trabalho religioso [...] Pregando, alcançaria apenas alguns — por meio da oração, posso alcançar toda a humanidade para Deus".[11]

Em 1928, Evan voltou a Gorseinon por um curto período, e participou de um grupo de oração com cerca de trinta membros. Deus usou-o na cura de algumas pessoas e para expulsar demônios. Evan tinha plena consciência do conflito existente contra Satanás e os espíritos maus, como se vê no livro que escreveu com Jessie, esposa de William Penn-Lewis, intitulado *War on the saints* [*Guerra contra os santos*].

De 1930 até sua morte, em 1951, Evan viveu em Cardiff, Gales do Sul. Em Gorseinon, seu amigos contaram-me que vez por outra ele voltava e sentava-se quieto em um dos cultos locais. Em 1964, sua última parente viva, a sra. Dan Roberts, viúva de seu irmão, apesar de meus protestos, presenteou-me com uma página do que restava da Bíblia galesa que Evan sempre carregava para a mina de carvão, na época em que trabalhava como mineiro. Ela havia sido danificada em uma explosão, em

[10]Ibid., p. 172-3.
[11]Ibid., p. 180.

Loughor, em 5 de janeiro de 1897. A explicação para sua insistência foi: "Você está dando sua vida pela mesma causa que meu cunhado deu toda a sua vida". (Na época, eu era editor de uma revista chamada *Revival* [*Reavivamento*], que a OMS International estava publicando em doze idiomas.) Isso me dá a certeza de que, até a morte, Evan Roberts intercedeu pela obra do Espírito Santo e pelo reavivamento.

(Escrevi as palavras que se seguem em Gorseinon, em 1964, depois de um período de oração com os dois irmãos Penry, na mesma sala em que tinha começado o reavivamento. Os irmãos — um líder de louvor e o outro organista — eram dois dos cinco primeiros convertidos de Evan Roberts durante o reavivamento. Na vez seguinte em que lá fui pregar, eles regeram esse hino com a melodia *Stella*.)

## Precisamos do Espírito

Senhor, acende mais uma vez a sagrada chama
do fogo do reavivamento do Espírito Santo.
Ele, que veio no Pentecoste,
é aquele a quem tanto desejamos.
Nós o necessitamos em nosso meio hoje;
ó envia-o a nós enquanto oramos.

Reaviva tua obra, ó Deus;
é pelo reavivamento que rogamos!
Espalha as labaredas desse fogo
e alcança as mais profundas necessidades de teu povo.
Ó envia o santo poder de teu Espírito
sobre nosso coração ansioso nesta hora.

Precisamos que o Espírito nos convença,
e mais uma vez traga a consciência de pecado.
Que a consciência dos pecadores seja incomodada,
e possam ver quão longe têm estado de Deus.

Que o convencimento do Espírito Santo se apodere deles
até que os pecadores estejam de joelhos.

Precisamos que o Espírito dê a luz,
por sua graça salvadora e transformadora.
Que ele revele a importância do Salvador;
que ele mostre a face carinhosa de Jesus.
Que ele liberte as almas acorrentadas,
com toda sua vida, alegria e paz.

Precisamos que o Espírito nos fortaleça,
nos purifique, preencha e santifique.
Envia-o sobre a igreja nessa hora
até que o Salvador tenha a todos glorificado.
Faze teu amor transbordar
e vidas e rostos resplandecer!

Torna a enviar teu reavivamento;
Senhor, deixa nosso espírito em chamas!
Revela tua glória para o homem;
exalta mais uma vez teu santo nome!
É do reavivamento que precisamos;
envia o Espírito Santo pelo qual rogamos!

WESLEY L. DUEWEL[12]

[12]Escrito em Penrheol, Gorseinon, Glams, sul de Gales, após um culto no Gospel Hall, em 23 de setembro de 1964. Melodia: *Stella*.

# 14

## GIROLAMO SAVONAROLA

*O reavivalista de rosto resplandecente*

GIROLAMO SAVONAROLA FOI UM dos maiores pregadores proféticos, reformadores e reavivalistas que o mundo já conheceu. Martinho Lutero tinha catorze anos quando Savonarola foi martirizado. Suas fulminantes condenações contra os pecados da Igreja Católica prepararam o caminho para a Reforma protestante.

Savonarola nasceu em 21 de setembro de 1452, em Ferrara, na Itália. Por ordem expressa de Alexandre VI, um dos mais terríveis papas, Savonarola, com a idade de 46 anos, foi enforcado, e seu corpo queimado em uma praça de Florença, a cidade que tanto amou. Embora seus pais fossem cultos, eram mundanos. Seu avô, de quem Girolamo recebeu uma boa educação, fora um importante médico na corte do duque de Ferrara. Savonarola foi um estudante bastante aplicado e em pouco tempo tornou-se exímio em artes liberais e na filosofia. Era um entusiasmado estudioso dos escritos de Aristóteles e Platão.

A obra de Tomás de Aquino nutriu a alma de Girolamo e levou-o a entregar sua vida e seu coração a Deus ainda em tenra idade. Sua devoção e seu fervor espiritual começaram na infância

e foram se intensificando à medida que ele crescia. Ajoelhava-se e orava perante o altar na igreja durante horas, até estar ensopado de lágrimas, prática que manteve a vida toda. Ele se afligia com a perdição do mundo, com a vergonhosa corrupção na igreja e com a rejeição que o povo demonstrava por Cristo e sua salvação. Sabia que Deus o havia chamado para afastar-se dos pecados daquela geração e para ser uma voz a serviço de Deus.

Savonarola foi um católico romano fiel, e sua vida foi moldada de acordo com os ensinos, rituais, cerimônias e todo o sistema religioso da Igreja Católica. Savonarola não conhecia nenhum outro caminho. Ainda assim, sua alma sensível sentia intensamente não apenas os pecados da sociedade, mas também os pecados da igreja. Essa consciência tornava seus dias uma constante tristeza.

## CAMINHANDO EM SANTIDADE EM DIREÇÃO AO SENHOR

Para onde quer que olhasse, Savonarola via mundanismo, imoralidade e iniqüidade. Ele ficava perplexo com o contraste entre o suntuoso estilo de vida dos ricos e a indizível pobreza da maioria miserável. Tinha um grande zelo pela verdade, pela pureza e pela santidade e ficava aterrado com a pecaminosidade desavergonhada da sociedade. Em especial, abalava-lhe o estilo de vida lascivo, pródigo e às vezes cruel dos políticos tiranos, sacerdotes, duques e muitos papas de sua época.

Savonarola falava pouco. Não raro, procurava ficar só. Entristecia-se com os pecados de seu país. Ficava muitas vezes perambulando às margens do rio Pó, cantando louvores a Deus ou chorando pelos pecados do povo. Seu único conforto era a oração.

Savonarola ia à igreja e prostrava-se nas escadas do altar durante horas, implorando a misericórdia e a ajuda de Deus contra os pecados de sua geração. O tempo que passou intercedendo e chorando preparou o caminho de Deus para a Refor-

ma. Sua oração parecia tornar-se mais fervorosa a cada dia. Tinha aversão ao mundo. Por estar cansado de assistir às injustiças e às mais descaradas perversidades, decidiu afastar-se do mundo e ingressar em um monastério.

Quando estava com 23 anos de idade, Savonarola, aproveitando a ausência da família, fugiu para um monastério dominicano em Bolonha, Itália. Seu autor predileto, Aquino, fora dominicano. Não pediu para tornar-se monge, mas que lhe fosse permitido fazer os trabalhos mais humildes. Havia deixado em casa um bilhete intitulado "Desprezo pelo mundo", comparando o mundo a Sodoma e Gomorra.

### UMA VIDA DE JEJUM E ORAÇÃO

No monastério, Savonarola dedicou-se ao jejum, à oração e a um longo e intenso estudo das Escrituras. Ele literalmente mergulhava dia e noite na Palavra de Deus, até que sua alma ardesse com o poderoso fogo do Espírito Santo. Conhecia a Palavra do início ao fim, e rapidamente sobrepujou seus pares em modéstia, humildade e obediência. Em pouco tempo, foi convidado a assumir o cargo de professor assistente de filosofia. Ao mesmo tempo, ia ficando cada vez mais triste e furioso com o pecado que via na Igreja Católica Romana.

Depois de sete anos, já com trinta anos de idade, Savonarola partiu para um monastério em Florença, a mais bela e erudita cidade italiana. Os governantes de Florença apoiavam significativamente a Renascença, um reavivamento do saber. A maioria do povo de Florença sabia ler grego e latim. Savonarola tinha grandes esperanças de encontrar vidas mais puras e nobres naquela cidade, mas por debaixo da cultura e da beleza encontrou vidas devassas, egoístas e pecadoras.

## Um profeta do juízo

Savonarola foi promovido ao posto de pregador dentro do monastério. Embora a biblioteca estivesse abarrotada de livros,

ele dedicava-se cada vez mais ao estudo e meditação da Bíblia. Viajava pelas cidades vizinhas e pregava sobre o juízo vindouro de Deus sobre o pecado, mas o povo não lhe dava ouvidos. Na própria Florença, às vezes apenas 25 pessoas vinham ouvi-lo pregar.

Savonarola certa vez compareceu a uma assembléia dos monges da Ordem dos Dominicanos, realizada em outra cidade. No segundo dia do encontro, ele levantou-se e condenou os pecados do clero e a corrupção na igreja. Ele estava exaltado, e sua eloqüente mensagem causou profunda impressão. Sua alma bradou contra pregadores famosos, que nunca condenavam os pecados do povo.

Certo dia, aos trinta anos de idade, Savonarola buscava a Deus em meditação e oração, quando o Senhor lhe concedeu uma visão que revelava seu futuro juízo sobre a igreja e uma voz que o conclamava a anunciá-lo ao povo. A partir daquele momento, ele sentiu que tinha um chamado divino. Deus revestiu-o com nova unção e imensa capacitação do Espírito Santo.

Savonarola tornou-se então um profeta para o povo. Denunciava os pecados deles aos gritos, a ponto de as pessoas deixarem o culto aturdidas e emudecidas. Não raro, a igreja inteira era levada às lágrimas, e o edifício inteiro ressoava com o choro alto do povo. Homens, mulheres, filósofos, poetas e trabalhadores — todas as classes de pessoas irrompiam em lágrimas ardentes. O reavivamento havia começado.

## O ROSTO RELUZENTE

Quanto mais Savonarola jejuava e intercedia pelo povo, mais o país era quebrantado, e o poder de Deus vinha de tal forma sobre ele que o pregador se via obrigado a retirar-se para um local solitário. Na véspera de Natal, quando já estava com 34 anos, sentou-se ao púlpito sem se mover durante cinco horas. Sua alma foi capturada em um êxtase santo, e todos na igreja

viram a luz da glória de Deus em sua face. Tais manifestações da glória de Deus em seu semblante ocorreram em diversas ocasiões posteriores.

Por três anos, Savonarola pregou poderosamente em um pequeno reino no norte da Itália. Muitos ficavam tão convencidos de seus pecados que choravam perante Deus. O Senhor disse a Savonarola que uma obra o aguardava em Florença, então, em 1489 ele voltou para lá.

Savonarola começou a lecionar sobre o livro de Apocalipse para os monges do monastério. Leigos começaram a comparecer. As reuniões tiveram de passar para a igreja, por causa das multidões. As pessoas penduravam-se nas grades para vê-lo e ouvi-lo. Então tiveram de mudar-se para a grande catedral, onde ele pregou os últimos oito anos em Florença.

## O REAVIVAMENTO COMEÇA

O povo tornou-se tão ansioso para ouvir as palavras de Savonarola que acordavam no meio da noite e esperavam durante horas pela abertura das portas da catedral. Vinham pelas ruas cantando e exultando. O reavivamento havia chegado. Savonarola previu a morte do duque, do papa e do rei de Nápoles, tudo no espaço de um ano. Suas predições concretizaram-se. Quando o duque estava em seu leito de morte, mandou chamar Savonarola para que orasse por sua alma, pois somente ele fora corajoso o suficiente para condenar-lhe os pecados.

Savonarola havia profetizado que um novo Ciro atacaria a partir dos Alpes, para punir o povo por seus pecados. Tempos depois, Carlos VIII, rei da França, atacou a Itália, capturando e saqueando a cidade de Nápoles, avançando em direção a Florença. O povo aglomerava-se em torno de Savonarola, que lhes exortava a se arrependerem. Ele então foi pessoalmente à presença do rei Carlos e instou-o a poupar Florença, ou Deus também derramaria sobre ele seu juízo. Carlos permaneceu ali algum

tempo, então, relutante, retirou-se da cidade. Savonarola tornou-se o herói do povo.

Savonarola agora aconselhava o povo em seus sermões a estabelecer um governo justo, um novo e evoluído governo democrático, com impostos justos, abolição da tortura, leis contra apostas e taxas de juros excessivas e mais recursos para os pobres. Durante anos, essa forma de governo serviu como modelo para diversas nações e continuou a influenciar o mundo moderno.

## O REAVIVAMENTO INTENSIFICA-SE

Deus usou Savonarola para causar uma revolução sem derramamento de sangue e um reavivamento bíblico e moral. A reforma e o reavivamento alastraram-se por Florença. A cidade tornou-se um lugar de orações. A maioria das pessoas ia à igreja e ajudava os pobres. Comerciantes restituíam os valores excessivos que haviam cobrado. Importantes cidadãos e eruditos tornaram-se monges dominicanos. Contendas eram deixadas de lado. Delinqüentes juvenis, garotos de rua e bandos de desordeiros deixaram de lado suas canções obscenas e vulgares e passaram a cantar louvores. Formaram a "milícia sagrada". Carnavais e espetáculos foram abandonados. Até mesmo a cidade de Florença deixou de lado suas tradicionais festividades. Foram proibidos o sexo imoral, os jogos de azar públicos e o consumo de bebidas alcóolicas. Os cidadãos abandonaram os livros mundanos e pervertidos e passaram a ler os sermões de Savonarola. Ele queria que Florença se tornasse "uma cidade de Deus".

Em 1497, um grande número de fogueiras foi acesa, e livros mundanos, retratos pornográficos, máscaras e perucas foram queimadas. Crianças marchavam de casa em casa, recolhendo objetos mundanos e pecaminosos — material de apostas, cosméticos, cabelo falso, pornografia e livros libertinos. Com esse material, fizeram uma enorme pirâmide octangular em praça

pública. Tinha dezoito metros de altura e 73 de circunferência na base. O povo a cercou de mãos dadas e cantou hinos, enquanto os sinos da igreja tocavam, e tudo foi queimado em uma grande fogueira "efésia" (v. At 19.18-20).

Houve ocasiões em que Savonarola pregou para multidões de mais de quinze mil pessoas — uma imensa multidão em 1497. Quando pregava, suas palavras saíam como em uma torrente, e o povo muitas vezes notava uma luz como que divina, que lhe emanava dos olhos e do rosto. Ele ensinava que todos os crentes estavam na igreja verdadeira. Seus seguidores eram chamados "os chorões", por chorarem pelos pecados do povo.

O papa tentou persuadir Savonarola a parar de denunciar os pecados do papa e do clero. Então tentou comprar seu silêncio, oferecendo-lhe o posto de cardeal. Savonarola recusou-se a interromper seus ensinamentos e suas pregações proféticas. Disse que o papa Alexandre era o representante de Satanás, e não de Cristo, e que precisava arrepender-se. Savonarola tinha profetizado diversas vezes que, após oito anos de ministério em Florença, ele seria martirizado, e sabia que isso ocorreria por causa de suas pregações contra os pecados do papa. Quando todos os esforços do papa para silenciar Savonarola resultaram nulos, o papa enviou emissários a Florença para incitar o povo a levantar calúnias contra Savonarola. O papa o excomungou e fez a seguinte ameaça: a menos que a cidade agisse contra Savonarola, todos os atos sagrados em Florença seriam suspensos — missas e cerimônias públicas de adoração, os sacramentos e todas as cerimônias fúnebres.

## TORTURA E MORTE

A maré começou a virar contra Savonarola. A turba que o havia enaltecido começou a insultá-lo. O papa ordenou que fosse preso e queimado em uma estaca. Ele foi preso junto com dois monges que o auxiliavam. Eles foram torturados e interrogados por quarenta dias, algumas vezes pelo próprio emissário do papa.

Savonarola foi submetido a sofrimentos inumanos. Suas mãos foram-lhe presas às costas por grossas correntes, sendo então amarradas a uma corda presa no teto do cômodo. Então ele era suspenso a uma grande altura, e em seguida o deixavam cair até poucos centímetros do chão com grande violência. Seu corpo continuava suspenso no ar e era mais uma vez erguido, de forma que os ombros eram deslocados, e os músculos, esticados e torcidos. Foi xingado, esmurrado e cuspido. Carvões em brasa foram usados em seus pés, de modo que a carne e os nervos estavam parcialmente queimados, mas ele se recusava a retratar-se. Esses métodos de tortura foram aplicados por diversas vezes. Quando era levado de volta à cela, ajoelhava-se e pedia a Deus que perdoasse seus inimigos.

Antes de sua execução, suas vestes clericais foram retiradas e o bispo gaguejou:

— Eu o separo da militância eclesiástica e da igreja triunfante.

— Da militância, sim — respondeu Savonarola —, mas não da igreja triunfante. Você não tem poder para isso.

Milhares de pessoas o ridicularizavam, mas Savonarola estava tão absorto em sua devoção que parecia quase inconsciente do que se passava ao seu redor. Um padre perguntou-lhe no que pensava enquanto enfrentava todo aquele sofrimento, e ele respondeu: "Não morreria eu de bom grado, por ele, que tanto sofreu por mim?". Imperava um silêncio terrível e, de repente, ouviu-se uma rude voz gritar: "Agora, profeta, é o momento de realizar um milagre". Ele e seus dois companheiros foram enforcados, e os corpos, queimados. Isso ocorreu em 23 de maio de 1498. As cinzas dos três foram lançadas no rio Arno.

Savonarola foi o maior pregador já surgido na Itália. Defendia a retidão moral na vida privada, no governo civil e na igreja. Acima de tudo, foi um profeta e reavivalista, ungido e cheio do Espírito Santo — o maior presente dado por Deus à Itália e à igreja de sua época. Se a Itália tivesse sido mais temente e fiel a Deus, poderia ter sediado a Reforma protestante, em vez de a

Alemanha, alguns anos mais tarde, sob Martinho Lutero, que considerava Savonarola um mártir protestante.[1]

Savonarola não tinha a luz da doutrina e da ética que temos hoje. Não tinha as experiências da Reforma, nem líderes evangélicos, nem o reavivamento que os últimos séculos nos ensinaram. Não era apoiado por igrejas nem por grupos de oração. Obedecia à vontade de Deus tal como a compreendia, e enfrentou sozinho o poder de Satanás, e as trevas e a incredulidade que o engoliam. Mas, conforme a luz que possuía, foi um destemido profeta, que condenava o pecado e proclamava a justiça, além de ser um dos maiores guerreiros de oração da história da cristandade e herói da fé cristã. Conta-se que seu rosto brilhou por várias vezes com o esplendor da glória de Deus. Que Deus conceda a todos nós, povo de Deus, um compromisso como o de Savonarola em nossos dias.

[1]J. Gilchrist LAWSON, *Deeper experiences of famous Christians*, Anderson: Warner Press, 1911, p. 73.

# 15

## AMANDA SMITH

*A ganhadora de almas ungida pelo Espírito Santo*

### INFÂNCIA NA ESCRAVIDÃO

AMANDA SMITH (1837-1915) foi uma escrava liberta, grandemente usada pelo Senhor. Deus muitas vezes usou-a cantando *a capella* alguns dos maiores hinos da igreja e do povo negro. Também usou poderosamente suas exortações e mensagens nos lares, em cultos na igreja e em grandes encontros. Por meio dela, Deus trouxe renovação a muitas igrejas e salvação e santificação a milhares de pessoas nos Estados Unidos, Inglaterra, Índia e África. Morreu em Chicago, com 78 anos de idade.

O proprietário de escravos, dono de seu pai, era excepcionalmente gentil. Após o término do trabalho para o qual fora designado, permitia-lhe que fizesse trabalhos extras em troca de dinheiro para comprar a liberdade para si e para sua família. Ele trabalhava praticamente dia e noite, chegando algumas vezes a dormir apenas duas horas. No entanto, conseguiu comprar sua liberdade. Porém o dono de sua esposa e filhos não estava, a princípio, disposto a deixá-los partir.

Uma das filhas desse proprietário de escravos, Celie, fora assistida desde a infância pela mãe de Amanda. Ainda jovem, participou de um acampamento metodista e recebeu a salvação. A mãe e a avó de Amanda vinham orando pela salvação de Celie. A família de Celie agora tentava mantê-las separadas, mas ela escapava e orava com a mãe e a avó de Amanda. Elas oravam continuamente para que a família de Amanda fosse libertada.

O proprietário de escravos alimentava Amanda com vistas a engordá-la para o mercado de escravos, mas as orações de sua avó prevaleceram. Algum tempo depois, ele quase deu Amanda e um de seus irmãos como dote, quando duas de suas filhas estavam para se casar, porém, as orações da avó de Amanda mais uma vez prevaleceram.

Amanda aprendeu a ler sozinha, recortando as letras grandes dos jornais e unindo-as a fim de soletrar as palavras. A única educação formal de Amanda ocorreu durante um curto período, aos doze anos de idade. Por três meses, durante o verão, uma professora ensinava-a durante o almoço e no fim da tarde.

Algum tempo depois, Celie contraiu febre tifóide. Seu estado de saúde agravou-se rapidamente, apesar de sua família ter proporcionado o melhor tratamento disponível, contratando os serviços de quatro médicos. Por três dias, ela implorou à família que permitisse ao pai de Amanda comprar a liberdade da esposa e dos filhos. Pouco antes de morrer, ela tornou a pedir, e eles prometeram, em meio às lágrimas, que permitiriam que o pai de Amanda comprasse a liberdade da família.

## A CONVERSÃO DE AMANDA

Amanda casou-se com seu primeiro marido, Devine, com a idade de dezesseis anos. No ano seguinte, ela quase morreu de uma grave doença. O Espírito Santo a havia convencido de seus pecados, e certa ocasião foi à frente em uma igreja batista para orar, mais não

foi salva. Ela jejuava, lia a Bíblia e, em sua cegueira espiritual, orava à lua e às estrelas. Em 17 de março de 1856, em desespero, decidiu que queria ser salva. Prostrou-se no porão, onde ia muitas vezes para orar em segredo. Por três vezes, orou até à exaustão. Por fim, orou: "Senhor, se me ajudares, crerei em ti".

Ao prometer que creria, o Senhor operou. Paz e alegria prontamente invadiram a alma de Amanda. O fardo do pecado já não existia. As bênçãos de Deus sobrevinham sobre seu corpo como ondas intermináveis. Sentia-se cercada por uma nova luz e olhou-se no espelho para averiguar se ainda era a mesma pessoa. Passou a caminhar de um lado para o outro na cozinha, louvando ao Senhor. Durante toda uma semana, ficou tão feliz que não sabia o que fazer consigo mesma. Ela nunca mais tornou a duvidar de sua conversão.

Pouco tempo depois, o marido de Amanda alistou-se para lutar na guerra civil e morreu sem voltar para casa. Amanda então casou-se com um pastor metodista local, James Smith, pois ansiava realizar a obra do Senhor. O marido, no entanto, decepcionou-a, e ela abandonou completamente o ministério. Arrumou um emprego, mas era insuficiente para seu sustento. Ela sustentava a si e aos filhos trabalhando como lavadeira e faxineira. Cinco de seus filhos morreram durante a infância.

## CHEIA DO ESPÍRITO SANTO

Muitos anos antes, Amanda ouvira falar que era possível ao cristão renascido ser purificado e santificado: ela podia encher-se do Espírito Santo. Certo dia, uma amiga veio vê-la e encontrou-a chorando por causa de sua situação, enquanto lavava roupa no tanque. O marido era muito cruel e difícil de satisfazer. A amiga disse-lhe:

— Bem, santifique-se, e então alcançará graça duradoura.

— Ora, então é isto que significa santificação: graça duradoura? É exatamente disso que preciso! Venho insistindo em planejar

um jeito de escapar das provações, em vez de pedir por graça duradoura.

Ela começou a orar: "Senhor, santifica minha alma e dá-me graça duradoura!".[1]

Embora Amanda sempre orasse pela santificação, não compreendia claramente a verdade bíblica. Em um domingo, após ter mudado com o marido da Filadélfia para a cidade de Nova York, sentiu-se levada a ouvir o reverendo John Inskip, pastor metodista que pregava sobre a santidade, primeiro presidente da National Camp Meeting Association [Assoçiação Nacional de Acampamentos]. Deus santificou-a durante o hino de encerramento. Em seu sermão, Inskip dissera: "Aceitem Deus em vocês, em toda a sua plenitude, e ele mesmo residirá em vocês".

> Naquele exato momento, senti como se uma onda me encobrisse e algo brotasse em meu coração. Estas palavras ficavam martelando em minha cabeça: "Deus em vocês, Deus em vocês". "Fazer o quê?", pensei. Dominar sobre todas as ambições e desejos e manter todos os pensamentos obedientes a Cristo. Bem-aventuranças de amor, paz e poder que não tenho como descrever. O grande vácuo de minha alma começou a ser preenchido, e eu quis gritar: "Glória a Jesus!".[2]

Mas Amanda ficou quieta até o último hino, que falava sobre o sangue purificador de Jesus. Ela então não conseguiu mais se conter e gritou: "Glória a Jesus!". O reverendo Inskip respondeu: "Amém! Glória a Deus!".[3]

O Espírito começou a guiá-la nas pequenas coisas, e ela procurava obedecer sem reservas. Durante um tempo, ficou

[1]Amanda SMITH, *Autobiography of Amanda Smith*: Amanda Smith's own story, Chicago: Meyer & Brother, 1893, p. 62.

[2]Ibid., p. 79.

[3]Ibid.

profundamente confusa com a doutrina da Trindade. Não duvidava, mas sentia que não a compreendia totalmente. Orou durante dias. Um grande renovo do batismo com o Espírito veio sobre ela, e então deu-se conta do caráter paternal de Deus e do caráter fraternal de Cristo, como nunca lhe ocorrera. Ondas de glória vinham ao seu encontro, e a partir de então a doutrina da Trindade ficou clara para ela.

## UMA VISÃO DE JESUS

Amanda tinha o grande desejo de que Jesus se revelasse a ela. Durante toda uma semana, ela clamou, dia e noite: "Senhor Jesus, revela-te!". Ela lidava com seus afazeres orando e chorando ansiosa, tamanha era sua vontade de ver seu amado Jesus.

Certo dia, enquanto orava com uma amiga, Amanda teve uma visão. Jesus entrava pela porta. Ele era muito belo, e seu rosto era adorável. Ele entrou e ficou ao seu lado. Não ouvia voz audível, mas ele parecia dizer ao seu coração: "Agora, olhe para mim! Assim está bom para você?". Ela então gritou: "Sim, Senhor Jesus!", e lançou-se sobre ele para abraçá-lo, mas ele instantaneamente desapareceu. Jamais pôde esquecer a glória daquele momento.

Em outra ocasião, enquanto meditava sobre Jesus, sua presença pareceu-lhe tão próxima que sentiu que ele caminhava ao seu lado. Ele conversava com ela sobre muitos assuntos. Era-lhe tão real que ela se virava para olhar o rosto de Jesus, mas não havia ninguém. Salmos 107.9 tornou-se extremamente real para ela: "Ele sacia o sedento e satisfaz plenamente o faminto".

Em outra visão, Deus punha sobre ela uma pesada cruz de pedra semelhante ao mármore. Ela acordou e pediu explicação a Deus. Foi novamente envolvida por um misto de visão e sonho e viu pessoas que a ridicularizavam e lhe faziam oposição. Viu

quatro leões ferozes, que vinham saltando por entre as nuvens para devorá-la, mas quando ela gritava: "Ajuda-me, Senhor!", duas grandes nuvens engoliam os leões. Ao voltar-se para partir, ouviu a belíssima execução de um hino de combate que conhecia muito bem. O cântico propagava-se e desaparecia a distância. A experiência permitiu que ela se preparasse para enfrentar seus opositores no futuro.

## MINISTÉRIO EVANGELÍSTICO

Em 1869, o segundo marido de Amanda morreu, e ela não mais se casou. Continuava a lavar e a fazer faxina, porém mal conseguia dinheiro suficiente para si e sua filha de treze anos de idade, Mazie. Vez por outra, ficava sem comida e quase sem nenhum dinheiro. Em certa ocasião, chegou a ter somente três centavos, mas confiava no Senhor.

Amanda conseguiu empregar-se em uma empresa, mas assumiu o compromisso de ir à igreja todos os domingos, em vez de trabalhar. Os outros empregados zombavam dela por agir assim. Em outubro de 1870, atendendo a uma determinação do Senhor, ela demitiu-se e começou a evangelizar. Sentiu que Deus queria que ela se mudasse para Salém, Nova Jersey, mas não dispunha do dinheiro necessário. No entanto, ao orar, Deus arranjou-lhe o suficiente. Pela fé, chegou à Filadélfia. Falava sobre Jesus nas ruas e tavernas, entregando folhetos evangélicos. Visitava os doentes, e passou a exortar, a cantar e a orar em reuniões evangélicas.

Não era raro que Amanda transbordasse de amor e alegria pelo Senhor. Ao cantar, trazia freqüentemente grandes bênçãos aos cultos na igreja. No entanto, ela ainda enfrentou provações. Tinha de combater o preconceito por causa de sua cor e por ser mulher. Por ser negra, era forçada a viajar no teto dos ônibus e não lhe era permitido descer até que todos os brancos tivessem saltado.

## REAVIVAMENTO

Em Salem, Amanda teve a oportunidade de "contar sua história" em um culto noturno. Ao levantar-se para falar, sentiu calafrios, mas Deus a ungiu e deu-lhe toda liberdade para falar sobre Atos 19.2: "Vocês receberam o Espírito Santo quando creram?". O Espírito Santo desceu sobre o povo, e alguns converteram-se naquela noite. Foi-lhe permitido que voltasse a pregar na quinta à noite. A igreja ficou lotada, e, quando ela fez o convite, o altar ficou cheio de gente.

Deus concedeu dias e noites de reavivamento por duas semanas, o qual se espalhou em um raio de 37 quilômetros. Muitos se converteram, e alguns eram santificados. Outros ficavam tão convencidos de seus pecados que não conseguiam trabalhar. Alguns jovens convertidos alugaram uma carroça, saíram pelos campos e trouxeram-na de volta para a igreja lotada de pessoas. Então, depois de essas pessoas serem salvas, levaram-nas de volta para casa.

Certa noite, Amanda estava por demais cansada para ir à reunião, e uma família convidou-a para visitar sua casa. Ela orou com eles, e cinco pessoas se converteram. Na tarde seguinte, foi convidada para visitar uma propriedade rural, e o reavivamento chegou ali. Cinco ou seis pessoas foram salvas enquanto ela estava com eles. No dia seguinte, ela passou o dia indo de casa em casa, e à noite pregou na igreja.

Depois de Salem, Amanda foi a Millville, Nova Jersey, onde Deus tornou a operar poderosamente. Ela convidava o povo para jejuar e orar. Pessoas que não se falavam havia meses reconciliaram-se. O poder de Deus caía sobre a igreja "como um raio", e os rostos brilhavam com a glória do Senhor.

Amanda pregava principalmente nas igrejas de sua denominação, a African Methodist Episcopal Church [Igreja Episcopal Metodista Africana]. Houve um ano no qual ela foi para Nashville, Tennessee, participar da conferência geral de sua denominação. Pagou a própria passagem, mas não foi sem dificuldades que

conseguiu um lugar para ficar. Todos os participantes da conferência foram convidados para o Fiske Conservatory [Conservatório Fiske]. Os famosos Jubilee Singers [Cantores do Jubileu] estavam no coral. Seu líder observou Amanda no fundo do auditório e convidou-a para cantar no palco. Ele sabia como Deus abençoava seu canto. No entanto, por causa de sua vestimenta simples, o povo ficava propenso a evitá-la. Ele foi até Amanda, levou-a ao palco para cantar, e o coro a acompanhava a cada estribilho. O Espírito de Deus foi derramado enquanto ela cantava. Daquele momento em diante, o povo passou a aceitá-la.

Amanda recebia muitos convites de pastores para ir a suas igrejas pregar e louvar, bem como convites para muitos acampamentos de santidade. Onde quer que fosse, dava testemunho de como Deus a havia santificado e enchido com o Espírito Santo. Era muito requisitada para cantar hinos e canções de acampamentos,[4] que pareciam trazer a presença do Senhor para muito perto.

Antes de aceitar qualquer convite, Amanda sempre orava cuidadosamente. Passou a ser amada e respeitada por muitos pastores devotos e pelos santos em geral, bem como pelos bispos e líderes da igreja metodista. Algumas vezes, as igrejas que a convidavam davam-lhe o dinheiro necessário para viajar, mas ela freqüentemente tinha de orar e confiar em Deus, tanto para as taxas de inscrições nos acampamentos quanto para as demais despesas.

## MINISTÉRIO NA INGLATERRA

Em 1878, Deus deu a Amanda a nítida direção, e o convencimento íntimo de que devia ir para a Inglaterra. Deus deu-lhe a

[4]Canções de acampamentos (no original *camp meeting songs*). *Camp meetings* eram reuniões realizadas pelos primeiros norte-americanos durante sua jornada de desbravamento da região oeste dos Estados Unidos. Nessas reuniões, entoavam cânticos e hinos de melodia simples e letra de fácil memorização. Hinos surgidos nesses movimentos são utilizados até hoje em hinários de diversas denominações evangélicas em todo o mundo. (N. do E.)

passagem, mas ela partiu sem os recursos necessários, confiando na providência divina. Começou pregando na convenção de Keswick, seguindo então para outras convenções. Presentes inesperados iam suprindo todas suas necessidades por onde quer que passasse. Era levada para conhecer lugares importantes da história religiosa da Inglaterra e da Escócia e convidada a pregar em salões e até mesmo em algumas capelas.

Deus continuava a levar multidões às reuniões de Amanda, e muitos cultos eram reuniões mistas de homens e mulheres. Jamais se ouvira falar, principalmente na Escócia, de uma mulher pregando tanto a homens quanto a mulheres, mas Deus continuava a derramar suas bênçãos sobre ela e a salvar muitas almas.

## MINISTÉRIO NA ÍNDIA

Amanda foi convidada a pregar na Índia, mas não deu a menor importância, até Deus repreendê-la por não lhe ter perguntado o que fazer. Mais uma vez, Deus orientou-a de maneira clara e extraordinariamente enfática. Ela disse: "Não consigo explicar, mas, ao esperar no Senhor, ele me fez entender com a maior clareza possível que devia ir. Louvei-o e levantei-me da oração sem a menor sombra de dúvida a respeito".[5]

Mais uma vez, Amanda não dispunha dos recursos necessários para a viagem, mas sem que deixasse transparecer suas necessidades todos os recursos foram supridos. A promessa de Deus para ela era: "E tudo o que pedirem em oração, se crerem, vocês receberão" (Mt 21.22). Quando Deus lhe sussurrou essa promessa, ela encerrou a oração convencida de que Deus seria fiel se ela agisse conforme sua vontade. Amanda estava acompanhada de uma amiga inglesa e teve o privilégio de visitar Paris e outras partes da França, bem como Florença e Roma, na Itália, Alexandria e as pirâmides do Egito, e Bombaim, na Índia.

[5]Ibid., p. 284.

Visitou os diversos centros metodistas da Índia e pregou em vários lugares. Seguia um duplo lema: salvação por intermédio de Jesus Cristo e moderação.

Amanda visitou a obra em Naini Tal, nas montanhas do Himalaia, ao norte. Ali, deparou com enormes tempestades. Certa ocasião, diversas casas e edifícios foram arrasados por desabamentos causados pela enxurrada. Movida pelo senso de responsabilidade, começou a orar. Algum tempo depois, veio a saber que um missionário havia escapado da morte exatamente no instante em que orava. Ela prosseguiu pregando por toda a Índia, passando à Birmânia e retornando a Calcutá.

## MINISTÉRIO NA ÁFRICA

Da Índia, Amanda partiu em um navio para as ilhas Canárias, seguindo então para a Libéria, onde Deus a abençoou com muitas almas. De lá, viajou para Serra Leoa, onde pregou por onde passou, algumas vezes ao lado do bispo William Taylor. Ele dava grande valor ao ministério de oração de Amanda, a sua sólida doutrina e a seu testemunho. Com satisfação, incluiu-a em seu ministério.

Em Calabar, na Nigéria, Amanda pôde ver as trevas do paganismo e os males da escravidão e da poligamia locais. Foi pega em uma terrível tempestade ao longo da costa, e a morte pareceu estar próxima. Mas, enquanto o pequeno barco jovaga de um lado para o outro, Deus lhe trouxe este versículo à mente: "Não morrerei; mas vivo ficarei para anunciar os feitos do SENHOR" (Sl 118.17). Apesar de ficar irremediavelmente enjoada no mar, sua alma bradava: "Aleluia!".

Por diversas vezes, Amanda passou a noite inteira ou muitas horas em barcos abertos e oscilantes. Algumas vezes, quando orava, a tempestade rapidamente arrefecia. Vezes sem conta, sentiu-se fraca fisicamente, mas Deus a fortalecia para que seguisse em frente. Não raro, pediam-lhe que fosse de casa em casa orar pelos enfermos e espiritualmente necessitados. Depois de várias horas voltava para seu quarto tremendo de cansa-

ço. Quando se sentia muito fraca ao pregar, percebia a mão do Senhor por trás das costas, apoiando-a e mantendo-a em pé até o término da mensagem.

"Bendito seja o nome do Senhor", exultava. "Como conheço bem seu poderoso toque de força e poder!"[6] Era algumas vezes convidada a realizar reuniões de rua, em áreas onde havia poucos cristãos. Os organizadores limpavam as ruas, aparavam os arbustos, dispunham uma pequena mesa com uma toalha limpa, e as multidões se aproximavam. Depois da pregação de Amanda, o povo muitas vezes ficava ansioso para ser cheio do Espírito Santo. Ajoelhavam-se no meio da rua, e Deus derramava poderosamente seu Espírito sobre eles.

## DE VOLTA À INGLATERRA

Amanda partiu para a África sentindo intensamente o chamado de Deus, e lá ficou por oito anos. Declarou que não partiria, "até ter certeza da confirmação de Deus".[7] Estava de tal maneira enferma e fraca que não imaginava sobreviver por mais de três semanas. Estava quase sem dinheiro quando chegou à Inglaterra, em novembro de 1889, mas o Senhor começou a suprir suas necessidades por meio de diversos donativos.

Amanda teve a alegria de conhecer muitos líderes cristãos: sra. D. Bordman, de Londres; sra. Hannah Whitall Smith; sra. Mark Guy Pierce; os Crossleys, no Star Hall, em Manchester, líderes do Exército de Salvação; sr. Reader Harris e o sr. Morgan, editor e redator do *The Christian*.

## DE VOLTA AO LAR

Amanda chegou a Nova York em 5 de setembro de 1890. É nesse instante que ela encerra sua autobiografia. Suas últimas

[6]Ibid., p. 448.
[7]Ibid., p. 487.

palavras consistem numa oração, pedindo que Deus levante "mulheres mais jovens, com capacidade de fazer um trabalho melhor para o Mestre", e que após sua morte, elas levassem o estandarte "com a seguinte inscrição profundamente gravada no coração e na própria vida: 'Sem santidade, ninguém verá a Deus'". Onde quer que fosse, Amanda estava sempre pronta a dar testemunho de como Deus a salvara e enchera com o Espírito Santo. Comportava-se com a simplicidade de uma criança, mas com a dignidade de uma princesa. Em todos os lugares aonde ia, destacava a importância do Espírito Santo, dependia da orientação do Espírito, buscava conduzir os não-salvos a Cristo e os cristãos à vitória no Espírito Santo.

Amanda sempre foi frágil fisicamente, mas pedia a Deus que a fortalecesse. Suportava satisfeita as atribulações próprias de um soldado de Cristo e viajava grandes distâncias para lutar por Jesus. Ficava sempre feliz em cantar uma canção de acampamento ou um hino, de gritar "Aleluia" e de louvar ao Senhor. Além das centenas de reuniões realizadas nos Estados Unidos ao longo dos anos, também atuou por doze anos na Inglaterra, entre o povo de Keswick e de outros lugares. Apesar de sua debilidade física, viveu até a idade de 78 anos, tendo fortalecido, testemunhado e feito a obra de Cristo aonde quer que fosse.

## OS ÚLTIMOS ANOS DE AMANDA

Após retornar aos Estados Unidos, em 1890, Amanda pregou durante algum tempo e então dedicou os últimos vinte anos de sua vida a órfãos negros. Fundou a Amanda Smith Industrial School for Black Girls [Escola Industrial Amanda Smith para Garotas Negras], em Chicago, em 1899. Mas a escola foi destruída pelo fogo em 1918, três anos após sua morte. Amanda passou seus últimos anos em Sebring, na Flórida, em uma casa cedida por George Sebring. Morreu em 1915 de derrame cerebral.

O bispo J. M. Thoburn, missionário da Igreja Metodista, agradeceu a Deus a fé e a clara visão de Amanda, "como nunca vi igual". Ele declarou que, nos dezessete anos que passou em Calcutá, conheceu muitos pregadores famosos, que iam visitar a cidade, "mas jamais conheci alguém que pudesse atrair e manter um público tão expressivo, como a sra. Smith". E ainda: "Aprendi com Amanda mais coisas realmente valiosas para o ministério que com qualquer outra pessoa que tenha conhecido".[8]

[8]Recorte de jornal; fonte desconhecida.

# 16

## JOHN SMITH

### *Primeira parte:* consagrado guerreiro de oração

JOHN SMITH É O TÍPICO PASTOR itinerante dos primórdios do metodismo na Inglaterra, que, a exemplo dos pregadores itinerantes dos Estados Unidos, entregava a própria vida, dando tudo de si pela causa do Senhor. Mais da metade dos pastores viajantes, nos Estados Unidos, morreram antes de chegar aos trinta anos de idade. John viveu apenas 37. Em sua época, era bastante conhecido na Inglaterra, mas, tal qual muitos de seus colegas americanos, é pouco conhecido nos dias de hoje.

Sem campanhas especiais, mas com oração constante, ganhava almas aonde quer que fosse — e não poucas, mas em quantidade espantosa. Talvez não haja na história da igreja de língua inglesa em todo o mundo melhor exemplo de evangelização de multidões — a um ritmo quase que diário, sem a utilização de nada além da oração e da pregação. Sabe-se pouco sobre a vida familiar de Smith, mas sua esposa (eles não tiveram filhos) parecia concordar com sua completa entrega a Deus.

John Smith nasceu na Inglaterra em 12 de janeiro de 1794, menos de três anos após a morte de John Wesley. Seus pais, ambos missionários nacionais, dedicaram John a Deus antes

que ele nascesse. Aos dois anos de idade, ele quase morreu. Os médicos disseram que ele não viveria até o amanhecer, mas seus pais se agarraram à oração. Durante seis semanas, seu pai orou praticamente dia e noite. John sobreviveu, e desde tenra idade soube que era chamado para o ministério. (Dizia ter sentido um chamado para a Índia aos cinco anos e meio, enquanto brincava em uma caixa de areia.)

John Wesley era conhecido por passar duas horas diárias orando ardentemente. John Fletcher, piedoso colega dos Wesleys, considerado por Wesley o homem mais santo que já conhecera, também passava várias horas orando. Mas John Smith é que era chamado "o pregador dos joelhos calejados".

John viveu apenas até os 37 anos de idade. Literalmente, entregou-se por completo a Deus, ganhando almas quase todas as vezes que pregava — e pregava quase todos os dias. Em algumas ocasiões, muitas pessoas eram salvas ou cheias do Espírito Santo em um único dia.

## SALVO E SANTIFICADO PELO ESPÍRITO

Em abril de 1812, John renasceu na casa de seus pais, aos dezoito anos de idade. No dia seguinte, leu trinta capítulos da Bíblia e deu início a uma devoção pela Palavra de Deus que durou toda sua vida. Decorou várias epístolas e passava muitas de suas horas de lazer orando em particular.

John alcançou purificação ao ser cheio com o Espírito Santo, em 1816. Seu biógrafo menciona que ele foi "abundantemente batizado pelo Espírito". John acreditava e sabia por experiência que, a partir do momento em que a pessoa se santificasse, poderia experimentar novos derramamentos do Espírito Santo. Em seu ministério, John experimentou muitas visitações do Senhor, especialmente em momentos de solitude".[1] Era uma época de reavivamentos pessoais.

[1]George B. KULP, *The calloused knees*, Cincinnati: God's Revivalist Office, 1909, p. 42.

## QUEBRANTADO GUERREIRO DE ORAÇÃO

John foi um precoce guerreiro de oração do metodismo. Não raro, o chão de seu gabinete de trabalho ficava molhado com suas lágrimas, quando ele orava horas seguidas pela salvação de almas. Certa vez, escreveu aos pais:

> Bendito seja Deus, pois ele está realizando sua boa obra em minha alma. Tem derramado sobre mim o desejo de orar insistentemente. Também tem respondido a minhas orações de maneira surpreendente. Apego-me a ele continuadamente, e ele mantém minha alma em paz [...] O Senhor ainda me faz [...] exortar as pessoas a buscarem a salvação plena e presente. O evangelho não oferece nada menos que a salvação plena. Queremos a fé que não pede em vão. Queremos ter um desejo santo, um esforço consagrado, um anseio e uma sede dedicadas a Deus, e tudo isso de forma constante.[2]

O exemplo de John era o próprio Jesus. Certa vez, escreveu:

> Que alegria ser liberto de *todo* ódio, irritação, orgulho, malícia etc! Banqueteemo-nos em Jesus. Contemplemos, nosso menino Salvador em Belém — e humilhemo-nos. Ouçamo-lo [...] "O Filho do homem não tem onde repousar a cabeça" — e humilhemo-nos. Contemplemo-lo lavando os pés dos discípulos e humilhemo-nos. Caminhemos com ele no jardim do Getsêmani, vendo-o prostrar-se, suar gotas de sangue e clamar: "Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice" e humilhemo-nos. Contemplemo-lo na cruz — e humilhemo-nos. E, ainda assim, sejamos confiantes.[3]

[2]Ibid., p. 68,9.
[3]Ibid., p. 49.

## PERSEVERANDO ATÉ O DERRAMAMENTO DO ESPÍRITO

John acreditava que a oração era a chave para o derramamento do Espírito Santo. Ele dizia: "A obra do Senhor está prosperando. Glória seja dada a Deus, pois nos foi concedido um espírito de oração [...] Oh! Que Deus derrame abundantemente seu Espírito sobre nós! Não deixem de clamar a Deus [...] Resultados extraordinários não são alcançados por vias comuns".[4]

John também acreditava que, se as pessoas não obtinham respostas a suas orações, era por não estarem orando corretamente; se não ocorria o derramamento do Espírito Santo, era porque não estavam suplicando pelas promessas de Deus; se não procuravam ganhar outras pessoas para Cristo, era porque tinham pouco amor a Cristo. Qualquer igreja fria e formal nas orações, fraca na fé e apática no amor estava necessitada espiritualmente. Ele sentia não estar plenamente ungido e ser pouco produtivo quando oravam inadequadamente por ele.

## MAIS E MAIS DE DEUS

Em 7 de abril de 1818, John escreveu ao pai:

> Bendito seja Deus, pois está dando seqüência a sua obra em meu coração. Ultimamente, tenho vivido momentos preciosos, tanto em particular quanto em público. Quero mais do espírito de oração. Não há nada como ser cheio do Espírito Santo, antes de ir ao templo de Deus e clamar a Deus na presença de seu povo [...] Na última terça à noite, na reunião de oração, seis almas foram libertadas. No domingo à noite, preguei em um culto fúnebre com base em João 9.4. Na reunião de oração que aconteceu posteriormente, o Senhor realizou três libertações, e creio que muitos outros foram bastante afetados.[5]

[4]Ibid., p. 50.
[5]Ibid., p. 60-1.

Três semanas depois, John tornou a escrever aos pais:

> Ultimamente, tenho sido visitado muitas vezes pelo Senhor. Posso contar com Cristo para a libertação do pecado, mas quero experimentar a plenitude de Deus, ter a mente de Cristo em mim. Insistam com os membros da igreja em que busquem a pureza de coração! Muito pode ser realizado por um simples ato de fé no sangue de Jesus.[6]

John expressava o constante desejo de seu coração.

> Busque perspectivas transformadoras de Cristo: faça-o em particular. Não descanse sem o constante gozo do perfeito amor de Deus. Experimente batismos mais profundos, sinais do amor de Deus em seu coração. Experimente a Palavra, sinta sobre si o mesmo Espírito que inspirou os escritores sagrados.
>
> Se fôssemos cheios com o Espírito Santo antes de ir à casa de Deus, veríamos sinais e maravilhas.[7]

Em 22 de dezembro de 1818, John escreveu:

> Imploremos a Deus por batismos mais profundos. Queremos mais do Espírito Santo. Esta deveria ser nossa grande súplica: o Espírito. Sim! Ele purificará, fortalecerá e confortará; tudo ocorre nele! Não dê descanso a Deus. Quando ele vai descer e fazer as montanhas estremecerem e as rochas ficarem em pedaços? [...] Tomemos posse de nossos iguais (por meio da oração). Que nos consideremos a eles unidos e clamemos a Deus por eles.[8]

[6]Ibid., p. 62.
[7]Ibid., p. 81.
[8]Ibid., p. 83.

## ESFORÇANDO-SE POR ALMAS

Quando viajava de uma igreja a outra, e as almas não eram salvas, John ficava perturbado. Após visitar uma igreja ele registrou: "Não vimos nada de especial. Paciência! As almas devem converter-se".[9] O biógrafo de John Smith escreveu:

> Quando os resultados que desejava não acompanhavam seu ministério, passava dias e noites quase todo o tempo de joelhos, chorando e clamando diante de Deus, lamentando a própria incapacidade para a grande obra de salvar almas. Em alguns momentos, quando não percebia nenhuma atividade na igreja, literalmente agonizava. Esforçava-se para que preciosas almas renascessem, até que visse Cristo engrandecido na salvação dessas pessoas.[10]

## INTERCESSÃO VICÁRIA

John acreditava: "Quando você está com pessoas que sofrem por causa de seus pecados, não deve apenas orar por elas, e sim colocar-se no lugar delas. Deve também sentir-se arrependido. Elas devem orar por seu intermédio, e o que você disser deve ser exatamente o que diriam se soubessem como fazê-lo".[11] Dessa forma, ele entrava vicariamente nos pecados das pessoas.

> A condição de pecadores inspirava em seu coração uma piedade inexprimível. Entrava tão profundamente na aflição e na tribulação deles e sentia de modo tão pungente e doloroso a perversidade e a atrocidade de suas violações à lei de Deus que não raro ficava indescritivelmente oprimido. Tinha arraigado em si o princípio de "confessar os pecados do povo". Clarkson, amigo íntimo

[9]Ibid., p. 76.
[10]Ibid., p. 77-8.
[11]Ibid., p. 89-90.

de John, declarou: "Lembro-me de tê-lo ouvido comentar que, 'a menos que um pregador tenha em si ardor pela oração, é improvável que veja muitos pecadores convertidos a Deus'".

Calder, colega de ministério de John, declarou:

Freqüentemente, tenho-o visto [John] descer as escadas pela manhã, após ter passado muitas horas em oração, com os olhos úmidos e inchados. Ele explicava o motivo de sua ansiedade: "Sou um homem angustiado. Sim, sou realmente infeliz, não por mim, mas por causa dos outros. Deus me tem dado uma tal visão do valor das almas que não posso viver se não forem salvas. Senhor, dá-me almas, senão morrerei!".[12]

## DOÇURA E AMOR

John gostava de visitar os doentes e via a necessidade de misericórdia. Certa vez escreveu:

Deus tem ultimamente me abençoado de maneira especial quando visito os enfermos [...] Minha alma tem sido preenchida e engrandecida. A excelência de Jesus tem sido mais plenamente revelada. É bom que visitemos com freqüência os lares dos aflitos, principalmente quando Jesus nos dá compaixão por eles. Anseio por mais compaixão e devo buscá-la em Jesus. Como homem, ele era cheio de compaixão. Como Deus-homem, ele é a fonte de toda compaixão. Jesus, vem e vive em mim, para que eu possa, como tu, tratar de fazer o bem.[13]

John tinha tanta doçura e bondade que as crianças o amavam. Seu biógrafo escreveu: "As crianças [...] apegavam-se a ele com uma ternura especial, que ele retribuía abundantemente.

[12]Ibid., p. 89.
[13]Ibid., p. 102-3

Nesse aspecto, lembrava o fundador do metodismo e, devo acrescentar, também o Fundador de nossa sagrada religião [...] Essa incessante preocupação com as crianças e com os criados dos membros da igreja era acompanhada de efeitos gloriosos".[14]

## REAVIVAMENTO EM TODOS OS LUGARES AONDE IA

John cria que o reavivamento era resultante da operação do Espírito Santo, e que a fé e a oração certamente provocavam a operação do Espírito a qualquer momento e sem nenhuma limitação. Certa vez, escreveu:

> Deus é um reavivamento reprimido. Irrompe sempre que acha um instrumento decidido a romper o que o impede. Qualquer pessoa pode fazê-lo: o mais modesto homem da igreja, o indivíduo mais obscuro, contanto que se saiba como orar.
>
> ... qualquer pessoa pode obter um reavivamento, contanto que saiba como orar. Essa verdade é bem ilustrada pelo fato de que alguns reavivamentos vêm e surpreendem o pastor, embora estejam em suas almas generosas.[15]

John perseverava em oração, e em todos os itinerários para os quais era designado, a partir de Brighton, de 1818 em diante, Deus soberanamente dava-lhe almas. John muitas vezes registrava os resultados espirituais dos cultos em seu diário.

> 7 de outubro de 1826 — [...] Muitas pessoas têm sido libertas desde que estive em Cudworth, e muitos têm alcançado um coração puro. Creio que, durante a semana de jejum em Ratcliff, cerca de trinta pessoas encontraram paz. Na reunião de oração da última terça, cinco almas foram salvas. Há dois anos não tínhamos um grupo em Hyson, agora temos cinqüenta pessoas

[14]Ibid., p. 103-4.
[15]Ibid., p. 193-4.

na igreja, dez em período de experiência (novos convertidos em adaptação) e uma capela que irá comportar trezentas pessoas.[16]

22 de março de 1827 — [...] Deus está operando poderosamente em nosso meio. Creio que temos em experiência (recém-convertidos) durante esse trimestre cerca de 450 pessoas. Temos cada vez mais homens de oração e trabalhadores. [...] Da última vez em que estive lá [em Arnold], creio que não menos de vinte encontraram paz. Deus parece estar abalando o vilarejo. Lenton, que há muito era um deserto, é agora viçosa e verdejante. O grupo naquele local mais do que dobrou. Em Burton ocorre o mesmo. Meu querido pai pregou segunda-feira passada, à noite, em Bulwell. Dois foram purificados de seus pecados, e oito ou dez encontraram paz. Na terça-feira, em Old Basford, uma pessoa alcançou um coração puro, e doze ou catorze encontraram paz. Glória, glória a Deus![17]

Um mês mais tarde, John registrou:

24 de abril — Em Old Basford, no último domingo à noite, dezesseis ou dezoito pessoas foram completamente santificadas, e oito foram perdoadas. Em Halifax, dez ou doze encontraram paz. E na noite passada, dois foram perdoados e um foi purificado. É certo que o trabalho prosseguirá, pois Deus e nós estamos de acordo. Labutar, labutar (orar) é absolutamente necessário.

Quase um mês depois disso, ele relatou:

19 de maio — Em Normanton, da última vez que estive lá, doze pessoas encontraram paz. Na noite seguinte, após enorme esforço, doze foram salvos. Fiquei sabendo esta semana que, no último

[16]Ibid., p. 202.
[17]Ibid., p. 203-4

> domingo e na segunda-feira à noite, trinta foram libertos. Há pouco tempo, vi nove ou dez salvos em Epperstone. No último domingo, estava em Mt. Sorrell, pregando na escola dominical. Penso que cerca de vinte foram libertos, e alguns foram despertados. Glória a Deus!

Mês após mês, John registrava resultados dessa natureza e, em 11 de julho de 1827, ele registrou, em Old Basford: "O número de nossos membros neste ano aumentou em cerca de seiscentos, e temos cerca de trezentos novos convertidos".[18]

John Smith continuou mantendo o registro da poderosa atuação do Espírito Santo até 1829, quando sua saúde começou a ficar debilitada. Mesmo quando teve de licenciar-se do ministério para repouso, perseverava em oração pela salvação de almas. E, assim que retornava ao ministério, as almas passavam a vir ao Senhor quase que diariamente.

Milhares de pessoas que estão no céu agradecem a Deus pelo guerreiro de oração e pregador itinerante John Smith. Se Deus pôde usar John Smith tão poderosamente, também poderá usar-nos de forma grandiosa.

[18]Ibid., p. 201-5.

# 17

## JOHN SMITH

*Segunda parte:* intercedendo pelas almas

### PAGANDO O PREÇO PELAS ALMAS

JOHN SMITH ANSIAVA E ESPERAVA que almas fossem salvas e santificadas e acreditava que qualquer um que pagasse o preço em oração e fé poderia ver almas salvas. Em todos os itinerários para o qual era designado, obtinha resultados significativos, com muitas pessoas entregando-se a Deus. Ele cria que a igreja cheia do Espírito e empenhada na oração podia esperar grandes resultados.

John foi transferido do percurso de Brighton para o de Windsor onde se casou, em 1820. Realizava reuniões diárias de oração às cinco da manhã e outra após o culto de domingo à noite. Em todos os lugares em que serviu ao Senhor, ficou conhecido por suas "corajosas e abundantes reuniões de oração".[1] O Senhor levantou, a partir do chamado para a vida de John, um grupo que John denominava Homens de Oração, os quais permaneciam ao seu lado na batalha da oração.

[1]George B. KULP, *The calloused knees*, Cincinnati: God's Revivalist Office, 1909, p. 118.

John escreveu a um amigo pastor:

> Fique na vontade de Deus. Esteja certo de estar plena e constantemente na vontade de Deus. Pode ser que você tenha de passar horas de joelhos ou prostrado diante do trono. Não faz mal. Espere. Deus fará grandes coisas por você, se você se render e cooperar com ele. Ora, porte-se como homem! Habite na luz. Tenho a esperança de que Deus fará de você uma grande bênção. Mas você deve ser uma chama ardente e brilhante [...] Se passar algumas horas em oração, diariamente, vocês verá grandes coisas.[2]

Outro preço pago por John para ver almas salvas foi sua saúde. Alguns de seus amigos temiam que ele estivesse abusando do físico, e certo dia, enquanto comia na casa de um amigo, imploraram para que fosse mais cuidadoso. Assim que percebeu a preocupação deles, irrompeu em lágrimas e literalmente gemeu de tristeza. Por fim, respondeu: "Tudo o que vocês dizem está correto. Devo ser mais comedido. Mas, ora, como posso? Deus deu-me tal visão do estado das almas perdidas que tenho o coração partido [...] Olhe à volta, meu irmão! Não vê os pecadores indo para o inferno? Assim, quando vejo e sinto isso, sou forçado a agir".[3] Nos dias seguintes, Deus operou poderosamente, e cerca de setenta pessoas receberam a certeza do perdão dos pecados, e sessenta alcançaram a pureza de coração.

Na segunda metade de 1823, a saúde de John começou a aproximar-se do colapso, devido ao esforço constante. Foi descansar na casa de seus pais, mas, quando chegou o domingo, implorou ao pastor que o deixasse pregar, prometendo ter cuidado com a saúde. No meio da mensagem, sentia tamanho ardor na alma que quase caiu do púlpito. Tentou mais uma vez

[2]Ibid., p. 137-8.
[3]Ibid., p. 139.

descansar, mas sempre que retornava ao seu ministério, Deus o usava ainda mais.

Uma grave febre espalhou-se pela comunidade em que John vivia, e ele contraiu-a ao visitar pessoas enfermas. Nessa época, escreveu: "Graças a Deus, esta foi a melhor enfermidade com que já fui atingido. Ela trouxe-me para muito mais perto de Deus. Fui de tal forma visitado pela benignidade divina que enquanto me contorcia de dor, me sentia constrangido a gritar louvores a Deus. Noite passada, tivemos um maravilhoso batismo com o Espírito Santo, em uma reunião de família. Temos renovado nossa dedicação a Deus, e ele nos tem aceitado".[4]

O terceiro preço pago por John foi o tempo. Quase todas as semanas, alguém convencido de pecado pelo Espírito Santo vinha à casa de John em busca de conselho e de oração. Ele chegava a orar até três horas com essas pessoas, até que fossem salvas e libertas de seus pecados e dos hábitos pecaminosos. Houve uma ocasião em que o proprietário de uma loja de bebidas vendeu seu negócio e passou a viver nova vida em Cristo.

## ALMAS E MAIS ALMAS

Em uma localidade na qual John ministrava, "veio sobre o povo grande poder de Deus durante o sermão. Uma força especial desceu sobre o povo na última oração". Cerca de trinta pessoas forma salvas naquela noite. Dois meses mais tarde, John fez o seguinte registro: "A obra de total santificação está prosperando em muitos locais do itinerário. Já temos vários grupos isolados e começamos a reuni-los nas noites de sábado". Em uma reunião, em Londres, onze foram santificados, e dez tornaramse líderes. Deus concedeu "um bendito espírito" de união.

[4]Ibid., p. 160.

John fez diversas visitas à região de Bath. Em uma reunião de oração na capela Wolcot, "sete ou oito obtiveram misericórdia", ou seja, nasceram de novo. Na noite seguinte, na capela da King Street, mais de vinte pessoas nasceram de novo, e, em uma reunião posterior, outras vinte foram salvas.[5]

Quando estava em casa, John passava várias horas em contemplação, em um "culto familiar" com a esposa. Isso incluía a leitura das Escrituras, comentários sobre o trecho lido, "a ternura peculiar" das canções em família e um período de oração. Após esses momentos de adoração familiar pela manhã, ele retornava ao seu gabinete a fim de orar em particular — às vezes de joelhos e freqüentemente prostrado. Não raro, ele orava até boa parte do chão do gabinete ficar molhado de lágrimas.

## DESEJANDO ARDENTEMENTE O REAVIVAMENTO

Logo após John ter assumido o itinerário de Nottingham, em 1825, um amigo, certa manhã observou que ele não parecia bem. John respondeu que havia passado a noite e o dia anterior em jejum e oração e que tinha certeza de que Deus traria um glorioso reavivamento a Nottingham e arredores. Pouco tempo depois, alguns amigos vieram a sua casa, uma noite, e acharam-no em profunda depressão. Estivera meditando nas condições pecaminosas dos habitantes daquela cidade e lamentando por terem envergonhado a Deus e violado suas leis.

Certa vez, John derramou publicamente suas tristezas perante o Senhor. Confessava e lamentava os pecados do povo com grande riqueza de detalhes e emoção indescritível. Sua agonia era tão grande que a sra. Smith, embora acostumada a presenciar seus esforços, não pôde suportar a visão e retirou-se do cômodo. Os amigos de John, que estavam de joelhos, ergueram-se e o observavam com um misto de espanto e apreensão.

[5]Ibid., p. 157.

Quando um deles tentou impedi-lo e exortá-lo a parar, a sra. Smith veio até ele e disse: "'Esfregue as mãos, bata os pés e grite Ai!', por causa de todas as práticas ímpias e repugnantes da nação de Israel' (Ez 6.11). Por quase duas horas, ele clamou a Deus com todas suas forças. Esses esforços eram seguidos por sinais de um reavivamento vindouro, e em pouco tempo 'houve grande chuva'".[6]

Mais de 150 pessoas foram acrescidas ao grupo no período de três meses, e mais de 220 foram admitidas em período de experiência. Durante os três meses posteriores, duzentos novos membros foram acrescidos, e 447 pessoas entraram em período de experiência. Os membros mais antigos ficavam espantados, pois jamais tinham visto algo parecido. Almas eram salvas todas as semanas. Nessa época, John escreveu: "Diversos [membros] têm confiado em Deus para sua plena salvação, e muitos outros anseiam por isso. Deus tem prazer em salvar, e salvar de forma plena. Como é importante estar apegado a essa verdade!".[7]

Duas semanas mais tarde, John escreveu: "Muitos apóstatas estão retornando ao Senhor, e a obra de purificação [membros se santificando] está prosperando. No último domingo, à noite, em Carlton, creio que mais de vinte ou acharam paz em Deus ou alcançaram um coração puro. Ainda tivemos uma grande noite na segunda-feira, na capela de Halifax. E, na noite passada, em New Sneinton, muitas almas foram salvas. Glória seja dada a Deus!".

## TODA ALMA TEM ESPERANÇA

John não aceitava que uma alma não pudesse ter esperanças. Em uma ocasião, uma senhora de idade avançada, já próxima da morte, pôs na cabeça que estava condenada. John passou várias horas com ela, orando e lendo passagens da Bíblia. Ela

[6]Ibid., p. 168,9.
[7]Ibid., p. 171.

ficava insistindo em que parasse de orar por ela, pois era inútil — ela havia pecado para além da misericórdia de Deus. Porém, quanto mais ela protestava, mais ele se dedicava à oração. Por fim, ela foi levada às lágrimas e foi salva. Poucas horas mais tarde, ela estava no céu.

Em outra ocasião, a graça do Espírito Santo estava presente durante um culto, quando um marido furioso entrou pela porta da igreja. Sua esposa começando a voltar-se para o Senhor. O marido gritou: "Mary C... está aqui? Se não sair, quebrarei as pernas dela".

John parou de pregar e clamou: "Senhor, ponha sua mão sobre este homem. Ponha um gancho em seu nariz e um freio em sua boca" — e continuou a mensagem.[8]

Depois da mensagem, John passou longo tempo orando com os que haviam sido convencidos do pecado pelo Espírito Santo. Enquanto oravam, o mesmo homem voltou a entrar na igreja. Deus o havia convertido poderosamente. Começou a orar, e sua esposa e outra mulher da igreja acharam-no dominado por Deus e juntaram-se a ele em oração. Deus o havia perdoado, e ele voltou à igreja para testemunhar e louvar a Deus.

## APROXIMANDO-SE DO CÉU

Ao aproximar-se do fim de sua vida terrena, John buscou refúgio nas Escrituras. "A palavra de Deus tornou-se cada vez mais querida para ele. Sua alma parecia ansiar pelas benditas verdades, como a terra árida anseia pela chuva refrescante. As Escrituras, ele costumava dizer, eram o alimento de sua alma".

Em 24 de setembro de 1831, pouco mais de um mês antes de sua morte, John escreveu:

> "Bendiga o Senhor a minha alma!" O Senhor me tem abençoado grandemente, tanto o corpo quanto a alma. Tem-me renovado

[8]Ibid., p. 178.

> contínua e ricamente com seu bendito Espírito Santo e feito surgir em mim cânticos de ação de graças. Tenho tido meus momentos mais encantadores ao meditar em seu adorável nome, que é uma torre forte. Desejo ser principalmente um ministro do Espírito Santo.[9]
>
> Para todo o sempre, glória seja dada ao bendito e triúno Deus! Amém e amém. Assim diz John Smith, do fundo de seu coração, o qual é aquecido por um amor sem restrições, amor por Deus e por todos os homens. E, sendo profundo e forte, ele confia e espera que o constante e permanente desejo de seu coração seja levar e espalhar pelo mundo o máximo de Deus que lhe for possível. Quem está habilitado para essas coisas? Ninguém, além daquele que é preparado por Deus para isso. Mas nada é difícil demais para o Deus onipotente, que prometeu estar com os que o glorificassem sobre a terra. Tentarei ser um, com a ajuda de Deus. Minha confiança está no Deus que cumpre suas promessas, ao qual desejo adorar e cultuar até o fim dos tempos.[10]

John teve constantes delírios em suas últimas semanas de vida. Em alguns momentos, quando pensava estar sozinho, clamava: "Glória ao nosso Deus! Glória ao nosso Deus!", e seu rosto se acendia.

Em 3 de novembro, diversos pastores foram visitá-lo. Enquanto oravam, o céu pareceu encher o quarto. Começaram então a louvar ao Senhor. John estava nos últimos momentos, mas seu rosto reluzia com um gozo santo. Falar era um grande esforço. Reunindo toda sua força, sussurrou: "Tu disseste: 'Louvado seja Deus', e eu disse: 'Amém'". Foram suas últimas palavras.

Os médicos entraram no quarto. Disseram que John provavelmente morreria dentro de uma hora. Ele sinalizou que queria saber o que diziam. Seus amigos disseram: "Meu senhor, é

[9]Ibid., p. 281.
[10]Ibid., p. 282.

provável que em menos de uma hora, estejas na eternidade". Um sorriso triunfante e celestial surgiu em sua face, e ele virou a cabeça no travesseiro. Seus amigos começaram a orar, e ele foi estar com Jesus. Era o dia 3 de novembro de 1831. Contava apenas 37 anos, mesmo assim, milhares no céu bendirão John Smith e darão graças a Deus por ele e por seus joelhos calejados.

# 18

## WILLIAM TAYLOR

*Chama missionária*

### NASCIDO EM UM LAR REAVIVADO

WILLIAM TAYLOR — O HOMEM que inspirou o nome da Taylor University (Universidade Taylor), em Indiana — nasceu em 2 de maio de 1821, filho do reverendo e da sra. Stuart Taylor. Primeiro de onze filhos, ele foi criado em um piedoso lar metodista na Virgínia. Seu pai pregou e promoveu reavivamentos durante quarenta anos. William converteu-se em um acampamento metodista e foi mais tarde autorizado a atuar como conselheiro. Em menos de um ano, foi ordenado presbítero.

William foi enviado em seu primeiro itinerário aos 21 anos de idade. Um amigo disse: "O jovem está muitíssimo entusiasmado, prega poderosamente, tanto por mérito próprio quanto pela unção do Senhor, e consegue cantar no volume que deseja".[1] William gostava muito de reuniões ao ar livre. Embora fosse claríssimo e inflexível na pregação da Palavra, era um diplomata nato.

[1]Robert E. SPEER, *Servants of the King*, New York: Young People's Missionary Movement of the United States and Canada, 1909, p. 38.

William vivia sobre seu cavalo, lendo a Bíblia, preparando sermões e orando continuamente enquanto cavalgava. Em 1845, enquanto estava a caminho de um acampamento, registrou: "Lá, em meu cavalo, na estrada, comecei a orar energicamente, como nunca antes: 'Eu pertenço a Deus. Cada fibra de meu ser é consagrada a ele. Consinto [*sic*] em obedecer completamente".[2]

## EVANGELIZANDO NA CORRIDA DO OURO

William estava servindo em Baltimore na época em que começou a Corrida do Ouro na Califórnia, e seu bispo pediu-lhe que fundasse lá uma missão. William reconheceu o pedido como sua comissão: "Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas". Ele nunca se voluntariou para ir a nenhum lugar e jamais solicitou um cargo em particular, mas estava sempre pronto a aceitar uma nomeação. Consultou a esposa e então partiu, em 1849, para São Francisco, pelo cabo Horn, em um grande navio de cruzeiro. Na época, São Francisco era uma cidade de tendas, com poucas casas construídas com a madeira aproveitada de embalagens. Havia vinte homens e dez mulheres na cidade.

William levou consigo no navio tábuas pré-moldadas, a fim de construir uma capela de setenta metros quadrados — Seaman's Bethel, que veio a ser a segunda igreja protestante construída na Califórnia. Por causa da Corrida do Ouro, o aluguel mensal de uma cabana custava quinhentos dólares. Então William entrou na mata, cortou madeira e construiu ele mesmo sua casa. Dessa forma, tornou-se auto-suficiente, quase que desde o início.

William foi pastor de multidões de desviados, apascentava marinheiros e era o anjo guardião dos hospitais. Pregou seiscentos sermões ao ar livre na Califórnia, entre rudes e dispos-

[2]Ibid.

tos apostadores, marinheiros, mineiros e pecadores de toda espécie. Uma grande quantidade de marinheiros foi ganha para Cristo, os quais por sua vez testemunhavam em muitos portos do mundo. William foi tão poderosamente usado por Deus durante a Corrida do Ouro que se tornou conhecido como "Califórnia Taylor". Depois de sete anos na Califórnia, passou a pregar nos estados da costa leste e no Canadá. Ele convidava as pessoas a utilizar "todos os poderes do céu" contra "todos os poderes do inferno".

## EVANGELISMO INTENSIVO

William viajou cinco anos pelos Estados Unidos, e atuou em conferências canadenses, organizando reuniões e pregando em dezenas de acampamentos. Houve um verão no qual ele evangelizou a Filadélfia, pregando em todas as igrejas metodistas. Seu costume era viajar os seis dias da semana evangelizando. Então, na segunda-feira, à noite dava aulas na Califórnia e vendia livros. Em 1859, passou quase o ano inteiro em Indiana, evangelizando quase todas as cidades. Em todos os lugares aonde ia, muitos eram salvos e santificados.

William era raramente visto envolvido em debates durante as conferências da Igreja Metodista. Ele nunca procurou relação mais íntima com os ministros mais graduados. Era conhecido por suas pregações ao ar livre, seus métodos firmes mas inofensivos e seu insaciável ardor pela salvação dos pecadores e pela edificação dos crentes.

## RUMO À AUSTRÁLIA

Em 1862, enquanto William pregava no Canadá, alguém lhe contou sobre a necessidade espiritual na Austrália. Ele imediatamente adentrou sozinho uma floresta próxima, ajoelhou-se na neve e perguntou ao Senhor se deveria ir para a Austrália. Sentiu-se orientado a fazê-lo, e em 1.º de agosto de 1862 partiu, primeiro para Liverpool e de lá para a Austrália. Evangelizou

sete meses na Inglaterra e na Irlanda e então partiu para a Terra Santa. Sua longa barba tornava-o parecido com um patriarca, e os judeus e muçulmanos o receberam quase com veneração.

Deus guiou e ungiu os três anos de ministério de William na Austrália. Grandes reavivamentos tiveram início, e multidões voltavam-se para Cristo. William realizava três cultos dominicais, enfatizava o arrependimento e a conversão na quarta-feira à noite e salientava a santificação total nas noites de quinta-feira. Então conduzia uma grande reunião, na sexta-feira à noite, e descansava no sábado. Durante seus três anos de intenso ministério, Deus acrescentou onze mil convertidos às igrejas metodistas da Austrália. Outras denominações cristãs também colheram bons resultados graças ao seu ministério, com novas conversões.

A esposa de William surpreendeu-o ao chegar inesperadamente em Sydney, trazendo consigo seus três filhos. Fazia quatro anos que não a via. O filho mais velho, Stuart, estava seriamente doente. William então pegou um vapor para juntar-se a eles em Sydney. Ele teve de sentar-se no salão, com os outros passageiros que bebiam, fumavam, jogavam cartas e contavam piadas, e foi ali que escreveu um livro sobre santidade que vendeu trinta mil exemplares.

Chegando a Sydney, tomou a família nos braços e chorou. Levou os filhos mais novos a um lugar isolado, a fim de orarem pela cura de Stuart. Choraram e oraram, e Stuart começou a melhorar. O médico aconselhou William a retirá-lo imediatamente do calor australiano e levá-lo para a África do Sul, e ele o fez. Deus foi misericordioso; Stuart recuperou-se e integrou a equipe de William na África do Sul durante alguns meses, conduzindo pessoas a Cristo.

## GANHANDO ALMAS NA ÁFRICA

William começou a evangelizar os ingleses, os holandeses e os nativos de origem banto, usando todos os intérpretes de que

pudesse dispor. Passava a maior parte do tempo nas tribos banto, desafiando-os a serem conquistados por Jesus. Ele os abordava, dizendo: "Vocês pretendem continuar em cima do muro? Não estou disposto a ficar 'em cima do muro'. Estou acostumado a dormir sob o brilho das estrelas, e a acordar com o soar das trombetas ao amanhecer".[3] William ansiava conduzir ao Senhor outros milhares dentre o povo tribal africano. Mesmo depois de se aposentar, ele voltou à África do Sul e durante outros catorze meses, até que sua voz começasse a falhar, dedicou-se totalmente a ganhar mais almas para Cristo.

William subiu a costa africana de navio, e Deus deu-lhe almas a cada parada. Em sete meses, houve quase oito mil conversões. Muitos membros da igreja foram santificados, cheios do Espírito Santo e passaram a ter mais fervor. William aprendeu a pregar por intermédio de intérpretes, e Deus deu-lhe nova visão de colheita e de reavivamento por meio de evangelistas negros.

Os sul-africanos brancos, da igreja reformada holandesa, ficaram a princípio horrorizados com o fato de William convidar as pessoas a virem à frente para orar por sua salvação e por William orar e aconselhá-las durante a oração. William mudou-se para King Williamstown, onde havia seiscentos convertidos. Em Heald Town, o Espírito de Deus foi derramado de forma tremenda, e em dois sermões de cinco horas, 306 africanos e dez brancos se converteram. William registrou: "A espantosa presença e o poder transformador do Espírito Santo suplantou tudo o que já tínhamos visto".[4] Foram provavelmente os dois melhores dias de seu ministério, em toda sua vida.

William mudou-se, por seus próprios meios, e durante dois meses ministrou apenas entre a população negra. Ele partiu com

[3]Ibid., p. 53.
[4]Ibid., p. 143.

seu filho Charles, seu intérprete Pamla e outro auxiliar. Depararam com guerras entre as tribos, as quais William apaziguou, com estradas acidentadas, comida insalubre e desfiladeiros traiçoeiros. Os africanos eram salvos em grande quantidade, e em pelo menos sete cidades centenas se converteram. Quando chegavam a uma nova aldeia, William gritava: "Tragam seus homens, suas mulheres e crianças, e cantaremos uma canção sobre a nação que está acima de nós". Eles cantavam, e Pamla anunciava que, ao meio-dia do dia seguinte, o visitante que viera do outro lado do mar lhes iria relatar as boas-novas que trazia.

A unção sobrenatural de Deus sobre William era tão excepcional, que ele logo passou a ser chamado "o agitador" pela população nativa. Ele aprendeu que, quanto mais do evangelho pudesse comprimir em um sermão, mais poderoso seria o convencimento do Espírito Santo e mais pessoas nasceriam de novo.

## NA INGLATERRA

Em 1866, William levou a família para a Inglaterra, onde imediatamente começou a desafiar o povo para missões e para ganhar almas. Realizou uma campanha de poucas semanas em dezesseis centros metodistas de Londres e uma campanha de duas semanas na City Road Chapel, centro mundial do metodismo. Os resultados foram mais modestos em Londres, mas muitas centenas se converteram.

Em Turnbridge Wells, a família Taylor passou duas semanas na mesma casa com a sra. Catherine Booth, esposa do fundador do Exército de Salvação. A sra. Booth foi abençoada nas reuniões e orou no altar com os que se arrependeram. Um dos abastados amigos de William tentou dar-lhe um cheque de cem libras, mas William rejeitou, porque queria ser auto-suficiente. Entretanto, a partir daquele instante, o amigo passou a doar boas quantias a William, para seu ministério literário.

A sra. Taylor e os filhos voltaram para sua casa na Califórnia. Aportaram em Nova York, e o comissário do trem, que conhecera William na Califórnia, imediatamente os presenteou com passagens para a costa oeste.

## EVANGELISTA MUNDIAL

William logo partiu para Bridgetown, Barbados, onde Deus operou maravilhosamente ao longo de três semanas. William então seguiu para Georgetown, Guiana Inglesa. Uma conferência metodista estava tendo lugar, com certa disputa e alguns mal-entendidos entre os líderes. Deus concedeu a William, de imediato, um reavivamento e sanou as diferenças. Cerca de quinhentas pessoas se converteram. Em todos os lugares em que William comparecia, Deus enviava reavivamento. Ao ficar sabendo que seu filho mais velho, Stuart, que estava em uma escola em Lausanne, Suíça, estava outra vez seriamente doente, deixou imediatamente a Guiana Inglesa e levou-o para um período de férias na Escócia.

No outono de 1868, Stuart voltou para a Califórnia, e William partiu para as Índias Ocidentais. Deus usou-o em campanhas de reavivamento em St. Kitts, St. Vincent, Nevis, Trinidad e Tobago, St. Thomas e Jamaica. Cinco mil pessoas converteram-se e juntaram-se à Igreja Metodista.

William teve de passar pela Inglaterra, a fim de cumprir um compromisso firmado na Austrália. O navio fez uma parada no Ceilão (Sri-Lanka), e ele descobriu que estavam realizando uma conferência de pastores. Então, providencialmente, pregou durante cinco dias sobre evangelização, e Deus usou esses cinco dias para reanimar os pastores.

Em 1869, William começou um segundo período frutífero de catorze meses em campanhas na Austrália e na Tasmânia, espalhando o fogo sagrado. Relata-se que Deus concedeu uma "maré de salvação"[5] em alguns lugares. Ele mais uma vez aportou

[5]Ibid., p. 171.

no Ceilão e passou três meses trabalhando exaustivamente para a glória de Deus.

## NA ÍNDIA

William já estava com quase cinqüenta anos de idade quando chegou à Índia, em 20 de novembro de 1870. Evangelizou eurasianos, parses, hindus e muçulmanos. Tentava fundar igrejas auto-sustentáveis em todos os lugares por onde passava. A obra na Índia teve um grande crescimento, e ele tornou-se superintendente das igrejas auto-sustentáveis. Financiava seu ministério, viagens e despesas familiares sem se valer de doações, utilizando apenas os recursos oriundos de seus livros. Estava sempre disposto a sacrificar-se por Jesus.

A obra na Índia foi bastante árdua, em especial no norte, que era pouco frutífero. Os primeiros cultos de William em Allahabad e Lucknow não obtiveram grandes resultados. No entanto, três semanas depois da chegada de William a Lucknow, em 25 de novembro de 1870, Deus concedeu um poderoso reavivamento, e mais de cem pessoas se converteram. Um novo e mais elevado padrão de piedade passou a espalhar-se entre os cristãos. Durante todo aquele ano, o espírito de reavivamento ardeu tanto entre europeus como entre indianos. Deus operou tão poderosamente que algumas manifestações do Espírito sobrepujaram qualquer coisa que o bispo Thoburn, que convidara William, tinha visto em toda sua vida.

Em apenas três semanas em Kanpur, William organizou duas pequenas igrejas. Ia de um centro metodista para outro, cumprindo os compromissos agendados pelos líderes da conferência. Pregou em Kanpur, Shahjahanpur, Bareilly, Meerut, Nova Délhi e outras cidades. Deus utilizava o ministério de William para convencer as pessoas de seus pecados ocultos. O enorme poder de seu ministério trazia arrependimento, confissão, perdão de pecados e mudança de caráter. William foi a Bombaim

em 1871. Deus concedeu um reavivamento por meio de seu vigoroso evangelismo, e vários grupos de comunhão foram formados para levar a obra adiante. O primeiro dentre muitos foi organizado em 30 de dezembro de 1871.

William começou a receber mais convites para pregar em outras cidades do sul da Índia. Os que não eram cristãos ficavam impressionados com a transformação moral na vida dos convertidos. No entanto, dois jornais diários e vários pregadores de Bombaim opunham-se a seus métodos e às "conversões repentinas". Apesar da oposição, William tentava fazer que seu evangelismo fosse uma bênção e fortalecesse a todas as denominações. Ele aconselhava os convertidos a retornar a suas igrejas, se lá pudessem encontrar auxílio espiritual, mas os grupos logo se desenvolviam em um novo corpo de igrejas.

A obra não foi interrompida com a partida de William, e continuou crescendo. Ele permaneceu em Bombaim e na região de Poona um ano inteiro. Então, em 2 de janeiro de 1873, começou uma campanha em Calcutá com idêntico derramamento do Espírito. Um observador missionário fez o seguinte comentário a respeito de William: "Que chama de reavivamento ele se tornou! O Deus vivo estava com ele, e o fogo pentecostal era derramado sobre o povo em todos os lugares aonde ia".[6]

## NO SUL DA ÍNDIA

Em 4 de fevereiro de 1874, William partiu de navio para Madras e começou a encher um salão com capacidade para trezentas pessoas sentadas. Na segunda noite, teve uma audiência de trinta pessoas. Em um mês, havia formado oito grupos de comunhão. Em junho contava com oito centros em um perímetro de

[6]John N. HOLLISTER, *The centenary of the Methodist Church in Southern Asia*, Lucknow: Lucknow Publishing House of the Methodist Church in Southern Asia, 1956, p. 123.

330 quilômetros. Em Madras, em um período de cinco meses, já havia 335 membros em dezoito igrejas. William queria que a igreja na Índia se adaptasse aos costumes e às estruturas sociais locais, para que pudesse ser completamente auto-sustentável. Não queria prédios no estilo europeu. A obra que fundou tornou-se a Conferência do Sul da Índia, e ele foi o superintendente.

Quando o reavivamento começou a espalhar-se, William teve de mudar-se para um salão maior, com seiscentos assentos. Ainda enviava os convertidos com formação wesleyana ou batista de volta a suas igrejas, e organizava os outros prosélitos em novas igrejas. Então partiu para Bangalore e encheu o salão disponível. Em cinco semanas, ganhou 140 vidas para Cristo, organizou quatro grupos de comunhão e fundou outra igreja local, que se tornou permanente, com mais de cem convertidos. Também comprou lugares para o estabelecimento de outras duas igrejas.

Ao comentar sobre o reavivamento na Índia, George Bowen, renomado missionário em Bombaim, disse: "Durante os recentes avivamentos realizados por meio do ministério de William Taylor, pregadores de reputação reconhecida tornaram-se completamente inúteis no trabalho de levar almas a Cristo".[7] O bispo J. M. Thoburn enfatizava que a influência reavivadora do ministério de William fora amplamente sentida e marcava o início de uma nova era no campo missionário da Índia.

## O FOGO DO REAVIVAMENTO ESPALHADO POR TODA PARTE

Ao longo da vida de William, o evangelismo, o reavivamento e a implantação de igrejas foram suas prioridades. Ganhava almas para Cristo e acendia o fogo do reavivamento aonde quer que

[7] J. Edwin ORR, *Evangelical awakenings in India,* New Delhi: Masihi Sahitya Sanstha, 1970, p. 49.

fosse. Nos primeiros anos no campo missionário, cooperava de boa vontade com os diversos grupos e igrejas protestantes, para consternação da hierarquia metodista. Às vezes era-lhe muito difícil ajustar-se às políticas e às estruturas do metodismo, apesar de ter permanecido metodista até o fim da vida.

A essa altura, William já estava separado da esposa e dos filhos havia sete anos e meio, por concordância mútua. Havia trabalhado diligentemente durante dois anos e meio nos Estados Unidos, vendendo livros, pregando e levantando fundos para a Índia. Estabeleceu-se por mais seis anos e meio nos Estados Unidos. Passou cerca de dois anos desse período em missão na América do Sul e em 1875 viajou para Londres, atendendo a um pedido de D. L. Moody para auxiliar nas campanhas realizadas na Inglaterra e em Londres.

A necessidade da América do Sul ficou gravada em seu coração. Sem os recursos necessários, viajou em navios de carga, mas considerou essa a melhor viagem de sua vida. Na medida de sua disponibilidade de tempo, avaliava a extrema necessidade dos habitantes locais, em especial a dos índios não alcançados pelo evangelho. A primeira viagem de William para a América do Sul durou seis meses e resultou na abertura de doze centros de educação e evangelismo. Em nove meses, os obreiros foram selecionados, nomeados e enviados. Então começou a fundar missões auto-sustentáveis na América do Sul. Solicitava que os missionários fossem financiados por contribuições de patrocinadores (como o são as missões de fé) e pela atividade de ensino junto a população local. William até escreveu um livro intitulado *Pauline methods of missionary work* [*Os métodos de Paulo para o trabalho missionário*]. Mais tarde, escreveu outro livro, intitulado *Self-supporting missions* [*Missões auto-sustentáveis*].

Será que William estava tão ocupado servindo a Deus que não tinha tempo para aprofundar a própria vida espiritual? Veja seu testemunho:

Acostumei-me a caminhar com Deus por 44 anos, sem nenhum intervalo. Algumas vezes, sentia em meu espírito uma manifestação especial do Filho de Deus, quando me deleitava em observar sua marcante personalidade e em sentar-me em sua presença para admirá-lo e adorá-lo. Quando, com terno amor, solidarizava-me com ele em seu maravilhoso empreendimento de trazer nossa raça perdida de volta para Deus, sentia em meu coração o seguinte desejo: "Que eu possa multiplicar-me por mil e passar mil anos auxiliando a Jesus".

Em outros momentos, sentia uma manifestação pessoal do Espírito Santo e o maravilhoso "amor do Espírito" pelo mundo agonizante. Em adoração e compaixão, punha-me inteiramente ao seu dispor, para que me iluminasse e conduzisse conforme sua infinita sabedoria e amor.

Mas, desde que assumi a expedição para a África, ainda que meu apreço e admiração por Jesus como pessoa e como Salvador não tenha diminuído, tenho caminhado todos esses meses na manifestação da presença pessoal de Deus Pai. Com maior percepção de sua sabedoria, amor, paciência e tolerância, seu infinito desejo de adequar as condições humanas essenciais ao cumprimento de sua aliança/ promessa do Redentor: "Te darei as nações como herança e os confins da terra como tua propriedade" [Sl 2.8] — sento-me em sua presença e, mais do que nunca, choro ao adorá-lo. Sua especial providência sobre mim e minhas funções é contínua e claramente discernível.[8]

## BISPO-MISSIONÁRIO PARA A ÁFRICA

Em 1884, com 63 anos de idade, William foi eleito bispo-missionário para a África pela Conferência Geral Metodista nos Estados Unidos. Ele não se havia candidatado e preocupava-se com a possibilidade de a eleição interferir em sua obra mis-

[8]Recorte de jornal, fonte desconhecida.

sionária auto-sustentável. Vários líderes lhe asseguraram que queriam que seu trabalho continuasse como antes. Ele então fundou missões auto-sustentáveis em Angola, na Libéria, no Congo e em Moçambique.

Após doze anos como bispo-missionário, William foi inesperadamente aposentado pela conferência, em maio de 1896. Ele aceitou a decisão como um soldado aposentado do serviço ativo, dizendo: "Por 54 anos, tenho recebido meus compromissos ministeriais de Deus".

A esposa de William veio da Califórnia para juntar-se a ele em sua última conferência metodista. Juntos, sentiram que, em vez de voltar imediatamente para a Califórnia, ele devia viajar para a África do Sul, como já tinha planejado. Evangelizou por dezoito meses em sua última visita e pregou poderosamente para grandes grupos. Em Queenstown, seiscentos africanos encheram a igreja, e uma centena ajoelhou-se do lado de fora para buscar ao Senhor. A pregação determinada de William tomou o coração de muitos e trouxe-os para o altar, em busca de paz, perdão, pureza e poder.

Já perto do fim de 1897, William sentiu que seu ministério na África havia terminado. Em sua última semana, em uma região selvagem, mas densamente povoada, pregou nove vezes em quatro dias. Oitenta nativos se converteram, e outros quarenta buscaram ao Senhor logo após sua partida. Em outra aldeia, 78 africanos caíram de joelhos diante de Deus, e quarenta deles foram salvos. A visita de dezoito meses de William à África resultou na "salvação de um grande número de almas, e o povo cristão nos lugares que visitou foi grandemente edificado".[9]

## PARA O CÉU

Em 55 anos de ministério, William ficou apenas uma vez de cama por causa de doença (um caso de sarampo), mas quase

[9]John PAUL, *The soul digger, or life and times of William Taylor*, Upland: Taylor University Press, 1928, p. 287.

morreu na viagem para Liverpool, antes de retornar aos Estados Unidos. Recuperou suas forças, zarpou para Nova York e então seguiu de trem para a Califórnia. Uma vez em casa, trabalhou em um extenso livro, *The flaming torch in darkest Africa* [*A brilhante tocha nas trevas da África*]. O mundialmente conhecido Henry M. Stanley, amigo de William, escreveu a introdução.

Por cinco anos, a saúde de William obrigou-o a descansar. Não obstante, prometia orar pelos que estavam nos campos missionários, dizendo: "Teria o maior prazer em juntar-me a vocês, em clamar na batalha pela almas".[10] Mas sua voz estava falhando. William jamais recuava ou duvidava, mas estava sempre disposto a apresentar-se por Jesus e a confiar em Deus para todas as suas necessidades. Foi um extraordinário exemplo do fruto do Espírito que chamamos autocontrole. Ficou incapacitado apenas cinco dias antes de morrer. Deus concedeu-lhe diversas visões do céu antes de finalmente dormir em Jesus, em 18 de maio de 1902, em Palo Alto, Califórnia, com 81 anos de idade.

O dr. J. Edwin Orr, historiador dos reavivamentos, escreveu: "O despertamento de 1858 estendeu-se pelos seis continentes, por meio do notável ministério de um metodista bastante incomum, William Taylor, que provou ser um dos mais versáteis evangelistas de todos os tempos. Um seguidor de Wesley que fez do mundo sua paróquia, de forma igualada por poucos ao longo da história".[11]

[10]David BUNDY, *Bishop William Taylor and methodist mission:* a study in nineteenth-century social history, part 2, *Methodist History*, n. 28, out. 1989, p. 199.

[11]J. Edwin ORR, *Evangelical awakenings in India*, New Delhi: Masihi Sahitya Sanstha, 1970, p. 49.

# EPÍLOGO

O QUE ACABAMOS DE VER FORAM breves relatos da vida de catorze homens e mulheres de Deus que serviram ao Senhor nos últimos cinco séculos. São apenas alguns dentre os heróis de Deus. Optei por esses catorze porque todos eles testificaram de uma experiência posterior ao novo nascimento: foram cheios com o Espírito de Deus. Podem ter usado terminologias distintas para descrever a experiência, mas todos se regozijaram nessa bendita realidade. Espero que você também conheça a realidade dessa plenitude do Espírito de Deus em sua vida.

Você pode juntar-se a mim em oração, para que mais e mais filhos de Deus, a despeito de sua denominação, venham a partilhar da experiência de uma vida de santidade mais profunda. Já estou com 88 anos, e este deve ser meu último livro. Amado leitor, oro para que Deus encha de bênçãos sua vida.

# Bibliografia


Anderson, Courtney. *To the golden shore.* Boston: 1956; reimp., Grand Rapids: Zondervan, 1972.

Bly, Tacey, org., *The poems and hymns of Christ's sweet singer*. Frances Ridley Havergal. New Canaan: Keats, 1977.

Bone, Gratia Hyde & Hail Mary Hyde. orgs., *Life and letters of praying Hyde*. Springfield: Williamson Press, n.d.

Bundy, David. Bishop William Taylor and Methodist Mission: a study in nineteenth-century Social History (Part 1). *Methodist History* 27 (Jul. 1989): 147-210.

______. Bishop William Taylor and Methodist Mission: a study in nineteenth-century Social History (Part 2). *Methodist History* 28 (Oct. 1989): 3-21.

Carrê, E. G. *Praying Hyde*: a challenge to prayer. 3. ed. London: Pickering & Inglis, n.d.

Chambers, Bertha. *Oswald Chambers:* his life and work. Lordon: Simpkin Marshall Ltd., 1938.

Day, Richard Ellsworth. *Bush aglow*. Grand Rapids: Baker, 1936.

Duewel, Wesley L. *Revival fire*. Grand Rapids: Zondervan, 1995.

Edman, V. Raymond. *They found the secret*. Grand Rapids: Zondervan, 1984.

EDWARDS, Maldwyn. *Francis Asbury*. Manchester: Penwork (Leeds) Ltd., 1972.

EVANS, Elfior. *The Welsh Revival of 1904*. Bryntirion. Walt's: Evangelical Movement of Wales/ Bryntirion Press, 1969.

GOFORTH, Rosalind. *Goforth of China*. Grand Rapids: Zondervan, 1937.

HOLLISTER, John N. *The centenary of the Methodist Church in Southern Asia*. Lucknow: Lucknow Publishing House of the Methodist Church in Southern Asia, 1956.

JUDSON, Edward. *The life of Adoniram Judson*. New York: Anson D. F. Randolph & Co., 1883.

KULP, George B. *The calloused knees*. Cincinnati: God's Revivalist Office, 1909.

LAMBERT, D. W. *Heralds of holiness*. Burslem. Stroke-on-Trent. England: M.O.V.E. Press, 1975.

______. *Oswald Chambers:* na unbribed soul. Fort Washington: Christian Literature Crusade, 1983.

LATOURETTE, Kenneth Scott. *A history of christian missions in China*. Taipei: Cheng-Wen Publishing Co., 1970.

LAWSON, J. Gilchrist. *Deeper experiences of famous Christians*. Anderson: Warner Press, 1911.

LUDWIG, Charles. *Francis Asbury:* God's circuit rider. Milford: Mott Media, 1984.

MCCASLAND, David. *Oswald Chambers:* abandoned to God. Grand Rapids: Discovery House, 1993.

MCLEISTER, Clara. *Men and women of deep piety*. Cincinnati: God's Bible School and Revivalist, 1920.

MATTHEWS, David. *I saw the Welsh revival*. Chicago: Moody Bible Institute, 1951.

MILLER, Basil. *Praying Hyde:* a man of prayer. Grand Rapids: Zondervan, 1943.

MORROW, Abbie C., org., *Sweet-smelling myrrh*. Cincinnati: God's Revivalist Office, n.d. (introdução escrita em 6 de junho de 1898).

ORR, J. Edwin. *Evangelical awakenings in India*. New Delhi: Masihi Sahitya Sanstha, 1970.

PAUL, John. *The soul digger or Life and times of William Taylor*. Upland: Taylor University Press, 1928.

PHILLIPS, D. M. *Evan Roberts:* the great Welsh revivalist and his work. London: Marchall Brothers, 1923.

SMITH, Amanda. *Autobiography of Amanda Smith*: Amanda Smith own story. Chicago: Meyer & Brother, Publishers, 1893.

SPEER, Robert. E. *Servants of the King*. New York: Young People's Missionary Movement of the United States and Canada, 1909.

TAYLOR, William. *Street preaching in San Francisco*. Org. W. P. Strickland. New York: Carlton & Porter, 1856.

______. *Ten years of self-supporting missions in India*. New York: Phillip & Hunt, 1882.

TORREY, R. A. *Why God used D. L. Moody*. Chicago: Moody Press, 1923.

UPHAM, Thomas C. *Life, religious opinions and experience of Madame Guyon*. London: Allenson & Co., 1947.

VERPHOEGH, Harry., org. *Oswald Chambers:* the best from all his books. Nashiville: Oliver Nelson, 1987.

WOLSEY, Andrew. *Duncan Campbell:* a biography. Edinburgh: The Faith Mission, 1974.

IHA -


Sobre o livro

*Categoria* • Biografia

*Fim da execução* • março de 2004
*1.ª edição* • abril de 2004

Tiragem Ano
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 09 08 07 06 05 04

*Formato* • 14 x 21 cm
*Mancha* • 10,5 x 18,5 cm
*Tipo e corpo/ entrelinha* • Revival 565 BT 11/ 14,6 (texto); Copperplate Goth BT 18/ 21,6 (título)
*Papel* • Off-Set 75 g/m² (miolo); Cartão Supremo 250 g/ m² (capa)

*Tiragem* • 4 mil exemplares
*Impressão* • Imprensa da Fé

Impresso no Brasil/ *Printed in Brazil*

Equipe de realização

**Produção gráfica**

*Supervisão*
SANDRA LEITE

*Fotolito*
IMPRENSA DA FÉ





**Produção editorial**

*Coordenação*
FABIANI MEDEIROS

*Colaboração*
RODOLFO ORTIZ





*Normalização de texto*
RODOLFO ORTIZ

*Edição de texto*
RODOLFO ORTIZ

*Revisão de provas*
CONTEXTO SERVIÇOS EDITORIAIS
VERNÁCULO ASS. EDITORIAL

*Projeto gráfico*
SONIA PETICOV

*Composição*
SET-UP TIME ARTES GRÁFICAS

*Capa*
MARCELO MOSCHETA